A
VOLTA
DO
INQUILINO
DO PASSADO

COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

COORDENADOR
Antônio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL
Francisco Carvalho
Joaquim Haroldo Ponte
Geraldo Jesuino da Costa

CAPA
Eduardo Campos

MONTAGEM DA CAPA
Assis Martins

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Carlos Alberto Dantas

EDUARDO CAMPOS

A VOLTA DO INQUILINO DO PASSADO

Segunda Locação

(Memória Urbana
e Artigos de Afeição)

UFC
CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL
1998

Campos, Eduardo
C186v A volta do inquilino do passado – segunda locação / Eduardo Campos. – Fortaleza: Casa de José de Alencar / Programa Editorial, 1998.
146p. (Coleção Alagadiço Novo, 160)

1. Literatura cearense - Crônicas 2. Campos, Eduardo - Autobiografia. I. Título (Série).

CDD: 920
CDU: 82-94

“Existem épocas na vida humana que foram feitas
para não ser esquecidas.”

EMÍLIO, *Rousseau*

“O amor é o espaço e o tempo
sensíveis ao coração.”

A PRISIONEIRA, *Proust*

“... quem anda neste mar para afogar-se,
de que serve em quimera consumir-se
ou pensar noutra coisa que salvar-se?

De que serve estimasse e preferir-se,
buscar memória havendo de olvidar-se
e edificar havendo de partir-se?”

SONETO, *Lope de Vega*

ITINERÁRIO

Justificação da
segunda locação, p. 9

PRIMEIRA PARTE
Mais Memórias da Rua do Imperador, p. 11

SEGUNDA PARTE
Memorial de Afeição, p. 87

Subsídios (não convencionais mas curiosos)
à história da odontologia, p. 89

Os holandeses, a Igreja Reformada e o
seu predicante no Ceará (Século XVI), p.. 107

JUSTIFICAÇÃO
(DA SEGUNDA LOCAÇÃO)

Não por empenho de citar, mas por lembrar que nada de mais dou nestas recordações, acudo-me dos versos de André Falcão Rezende:

> "Mas, em que pouco dou, pois é o que tenho,
> Se este ser pouco enfim abate o preço."

Volto por agora a narrar episódios de meu passado, ainda vivo e inserido nas recordações da Rua do Imperador, nas quais persevero jovem.

É o que importa.

Em "A Mensagem" Balzac alude à necessidade de se "compreender a juventude".

Mais faço. Entendo. Não esqueço de modo próprio a que está em mim, que menino sou e estou.

Resgato essas memórias na tentativa de poder contribuir para desenhar hábitos e costumes dos anos trinta, em Fortaleza, certo de não me sentir no exercício de ação singular, mas pluralizado em quantos conviveram esses dias, co-partícipes do mesmo mutirão de emoções.

Portanto, não conto só de mim. Conto de outros, de gentes e coisas, e do passado que está privilegiado em mim e felizmente não ficou só mensurável em calendários nem em relógios de dar horas.

Para terminar, recorro às palavras que Sófocles escreveu em Édipo:

> "Agora me compete ser ouvido
> das vossa atenções: Ponde o sentido
> no que dizer intento..."

PRIMEIRA PARTE

MAIS MEMÓRIAS DA RUA DO IMPERADOR

AQUELAS COISAS

Se não foi um anjo... foi minha mãe, que desceu do céu e me levou de volta ao passado, a ver "aquelas coisas", o chão de tijolo vermelho da cozinha da casa da Rua do Imperador, o cimento alisado (dizia-se "queimado") da sala de entrada do prédio, umas tantas xícaras e bules, e compoteiras enfloradas; e mais a licoreira, que mais parecia um pé de planta, e depen-duradas em sua armação, pequeninos cálices como se apropriados a dar de beber a bonecas, e tudo mais que numa casa, só hoje posso perceber, adequavam-se à sua identidade personalizada, tudo a falar a linguagem da hospitalidade: "É a casa do João – o lar da Isabelzinha."

De ágata o bule do café, e uns pratinhos de durar a vida toda, que mesmo depois de corrompidos pelo perseverante uso, de bordas roídas, e chaboques, acudiam em derradeira serventia: dar leite a gatos...

Em prateleira, na sala de jantar, por cima do lavatório de metal, onde o médico da família lavava as mãos, dois ou três copos de alumínio. O maior, com açúcar e chocolate, mas sem serventia, por isso mesmo, para aparar o leite mungido à porta da casa, às quatro da tarde.

Uma hora depois, acionado por invisível cronômetro de alta precisão, tinha-se o pão do chá. O mesmo pregão – "Olha-o-pão-do-chá"–, a voz tremulando no verbo e a se arrastar, dolo-rida, no substantivo.

Aquela coisa floreada, que andava qual fosse paisagem de cinema, ou visão da serra da Pacatuba com ipês em flor, era o quimono de minha mãe. Ela desfazia-se dele, nessa hora, para meter-se em vestidinho de etamine (como recordo, decorridos tantos anos), enfeitado com falso decote, esse protegido por tecido que levava jeito de crepe, cor de pele.

A mim me faziam ir lavar-se, mudar a roupa; esse momento marcado por antigo relógio à feição de oito grande, em cor nogueira, cuja esfera superior, maior e imponente, tinha o mostrador ilustrado por algarismos romanos, enquanto a inferior, bem menor, não cessava de vazar o cadenciado movimento do pêndulo, já a anunciar ter-se ido o dia, e próxima a volta do dono da casa.

Um cheiro bom vinha da cozinha, anunciando cuscuz, não desses engendrados em cuscuzeiras especiais. A massa do milho, passada em peneira, tinha de se ajustar embolada (mas solta no leite e no açúcar) a caber em prato sujigado por um pano de enxugar a louça, pelo menos assim eu entendia, e largado, por uns poucos minutos, perto de vinte, em panela que figurava meter-se noutra, que nesta borbulhava a água em esperta fervura.

Em outro dia, tinha-se sopa. O macarrão tão comprido, que dava trabalho pescado pela colher. E pelo menos uma vez por semana vinha à mesa o inhame liso (caraquento, nem falar!), e logo amassado, bem amolgado no mel de engenho, em sensuais movimentos que nem Freud, redivivo, saberia ensinar como fazer melhor. O gato do menino que fui (e ainda sou), vinha rondar a mesa, enquanto meu pai, entre uma colherada e outra, repetia a advertência:

" – Esse bicho ainda vai fazer vergonha a gente, em dia de visita..."

Depois do café, o João ia escovar os dentes. Nunca encontrava o tubo de pasta. E minha mãe – acontecia diariamente – vinha acudir, alertando-o graciosa: "Bem nos teus olhos, homem, fosse cobra, te mordia!"

Como descrever o resto? E posso? Havia um vento, e não vinha da rua. Aquilo devia ser um encantamento, pois se metendo pelo corredor ia a todos os desvãos da casa. E não é que soprava também dentro de nós?

OS VESTIDOS DE MAMÃE

A ouvir minha mãe anunciar: "vou me enfeitar", logo compreendia. Daí por diante, compenetrada, ela seguia até o quarto de casal, para se "alinhar" – outro estado de espirito doméstico daqueles dias que, em linguagem abeberado a pro-gramas de televisão do mundo atual, significa "me trocar", o mesmo que mudar de roupa em conceituação mais ampla.

Os vestidos de sair eram confeccionados por D.Sinhá, de quem, noutro lugar, antes, dei informações mais alongadas. A costureira, solteirona assumida, imprimia respeito por sua devo-ção religiosa assinalável em todas as dependências e coisas de sua residência, a começar pelo qua-

dro principal da sala (cópia em bom tamanho da “Primeira Missa do Brasil”, tela em moldura dourada, tela e moldura bastante esmaecidas), pintura de índios nus que se encarrapitavam em árvore enorme, para me assustar, enquanto eu demorava sentado, qual de castigo, a aguardar terminassem as provas tomadas em compartimento contíguo.

Vestido, para senhoras discretas como a Isabelzinha, tinha de ser diferente dos exibidos por madames de pouco res-peito cristão – como se dizia por então –, das que em levantando o braço deixavam entrevisto, e era deslavada desfaçatez, um tanto qualquer, por menor que fosse, da alça do califon ou da combinação.

Lembra-me a coleção de echarpes em uso por aqueles dias. E vestidos de etamine do guarda-roupa de minha mãe, to-dos com mangas compridas. Echarpes andavam em moda, de feitios diferentes, a maioria em rendas, ou de filó, pois de costume apreciado. como elemento de decoro para quem saía à rua, pelas noites, ou de modo particular para a freqüência à missa, principalmente “mães cristãs”, ou para as pretendentes à mesa de comunhão.

Bonito, e edificante ver a fileira de senhoras caminhan-do para diante do sacerdote, todas deslumbrantemente com-templadas de respeito e fé, cabisbaixas, qual se Deus as reser-vasse àquele momento a salvação eterna.

Não recordo ter visto a Isabel de lábios tintados de batom. Se dele valia-se, confomava-o à sua discrição, e só aplicado sutilmente na ocasião em que se ia olhar ao espelho da penteadeira, antes de sair de casa.

Mas a toda certeza, posso afirmar, apreciava o ruge, o de principal em tom carmim atenuado e extraído de caixinha de tamanho diferente das de hoje, e municiada igualmente por uma pluma, com particularidade de ter também almofada de passar no rosto, os dois lados aproveitáveis à conveniência de uso. O ruge, concluo, aviventava-lhe o corado natural de sua cândida fisi-onomia emoldurada em delicada e alvíssima cútis, e criava inu-sitadA sugestão de que, a uma repente, ruborizara-se por ter ouvido palavra inconveniente ou chula.

Não se permitia a Isabelzinha ir às compras (à Praça do Ferreira), sem calçar as meias. Nunca a vi rapando cabelo de perna, nem passando lápis nas sobrancelhas, para torná-las mais finas ou afiladas. O vestido

tinha de cair bem, não muito ajustado à cintura, e a saia, melhor dizendo, a aba da saia, demorando a um palmo do chão, não mais. Se o corpete, ou coisa que valha, concorria para amoldar-lhe os seios, acudia-se logo de casaco providencial. Ah os casacos de minha mãe!, peças dos mais variados estilos e cores, um próprio para disfarçar-lhe o volume dos seios (me desculpe, mamãe!), outro destinado a sublinhar-lhe o sentimento religioso, e, finalmente, o de croché azul ferrete, repetido e tradicional, que vestia para ir à calçada ouvir a prosa dos vizinhos, achando já à época ir-se alterando o clima em Fortaleza, as noites tornadas mais frias...

A AVÓ ASMÁTICA

Durante anos, de principal pelos meus dias de infância, convivi com a "doença da vovó". Na conversa dos tios, de noite, através de portador confiável, sabia-se: a velha senhora, a venerável D. Isabelzinha (Zabelinha, como tratada pelos mais íntimos) enfrentava mais outra aguda crise asmática.

Quanto bastava para ver o sofrimento que se estendia a todos – o terrível martírio da frágil sexagenária a debater-se no interior do quarto, no Prado, bairro em que residia, e onde, fazia desesperado esforço para respirar, o ar sempre indisponível, evadido.

Infelizmente não o acham os asmáticos como minha avó, a restar sentada em rede passada ao meio da alcova, quão desamparada, ofegante e resignada a tomar às narinas uns tantos pós curativos, desafortunadamente inócuos. A "doença da vovó" engendrava providências de afeição, visitas e cuidados, tudo nu-trido com o receituário doméstico de variadas meizinhas; e mais e mais informações de almanaques, indicações de pessoas de igual idade, vãs experiências de outros doentes, pois valia tudo, valia mesmo, até raros e desbotados recortes de jornais antigos. Contanto, apresso-me em apensar, houvesse condições para a enferma poder respirar, e sobreviver.

Por esses dias ouvi falar pela primeira vez do "Cher-noviz". Desde então o famoso memorial terapêutico passou a exercer em mim declarado fascínio.

E o tempo, em sua corrida por diante, muito à frente e quando me vi adulto, ensejou-me encontrar o ambicionado "Chernoviz", pesado e lúgubre volume de consultas ancestrais, e de normal utilizado ainda hoje em minhas pesquisas a interesse da medicina popular. Cópia valiosa adquiri a um já desaparecido sebo, Livraria Gurgel. Valiosa 13ª edição, e que antes de ser meu, integrou a biblioteca do "bacharel em direito" (como firmava à margem das páginas em caprichado carimbo), ilustre desembargador, Álvaro Gurgel de Alencar.

Às páginas do livro o meu antecessor achegou, em cola-ção, velhas receitas e uns tantos avisos de sua conveniência.

Asma, ou mais remotamente *asthmam* como grafado antigamente a malfadada enfermidade, definia-se por "moléstia nervosa", e exigia encompridado tratamento, pedilúvio de água quente, sinapismos aplicados nas pernas, ingestão de água fria com açúcar, em que se deviam pingar 5 gotas de Láudano Sydenham. O paciente precisava permanecer de preferência sentado. Daí o motivo, posso ajuizar, de estar sempre a avó nessa estranha posição, como se a submetessem a castigo.

Não rememoro tudo, que a tanto corro o risco de me tornar enfadonho mais que sou. Porém vale mencionar no tocante à farmácia desses idos as cigarrilhas Barral e outras assemelhadas, prática que, exercitada pela velha senhora achacada, a mim soava como extravagância ou vício.

Eu não queria compreender que "aquilo", a suposta tragada de fumo extraída pela avó de seus costumeiros cigar-rinhos, resultasse em ato de terapia de medicina erudita. E era! A desespero, as pessoas enfermas acudiam-se de tudo.

Vulneradas, frágeis, diante das insólitas surpresas da enfermidade, acometidas de dolorosos acessos, os asmáticos aceitavam (e ainda hoje cumprem) a ingestão das mais incríveis meizinhas. Tudo a prevalecer por aqueles dias, e como valia, para aplacar a agonia a quem se debatia com falta de ar.

Por curiosidade tenho anotada receita de 1877:

"Toma-se uma fieira de ovos de aruá, esquenta-se ao fogo e desmancha-se em uma colher de mel de abelha, doce, que se tomará à noi-

te, sendo para crianças a metade desta quan-tidade. Com poucos dias de uso desse remédio (registrava o informante), temos visto sãos doentes que sofriam há muito tempo, por isso não hesitamos em aconselhá-lo, certo de sua eficiência."

De igual feição o lambedor engrossado com "canudos" de ovos de aruá, a repetir igual efeito positivo no tratamento de tosses rebeldes, sequelas dos acessos.

Mas bom mesmo, capaz de remover de vez a doença, era o asmático ir à beira de rio, agarrar a um cará e lhe cuspir na boca. Efetivava-se assim a transferência da doença para o peixe, e a cura sucedia.

Infelizmente minha avó Zabelinha já não podia usar esse expediente, condenada a puxar a fumaça quer de seus ci-garros, quer de fedorento cachimbo de barro, em cuja bacia de fumo atochava a mais não poder, e de modo tão inútil, uns tantos pós misteriosos.

Seriam os chamados Pós de Abissínia?

OS SINOS

De pequeno afeiçoei-me a som de sinos.

Escrevo no plural como convém sob mil razões, a prin-cipal: sinos soam em muitos tons, e cada qual a nos dizer mensagem algo merecente, individualizada.

Em Pacatuba, às badaladas do sino da Matriz pelas cinco horas, punha-se minha família (tradicionalmente sertaneja) de pé. A cidadezinha e o coração de sua gente espertavam cedo, sem resmungos. Amanhecer feliz em que as criaturas, a meu entender, podiam conversar com Deus. Época que para mim se prolongou até Fortaleza, quando vim morar na Rua do Imperador, tendo ali por despertador os sinos da igreja do Patrocínio. Ninguém, estou certo, se enfastiara ainda das coisas, principalmente dos sons de Deus.

Desde então o meu interesse pelo tema, não obstante nunca mais ter ouvido o repicar dessas divinas sinetas. Sei que esses comunicadores da Fé, em algum lugar, continuam "falando" ainda que entaipados na

muralha vertical de edifícios, furor arquitetônico que prossegue a tosar também, de ano para ano (e o fazendo de modo tão cruel), a vivência familiar de vizinhos.

Mas nem por isso se esvaiu em mim a atenção, mais que atenção, admiração pelos sinos.

Curiosamente num e outro livro que leio, vou marcando tudo aquilo que os relembre, e na verdade tenho aprendido que desde o século V badalam sinos, e já pelos duzentos anos seguin-tes as igrejas edificavam-se a ostentar torres para situá-los alta-nados.

Em dias passados esses bronzes foram mais exigidos. Acudiam por tudo e a todos, meio de comunicação deveras importante. Se o Bispo saía de seu Palácio, aqui no país, a passeio, tocava. Se alguém voava para o céu, deixando as aspe-rezas de nosso mundo, não só as gentes mas os sinos choravam. Também, por muito tempo, davam horas de recolher, o que faziam sempre pelas dez da noite, ou, às vezes, uma hora antes. Às ave-marias, pelo anoitecer, tocavam três vezes.

Ai de quem se arriscasse, no Brasil Colônia, sair à rua depois das 22 horas. Os sinos, posso afirmar, obstavam essa intenção. É como reparou o Padre Perereca (Luiz Gonsalves dos Santos) em livro de memórias para a história do Brasil: "Os sinos e os relógios das igrejas fiscalizavam não só os escravos delinquentes, como também as diferentes classes da sociedade."

Costume do Brasil? Herança de Portugal? Isso, e mais: influências atávicas, algo a se perder no tempo. Na Holanda (conta Paul Zumthon), ao tempo de Rembrandt, o sino igualmente soava às 22 horas. Só demoravam na rua "os guardas noturnos, os malfeitores em seus cantos escuros, e alguns debochados mais ou menos clandestinos."

Objetos (ou instrumentos?) úteis foram eles, e desta-cados. Charles Dickens dedicou-lhes deliciosa história: "A Voz dos Sinos". E a humaníssima Pearl S. Buck, em suas memórias, conta como visitou na China o Templo das Três Irmãs. O sino, ali, foi fundido com os corpos das três filhas do sineiro, única condição para conferir-lhe o som de mágica, impossível de al-guém esquecer...

Não sei como foram fundidos os sinos de Pacatuba ou da Igreja do Patrocínio. Mas posso garantir que andam em ambos os meus sentimentos cristãos, sempre em paz com Deus.

Agora, de fecho seja dito: adoro sinos, mesmo quando, na pétrea floresta, o bairro moderno em que moro, ao acordar, não os escute mais.

OS BARBEIROS ANTIGAMENTE

Houve tempo em que se não ia a barbeiro; o próprio muito, mas muito mesmo prestimoso se dirigia à casa do freguês para cortar o cabelo do chefe da família, e na oportunidade estender sua arte à cabeleira das crianças, meninos como eu por então. Desse modo pelos anos trinta em Fortaleza, na minha rua. E depois ainda por anos a fio, por diante, talvez quase vinte ou mais. Mas não se mencione faltassem salões, melhor dizendo, barbearias, que esses estabelecimentos existiam para a freqüência de gente que apreciava conversar, trocar idéias, a ouvir e ler as ultimas notícias aos jornais... Aí, nessas casas, corriam atenções, prosperavam hábitos e intrigas, e também o modo de ser, vezo de cada pessoa, tudo a particularizar o comportamento das pessoas. Fregueses mais exigentes, por exemplo, tinham pentes e tesouras reservadas a seu benefício. Ai do oficial novato de barbearia que negligente tentasse aproveitar navalha já afiada e aparentemente sem serventia (guardada separadamente); logo acudia pro-fissional mais tarimbado, para advertir: “Não, não mexa nesse “ferro”. É do Dr. fulano...” E era, que o freguês cioso e atento às regras de higiene já guardava na barbearia todo o seu trem de cortar cabelo e aparar a barba. E talco, e mais a indispensável e não menos famosa pedra ume, aplicada em corte no rosto para evitar sangramento; escova de pelo fino, sedosa, que em passe de prestidigitação, terminado o serviço, o barbeiro atirava ao chão, à rua e possivelmente para o mundo, os últimos e renitentes fios de cabelos que ainda se grudavam à camisa de peito duro, engo-mada e tão alva que refletia a claridade do sol.

Mais crescido, começando a sair da rotina doméstica de só cortar o cabelo em casa (circunstância que me infe-riorizava em relação

aos adultos), tornei-me freqüentador da barbearia do Mestre Budu, instalada de modo crônico na Guilherme Rocha. Aí, pelo final dos anos quarenta a casa andava perto de ter as honras de barbearia de primeira classe.

Grosso modo visitavam-nas respeitáveis pessoas do porte do prof. Martinz de Aguiar, do médico e farmacêutico Edson Braga, Dr. Luiz Gonzaga, cujo consultório tomava sala no segundo ou terceiro andar de prédio próximo, na mesma rua. Tido por antipático, mas diferente de outros clientes, muito cordial comigo.

Por esses tempo, barbearia desse porte a reunir mais de cinco profissionais (já corria o ano de 1950), subia de conceito e ganhava certamente a classificação de "salão". Não de raro aí presente, aparentemente recatada, a compenetrada manicura, muito preocupada em erguer a mão a intuito de se abanar, ainda que não fizesse calor, gesto que servia tão só para exibir o emblema de sua discutível seriedade, a aliança de casada.

Desses ditos dias. em minha lembrança, algumas ane-dotas de circunstância.

E outras tantas irreverentes, ou simplesmente histórias chulas que marcavam a época em que as pessoas (numa cidade onde todos se conheciam pelo nome) não trocavam de barbeiro.

Prosperava, acima de tudo, a fidelidade ao oficial da tesoura, e, na recíproca, a sua atenção com o freguês de muitos anos...

Bons tempos! Se alguém não podia sair de casa, em estado de doente ou de eventual gripe, o profissional munia-se dos ferros (nesse conceito as tesouras, os pentes, a máquina de aparar cabelo, afiador de navalha, embrulhados em tolha limpa, alvejada), e lépido, deveras lépido, ia desincumbir-se de sua obrigação.

Corriam anedotas e chistes por esses idos, uns sobre-modo irreverentes: "Quem agrada homem barbeiro", ou, "vê lá se sou barbeiro, para alisar cara de macho..."

Dessa quadra a anedota que costumo repetir, inspirada à tabuleta de certo barbeiro, em Messejana, em que se lia o inusitado aviso: "Aqui não se corta cabelo de "avexado"...

LEILÕES

Na década de 1930–39, os leilões aconteciam fazendo sucesso em Fortaleza, talqual sucedera antes, creio, pelo derra-deiro quartel do século passado. Meu pai não perdia esse espetá-culo, a insistir para a Isabel o acompanhar:

– Vamos, sempre vale a pena ver as *coisas* dos ricos...”

Não só por essa curiosidade, admito hoje, mas para participar de ambiente chique, geralmente a própria residência do proprietário dos bens a leiloar, de comum casa tipo palacete, prédio bem decorado, elemento a mais para atrair a multidão de compradores (não exagero), gente que tinha à sua disposição apetecentes refrescos à mão, serviço prestado por atenciosas copeiras (posso dizer assim?) que também acudiam a matar a sede aos convidados com espumantes copos de cerveja, en-quanto, acrescento, como tantos outros, que não compareciam para arrematar, o João distraía-se em ver, com fingido interesse, a lista dos bens afixados às paredes.

Via de regra davam-se à noite essas promoções, pelas 19 horas, mas não de raro realizadas ao cair da tarde. O sábado parecia ideal, e quando assim marcado, a partir das sexta-feira à noite, os interessados podiam, por antecipação, visitar o local do evento, a conter a idéia dos valores e pormenores dos objetos que se venderiam ao correr do martelo. Contei antes, mas reconto agora.Nessas ocasiões sentia-se o drama dos bens le-vados à arrematação pública, um quer que fosse que os organizadores, durante a emoção teatral dos lances propostos ou aceitos, faziam tudo para encobrir.

Mas qual doença maligna, a estímulo da imaginação mórbida (subjacente nas pessoas), cada um dos presentes, a seu modo, fazia vir à tona, à luz dos castiçais, a feição cruel do que ali se não podia explicar convenientemente. E assim desenhada “outra” história, entrelaçadas ficção e realidade de vidas quase sempre apartadas pela perfídia de um dos cônjuges...

Já distante desses dias, mais amadurecido, pude então avaliar que por isso mesmo quem acudia a ver leilões, *queria* também “arrematar” algo mais, quem sabe? a amargura segre-dosa de infelizes que se per-

dem pelo amor, pelos desvios da fortuna em banca de jogo, sabe-se lá por onde... Os infortúnios não ficavam de todo disfarçados nos móveis, nas coisas, pois há dramas, principalmente os do homem, que jamais se escondem... Pois bem, seja o que fosse continuava existindo a transitar naquelas frases inseridas nos catálogos de venda: “Tendo de ausentar-se para o sul do país, a interesse de seus novos negócios, distinto cavalheiro desfaz-se de todos os pertences de sua luxuosa residência”. Em verdade, por trás desses anúncios quase sempre vicejava alguma dolorosa separação motivada pelas razões sem razões mais antigas do mundo: as da infide-lidade.

Meu gosto pelo antigo, pelos objetos de arte, remonta a esses dias. Logo me acostumaria a estar presente a leilões do tipo doméstico, embora sem atinar para o comportamento de meu pai, que, na realidade, estava mais para espectador que para arrematante.

Em casa, por dias seguidos, a Isabel e o João comen-tavam, a rememorar os lances desferidos pela disputa de alguma peça de cristal, de um certo jarro de porcelana, e os lavatórios que humilhavam o de nossa casa, utensílio indigente da mais fugidia nobreza importada. Os leiloados, pintados à mão, decora-vam-se com flores que cheiravam até.

Ainda se podia admirar, como nos tempos mais recu-ados, uns jarros tipo “fortuna”, ou “estátuas de biscuit”, ou “finíssimos etagéres”, esses quase sempre em vinhático ou jacarandá, e sofás, ah os sofás de “encosto duplo”, muito diferentes do modelo que tínhamos em casa, e se valorizava quando meu pai dizia às visitas: “É de legítimo pau cetim...”

Ia-se a leilão publico como quem vai ver um bom filme. E possivelmente estavam nos móveis, nos objetos, ou em enfeites pouco considerados pelos futuros compradores, mais mistério e mais surpresas que desde cedo me acostumei a encontrar nas fitas exibidas no Cine Luz, da Praça da Estação...

Para concluir: Motta (com dois tês e Joviniano Moraes eram os leiloeiros do século passado, em Fortaleza. A esses sucederia Ciríaco Rolla (com dois eles), e salvo desinformação minha, de ordem pessoal, talvez fosse o leiloeiro que alegrava algumas noites bem especiais do João e da Isabelzinha.

MEDICINA DE ONTEM

De 1930 para cá a medicina desenvolveu-se como nunca. Modernizou-se. Aquelas tantas receitas mandadas aviar às farmácias, escritas em caligrafia quase ilegível, pois de bom tom o médico exercitar seu recado de modo misterioso, enigmático mesmo, foram saindo de circulação, de particular algumas que demoravam encartadas por entre as folhas de velhos e sebentos cadernos de anotações domésticas, prestigiados pelos mais idosos, gente que não se queria rendida a receituário mais atual. Formulários médicos (qual o de Chernoviz) alcançaram no Ceará (no sentido diferenciado de interior, sertão) e também em Forta-leza, grande aceitação, por esses anos, conquanto já fossem perdendo prestígio, e de certa forma olvidados.

Na verdade, reatualizando o que anotei antes, possível entender que a pouco e pouco já se tornassem raros esses livros de medicina antigos, embora na Rua do Imperador ainda preva-lecesse a terapia copiada ao "Lunário Perpétuo", espécie de almanaque que além de informações de interesse da saúde das pessoas informava igualmente o comportamento do tempo, da hora de plantar, de colher, e vaticínios etc.

Mas, ao que importa no momento: algumas receitas mé-dicas da época alcançavam tamanha notoriedade como os remédios mais procurados às farmácias, atualmente.

Vem ao caso, por agora, citar a recomendação médica do Dr. Rufino de Alencar para combater a gastralgia, e que tinha em sua fórmula água cloroformizada, água de canela, água de flor de laranjeira (utilizada também para temperar bolo) etc., etc. Para controlar tremores do corpo, acompanhados de forte dor no ventre e estômago, fazia sucesso uma outra receita assinada dessa vez pelo Dr. Costa Araújo e costumeiramente aviada na Farmácia Silva Thé, que funcionava à Rua Dr. Pedro Borges, 25. Na fórmula salvadora insertos os recursos da tintura de genciana, do citrato de sódio, da essência de quiz (?), outra mais de hortelã e magnésia fluida.

E que diziam as bulas dos remédios industrializados?

Lembro a dos "Verdadeiros Grãos de Saúde do Dr. Franck". Servia para combater a prisão de ventre, o que acon-selhava dando-se a

requinte de atribuir a um certo Prof. Trousseau estes conceitos: “Quantos acidentes cuja causas se ignora e que são devidos à Prisão de Ventre?” – “Quanto à Liberdade, a melhor é ainda a do ventre!” Por outro lado a “Maravilha Curativa de Riker” – “o mais valioso e seguro remédio doméstico” conforme anunciado – servia para tudo. Além de indicado para aliviar queimaduras, frieiras, dor de garganta, mal das cólicas, calos etc., ainda acudia com vantagem para facilitar o escanhoar do rosto.

O “Sal de Fruta Eno”, desses dias, “preparado com fruta sã e madura”, como mencionado, além de prevenir a diarréia, anunciava o seu poder em “tirar a matéria effecta, gotosa, rheumática, ou forma de qualquer veneno do sangue.”

E ao final dessa bula, editada para Portugal, acrescida a informação “Para viajantes, emigrantes, marujos ou habitantes de climas tropicais, é inestimável . Pelo uso dela o sangue conserva-se puro e impede febres e epidemias.”

A 7 de julho de 1891 – eis outra curiosidade do século passado – , nesta cidade de Fortaleza o Dr. Montezuma publicava em jornal citadino informação médica a apregoar as vantagens de pomada composta de iodofórmio, cânfora e vaselina, “no tra-tamento da varíola”.

Queria, dessa maneira, eliminar outros tratamentos mais aconselhados ao tempo quais: “a musselina para cobrir a face e as mãos: tintura de iodo, unções com corpos gordurosos; nitrato de prata; ácido fênico: sublimado corrosivo e emplastro de Vigor.” Mais perto de nós, por aqueles dias ainda da Rua do Imperador, prevaleciam os anúncios de farmácias. A Farmácia Santo Antônio, por exemplo, de Antônio Bandeira & França, em 1936, proclamava em versos:

“Eis aqui minha história
O povo preste atenção:
A Farmacia Santo Antônio
Não possui competição;

Aberta de dia e de noite
Tem um gerente “madeira”
Que vende bom e barato
– O meu amigo BANDEIRA”.

Nas páginas da “Revista do Ceará” (n° 2), o leitor pode ler o clássico anúncio de testemunho personalizado, no caso, do Dr. João Mota: “As “Gotas Artur de Carvalho” têm permanência obrigatória em minha residência, tal a confiança que me inspiram como magnifico auxiliar para combater as perturbações gástricas e se alcançar verdadeira eupepsia...” (Anúncio de 1936).

LEMBRANÇAS DE DOCE

Presente à mesa de nossa casa, na Rua do Imperador, de usual apenas duas espécies de doce: o caseiro, feito com banana prata (por isso mesmo marcado de agradável tom avermelhado), guloseima caprichada pelo muque, isto é, pela energia braçal da Raquel, legítima ancestralidade africana de olfato e tato aplicados à doçaria doméstica; – e o de outro tipo, o fabricado, industrialmente, da marca “Coelho”, vindo de Paca-tuba, da Serra, o rótulo em papel colorido abarcando a lata, o papel quase sempre marcado por fio escurecido, não de raro preto e viscoso, remela (quero escrever assim) produzida pelo vasamento do próprio doce já fermentando, comprimido no flandres além do tempo previsto para sua validade.

Mas ao longo dos dias, meses e ano, não cessava o apa-recimento de mais qualidades de confeitos.

Chegavam à porta, que a rua era o grande mercado desses momentos relembrados. Em épocas assinaladas como que por rigoroso relógio, a todo final de mês surgia a preta do alfenim; e, uma vez por semana, dizendo vender produto de Cascavel – o melhor que podia haver por então –, entrava em cena o vendedor de mel.

E de permeio, mas comum pela manhã, sob o sol enfriado desfilava o homem tangendo animal muito dócil, e na carga a apetecente e “legítima rapadurinha de coco” como dizia, de Aquiraz.

De tarde, pois os vendedores sabiam que os meninos já asseados (“lavados”), estavam pelas calçadas, ao soar das quatro horas não faltavam os vários negociantes de pirulitos, cocadas, algodão japonês e cocadas...

Mas de aguçar a curiosidade visual a vendedora de al-fenim. A preta, mais para rainha de Maracatu que para plebéia cozinheira, entrava solene, e mais solene ia direto sentar-se no chão da sala, logo à entrada da casa, depositando no piso a açafata coberta de alvíssima toalha. Falava desapressada, a es-perar não só a dona da casa estivesse ali, mas logo acudissem os todos da família, principalmente meninos.

Nesse meu caso, apenas eu. Mas a Raquel também vinha ver, talvez um pouco despeitada – posso ajuizar por hoje – por não saber fazer aquelas preciosidades em alfenim.

E em gesto estudado, d. Rosa (admitamos fosse o nome da preta) ia puxando o pano de sobre a cesta, muito a vagar, devagarinho mesmo. E meus olhos, assim como os do pequeno mas submisso auditório, iam-se deslumbrando à alvura olfativa dos doces, que eram bonecos, estrelinhas, rodinhas, folha de planta, cachimbos.... Ah esses os avidamente desejados! Ficavam logo pendurados na minha boca, sob fingimento de fumar em ca-chimbo de barro qual o preferido pela Rachel...

E mais tinha: estrelas, sereias, bonecos, e passarinhos...

Não eram vendidos um a um, mas de quantidade de cinco, a escolha à vontade do comprador.

– Quero só cachimbo, mamãe.

E a mulher logo intervinha, a explicar: *cachimbinho é mais vendido, tem de ir misturado com outros...*

E ela mesma ia acrescentando duas sereias, e uns tantos e delicados passarinhos. Meu Deus, sou capaz de jurar: os pas-sarinhos não se perderam de todo, dissolvidos na minha boca. Vejo-os voando, todos os dias, ao redor de mim, brancos, tão brancos, cor de neve, que nunca vi...

LEMBRANÇAS DE DOCE – II

Na vez dos doces necessário falar urgentemente da contribuição da rapadura à alimentação, vamos admitir, de sobremesa. Em nossa casa não faltava esse tijolo escuro, e tinha de ser bastante escuro para legitimar a qualidade da fabricação. A Rachel repetia sentença fulminante a

propósito de rapaduras alvas. “As claras só têm mistura, uma desgraça, e adoçam pou-co.”

Como cabia a ela o direito de escolher o produto, em nossa casa estava proibida a presença da rapadurinha alva, tentadora pela cor e facilidade de partir-se. A eleita, a boa mesma, a autêntica tinha de apresentar-se “encerada”, resistente ao manuseio em hora de reparti-la, a exigir a ação da faca da cozinha, ou pancada de martelo, até desfazê-la em pedaços, enquanto o João, cioso de seus instrumentos de trabalhos do-mésticos, reclamava: “ Vão melar, estragar meus ferros!”

De especial, à hora do jantar, a presença da coalhada, deliciosa alvura apetecente ao ponto, e estremecente qual geléia à intimidade e penetração da colher que, deflorando-a, arrastava saborosa porção de nata ao prato de quem a desejava. Ora de acudir não com um ou outro pedaço de rapadura, a mais adoçar, mas com as suas raspas obtidas em ato friccional da faca da cozinha a lixiviar, corroendo, o pétreo tijolão de doce..

Na verdade não se comia coalhada com rapadura, mas rapadura com coalhada.

Dela, ao natural, depois de ir ao fogo a cozer, obtinha-se a puxa-puxa, confeito que era gula e entretenimento não res-tritos apenas às crianças pois os adultos a adoravam, conquanto a maioria, principalmente os mais velhos, resmungassem divertidos: “Arranca já minha obturação” – “não tem dentadura que se agüente com puxa-puxa...”

O que não era consumido, acabava virando outra espécie de doce muito especial: alfenim. Mas não se pense que mudava muito de cor, apenas o amarelo mais fechado, enca-ramelado, virava tom desbotado e mais agradável à vista, ao paladar, depois de “descansar” na bandeja, como se dizia, reconfortado com bastante goma...

Ainda na ordem da atração por doces, produtos obtidos diretamente da cana, vem ao caso referir agora o mel, um encorpado e delicioso mel que mercadores com cara e roupa de bisonhos matutos vinham ofertar à porta.

O que percorria a Rua do Imperador aparecia de comum no período da manhã. Não vinha do lado da R V.C. Por essa razão ao chegar à nossa casa, depois de visitados tantos fregueses, já trazia o garrafão da

mercadoria quase vazio. Mas ainda assim a entoar o costumeiro pregão, estirada proclamação, tão encompridada que se não queria acabar.

–Meeeellllllllllll!

Atendendo ao chamado da Rachel, dava alto em frente à porta da casa, logo tratando de arriar ao chão o pote (de flan-dres) que conduzia. Em seguida, depois de dar bons-dias, descobria o gargalo do garrafão, o que fazia retirando a tampa, copo de metal empregado também para a medição do produto, e perguntava:

– Um ou dois canecos?

– Dois!, eu dizia, a prelibar a serventia do mel mis-turado com farinha e remexido, e se bote remexido nisso, em prato de ágata dos que não mais vejo à venda nas lojas.

Mas acidente inesperado, a apontar indesculpável ausência de higiene, interromperia a deliciosa tradição.

Minha mãe, por um desses caprichos do Diabo, indo ao acaso abrir o postigo da porta para esmiuçar o que se passava na rua, deparou o vendedor, o nosso pontual e obsequioso ven-dedor a se deliciar com uns restos de mel, tomando-os em generosos sorvos ao próprio caneco usado nas medição de mer-cados.

Para meu desespero nunca mais a Isabelzinha consentiu comprássemos mel vendido à porta.

CULINÁRIA CURIOSA E ANTIGA – II

Sou de tempo em que se dava valor a caldo de galinha e sopa. Contei antes, mas por agora vem ao caso repetir, por qualquer sintoma de esquecimento – “ai, não sei onde deixei a chave da porta” – “ando tão esquecido!” –, acudia logo a terapia culinária providencial: sopa de cangulo, altamente recomendada para fortalecer a cabeça, revigorar o “juízo.”

E caldos, caldos que ficavam nos limites do mingau, que entre uns e outros a Rachel punha consideráveis sutilezas técnicas. Caldo, a seu entender, o alimento nem de todo diluído, mexido lentamente e

engrossado com a farinha, que acrescen-tava sacudida, quando o produto já andava perto de embolar (emboloar, dizia-se), a mais parecer (não sendo) papa. Tradição portuguesa, creio, e fortalecida naturalmente pelo livro de receitas culinárias da época, tomadas ao "Cozinheiro Nacional", no qual vejo hoje passagem muito especial dedicada a "sopas medicinais", instruções de como fazê-las, a começar do "mingau para purificar o sangue", algo adubado logo de entrada com a presença do inhame, abençoado tubérculo que àquele tempo, de muita pudicícia, servia para estimular também a "vontade" se-xual (hoje falar-se-ia em "apetite"), informação maliciosa, sus-surrada em cochicho pelas mulheres.

Outra sopa, a "anticlorótica", vinha mesmo de enco-menda para senhoras em "falta de sangue..."

Mas a mais curiosa de todas essas refeições da culinária antiga, de certo a sopa "antihemorroidal", a que não me furto de transcrevê-la para a curiosidade do leitor:

"Faça-se caldo de galinha gorda, tirem-se-lhe depois de cozida a carne e a gordura, ajuntando-se-lhe um punhado de alface, chicória, salsa, um pouco de ragu e uma colher de vinagre. Depois de ferver mais um pouco, ponha-se à mesa."

A mão de vaca entra bem noutra receita de sustância, ao preparo da "sopa peitoral".. Ao caldo da já dita parte da vaca chega-se-lhe meia libra de passas e seis colheres de mel de abelha, não faltando o concurso da erva doce.

Indo a ferver essa mistura, que mais parece indicada para aprontar doce, deite-se-lhe mel grosso que deve receber de complemento três bem batidos ovos... Pronto? Não Há de se levar tudo à fervura, antes de servir.

E para curar sífilis, mesmo a "inveterada", e mais a asma, nada como "anum assado ou ensopado".

O "Cozinheiro Nacional" sabia que anum fedia, de sabor intragável. Mas lhe prescrevia a carne bem lavada e cozida só na gordura e no sal. Desse jeito, preparada, devia-se ingeri-la acompanhada de "fubá de moinho" (massa de milho).

Não arrisco opinião no tocante, mas posso, por expe-riência própria, proclamar as delícias de omelete feita com ovos de anum, o mariscado, chamado “anum de enxurrada”....

ROUPA LAVADA

Para garantir a dieta do dia-a-dia a família tinha de contar com a participação de alentado número de personagens. Nessa galeria de atores, o entregador de pão, o vendedor de lenha para o fogão, o leiteiro (trazia às vezes a vaca à porta), o carreteiro, denominado “chapeado” pois o identificava tra-dicional chapinha de metal (dígitos bem ressaltados); – o verdureiro... e mais particularmente, a nosso interesse agora, a lavadeira que, às vezes, podia também exercitar-se como engomadeira (passadeira), carregando a mão na goma, anquanto passava a ferro a roupa.

A lavadeira vinha semanalmente, anunciando-se: “É **ninguém** não, sou eu...”

Ia entrando, a avançar pelo corredor, se curvando para poder passar por baixo das bandeirolas das portas (em nossa casa, praticadas em madeira pintadas antes de branco e depois de amarelo), e, a andar andando até parar na cozinha, onde com um *“Que há de novo, comadre Raquel?”*, aguardava que a dona da casa viesse fazer a conferência das peças que levara na se-mana anterior.

A trouxa de roupa lavada (as peças acomodadas em lençol grande ou cobertor), ia então desfeita, e com graciosa destreza ou magia, ou ambas as coisas, a lavadeira desen-tranhava do monte os vestidos, sungas, bluzinhas e califons, as calcinhas (na verdade calções), e cuecas do João, além de pijamas, toalhas de rosto e banho, e anáguas...

De pé minha mãe empunhava caderno tipo “Avante”, no qual anotara a saída e entrada do material entregue às artes da lavadeira. Um ou outro comentário, coisas assim de bastante intimidade doméstica: “Esse vestido está dando adeus, se despedindo mesmo, nem esfreguei muito se não rasgava...” – “O cinto azul larga tinta.... Não me lembrasse de reparar, ia estragando as anáguas da senhora...”

Chegava o bule do café, costumeiramente servido com pedaço de pão untado de manteiga “Patrícia”. A lavadeira rega-lava-se, já agora bem sentada no tamborete muito à vontade, o vestido arrepanhado, a porção carnuda das coxas revelada, e na frente, sacados, os dois joelhos lisos e polidos...

Depois a mulher cobrava: “Tem muita coisa pra levar?”

“Está tudo aí” – retrucava a Isabelzinha, e novamente olhava e via no caderno as anotações feitas, lendo o nome das peças no rol que engendrado, enquanto a outra parecia ter olhos de mulher de história de fada, a enxergar tudo.

“Essa calça está dando adeus... Um furinho desse não agüenta esfregado... Ninguém pode bater roupa dessa na pedra!”

Minha mãe acudia, atenta: “Você bate muito! Já lhe disse mais uma vez... Em roupa minha nada de arrochar o pau, nem malhar em pedra... Pode vir no natural mesmo. O ano pas-sado, meu prejuízo de roupa foi grande!”

Indiferente, com um muxoxo, a mulher dizia baixo: “Até a gente se acaba, dona...”

Mais tarde, depois de o sol esfriar (a mesma desculpa de sempre para demorar e repetir o caneco de café) ia-se embora a mulher, outra vez abaixa aqui, abaixa ali, mais adiante, caminhando pelo corredor, e minha mãe atrás comandando: “Olha a bandeirola, não me vá bater nela...”

Então, vinha a parte boa em seqüência. A roupa ia parar na cafua, o último quarto da casa, onde de fauces abertas, imponente, esperava o velho baú da roupa lavada...

Da trouxa até ali arrastada pela Isabel e a Raquel, despejavam-se as roupas grandes e miúdas fazendo o ruído fofo de pano a se esparramar, e a tomar os desvãos do móvel No ar trafegava o cheiro bom, talvez de melão-de-São-Caetano,ou de alfazema, nem sei dizer direito... Tudo convidativo, que, de certa vez, sem ninguém perceber satisfiz antigo e acalentado desejo:: meti-me no baú. Tão amável o colchão, que adormeci...

Acharam-me muito depois nesse lugar proibido... mas gostoso.

A SEMANA SANTA

Tudo se aquietava, grave e dolente, a começo da Semana Santa. Em nossa casa, meus pais tosavam quantas alegrias houvesse, se davam a um falar moderado, a cobrar de mim – muito temente a Deus –, voto de silêncio, o que queria significar não elevar a voz, não gritar, não perseguir os gatos de vizinhos ou acertar nos calangros de muro. Só assim a baladeira tinha folga.

Na quarta-feira, já o gramofone de estimação, posto na sala de visita, emudecia. Só no sábado meu pai poderia ouvir, outra vez, as gaiatices de Jararaca e Ratinho, gravadas em disco Odeon.

E a empregada, personagem de lugar privilegiado nessa rememoração, obstinava-se a não varrer a casa, embora a repreendesse a Isabel, a não lhe admitir a desarrazoada tradição importada de Guaiúba, lugar onde nascera.

Na sexta-feira, os atos religiosos da Semana Santa alcan çavam o ápice. Cumpria-se então de modo solene a procissão do Senhor Morto, precedida de andor a conduzir a imagem da Mãe Santíssima. Ai, meu Deus, tudo se punha tão triste, por então, tão triste mesmo, que as pessoas desfiavam suas contas de rosário... e lágrimas.

Mesmo a receio dos poderes divinos, enquanto corriam os comentários sobre as estações que a procissão deveria fazer àquela vez, eu aguardava ansioso o rompimento da Aleluia, momento que liberava o sábado logo cedo, e desse modo a noite alacre prelibada, de alegrias à queimação do judas.

Valia esperar para ver o Judas, posto em engendrado boneco vestido de roupas velhas, e pendurado na forca erecta em terreno baldio, perto.

E de noite haja bomba rasga-lata, haja gritaria, tudo depois da leitura do testamento, com os vizinhos e pessoas mais conhecidas não de raro estomagadas às perfídia desferidas nos versos recitados com gaiatice e perversidade.

Depois corriam comentários sobre os sermões, como o famoso e esperado pelo povo: o do Encontro.

Mas na igreja, como a do Patrocínio, que freqüentei durante muito tempo, podia-se ouvir palavras cheias de pesar proferidas pelo

sacerdote (seria o Pe. Nini?), a recordar em forma de drama o que só muito por diante acabei compre-endendo ser reminiscência de algum Mistério medieval.

HISTÓRIAS DO JOÃO

Ninguém sabia, pelos anos trinta, o que era inflação, mas carestia. Por isso importava muito, e como importava, o "queima", tempo em que as lojas diminuíam os preços em hora de liquidação... modalidade de mercado que não ganhara ainda a pernóstica designação de promoção.

A esses idos, os jornais não falavam em seqüestro, e crimes, com direito a espaço mais generoso nos jornais, só os de gente importante. O maior acolhimento na página que era de casos de policia (e acidentes de trânsito) estava reservado para ladrões de galinhas, malandros que depenavam os galinheiros, qual o de nossa casa, levando sempre o peru que se cevara para o Natal, mas quase sempre dado de presente a quem, no decorrer do ano, havia prestado favor ao João.

Estejamos de acordo desde já: o João só tinha medo de duas coisas: de carestia... e de revolução. E por conta disso, principalmente do último tema, afiou-se em contar histórias, a relembrar por exemplo o que tinha sido a "guerra" em São Paulo, a luta pelo túnel da Mantiqueira, a resistência heróica do Gen. Bertoldo Klinger (o mesmo erudito militar que, anos depois, já pelos meus 28 anos, tomaria caipirinha em minha companhia, e da de meu tio Aristides, em bar da Avenida São João, em São Paulo).

Na roda da calçada, calavam-se todos para ouvir o João. De se lhe ver a sobriedade de gestos a começo da narrativa, e por diante, crescendo a emoção, o se levantar da cadeira, o andar de braços abertos, e nisso tudo nada mais fazendo que representar como nenhum outro artista.

Mas tinha um fraco, aliás vem hora de confessar: apreciava repetir as histórias que estavam nele, e dele eram. E mesmo bisadas, ouvidas mais de uma vez, pareciam recitadas pela primeira vez.

E nem mesmo sabendo por antecipação o desfecho, os audientes esperavam todos o final, o que acabava acontecendo em súbita parada

qual de nota musical sustentada de propósito, pausa dramática (hoje eu diria "suspense") em que o ar se lhe comprimia nos pulmões, a respiração ficava sujigada, em átimo que fosse, enquanto o fogo fátuo, o cigarro "Acácia", fosfo-rescente, prendia-se entre seus encardidos dedos, de nicotina no curso de deliberada tragada. Enquanto a voz (não era dele mas de Anton Checov), arrematava a narração, grave e com deter-minação.

Passada a emoção havia alguém para cobrar, como "seu" Victor, maquinista da RVC:

– Seu João, conte agora a conversa do senhor com os fazendeiros em São Paulo, conte...

Então a rua parava, não a rua, a cidade, o sertão, o mundo, para escutar o João contar que em figura de modes-tíssimo agricultor, plantador de café na Serra da Aratanha, o drama que vivera numa roda de opulentos fazendeiros de Pirajui, um deles querendo saber:

– Quanto o senhor "apanha" de café por ano?

O João pensou, pensou, e demorou a responder. Mas não querendo ficar por baixo, afinal arriscou ainda que sem muita firmeza:

– Em tempo de boa safra, "apanho" 600 sacas...

Cada qual a seu turno os demais foram informando. Quem menos colhera da rubiácea, àquele ano, alinhara em galpão 10.000 sacas.

E o João a encerrar esse conto de sua vida, fazia sucesso quando esclarecia para todos rirem:

– "Ora seiscentas! A vez que colhi mais foram seis choradas sacas..."

O MENINO E O CARNAVAL

A primeira idéia do menino sobre o carnaval: o cigarro Acácia, o pai pendurado nele; não apenas o homem, mas a rede, a sala, o mundo, enquanto os seus dedos, que se não queriam soltar do cimento alisado em que se apoiavam, impulsionavam o balanço da rede. Só? Mais: sua voz de quem fumava muito, grossa e cheia de pigarros, cantando: "O teu cabelo não nega, mulata/ Porque és mulata na cor"/ Mas como a cor não pega, mulata / mulata, eu quero o teu amor..."

1932. Depois de mudar a roupa, a Raquel nesse dia veio me enfiar na cabeça o chapelão afunilado, de palhaço. E me deu a meia máscara de veludo, anunciando:

"– Toma, vamos ver o carnaval...'

Daí por diante, quase a mesma cena, pois o João se deixando ficar em casa, desabava em rede branca e perfumada, de varandas arrastadas ao chão, e não obstante, por exemplo, como em 1934, já outra marchinha fazer sucesso ("*Lourinha, lourinha / dos olhos claros de cristal / Dessa vez em vez da moreninha / Serás a rainha do meu carnaval*..."), ele não lar-gava o cigarro nem a mulata do cabelo emblemático.

Sob mil recomendações ("Segura a mão do menino" – "Não fica olhando pros homens" – "Não abandone a criança um minuto, pra não se perder...", lá se ia o menino e a Raquel. Subíamos a Rua do Imperador até a Praça da Lagoinha. E por quê? Inevitável parar na Padaria Ideal, comprar uns biscoitos tipo palito, vários redondinhos e fofos, uns e outros nutritivos. De ovos e manteiga feitos, diziam.

O corso, isto é, desfilar de carros e blocos (mais auto-móveis de capotas arreadas do que grupos de brincantes orga-nizados) circulava a Praça do Ferreira, e chegava até o Passeio Público, aonde por anos com o carnaval já mais pretensioso, se iam alinhar os cordões.

A multidão continha-se por cordas corridas ao longo do passeio, estiradas por guardas civis, curiosos lutando para ganhar espaço e ver melhor as gaitices dos foliões.

Quando as *quengas*, ou sejam, mulheres de vida pouco edificante – no dizer do Pe. Nini – , apontavam no começo da quadra (conhecidas ao longe, pois se arrumavam alacres e incomedidas em cima do estrado de caminhão e aí inseridas entre palhas de coqueiros, tal qual em presépio...) , a Raquel distraía-me a atenção.

"– Agora deixa de olhar e come teu biscoitinho..."

Anos por diante, não posso precisar quando, além do chapéu de palhaço, da máscara de veludo pouco usada já então, eu tinha direito a óculos de papelão e celofane.

Dias esses de uso do cloretil, do tubinho de vidro Rodo (não tardaria a moda do Rodo metálico), a valer mesmo atirar o liquido frio e evanescente aos olhos dos desprevenidos.

Houve dia em que vi um desavisado, homem idoso, dirigir o jato do lança-perfume à peitaça de mulherão, e reco-mendei à empregada:

"– Ensina a ele, que é pra botar nos olhos dela..."

De volta, já em casa, minha mãe me submetia a mim e a Raquel a penoso interrogatório, algo a perder de longe para os tormentos da Inquisição. "Passou muito senvergonha?" – "O menino ouviu algum palavrão? " – "E "aquelas" mulheres, estavam lá? Passaram mais de uma vez?"

Meu pai perseverava ausente do carnaval, a rede indo e vindo, ele pendurado no seu "Acácia". Não comentou nada. Apenas pediu: – "Raquel, bota a chaleira no fogo...Estou esperando o café..."

PARENTES, ANTIGAMENTE

Descendo em linha direta dos dois lados, paterno e materno, vindo de família numerosa e afetiva, de tempo no qual o relacionamento prosperava particularmente aos domingos, quando ocorriam os pedidos de casamentos ou desses a cele-bração, ou chegada de parente ausente por muitos anos, nascimento de novo membro da família, batizados, crismas etc., etc.

A família abrangente, nuclear, isto é, imensa e arrumada toda em torno dos mais velhos, que velhice não era mazela nem incômodo mas esperança de ter mais tempo para amar uns aos outros, a família sempre unida, a repartir exemplos que já se tor-nam raros por estes dias.

Também entrava na conta, isto é, no rol da convivência de bem querer dessa quadra, os anos de 1930 por diante, pelo menos para mim os empregados, gente como a Raquel, que restou em nossa casa ao longo de meio século, a me ajudar na criação doméstica, o que não era raro, pois da mesma maneira no lar dos Benevides (pai e mãe do Artur, Maristela, Fernando, Mirian, Maria José Eduardo etc. , etc, estimados primos) a octogenária Teodora, que, não obstante cega, continuava a ver os benevolentes patrões com a enorme sabedoria e afeição dos tempos antigos.

Quem mais posso arrolar?

Madrinhas – as de todo os tipos, como se verá por diante – e padrinhos. Madrinhas de apresentar, assim men-cionadas, a nomear

moças, geralmente donzelas (às vezes al-guém sem mais oportunidade de casar), que conduzira nos braços um recém-nascido à pia batismal, acontecimento vivamente comemorado à época.

Esse tipo de madrinha entranhava-se na vida do ”apre-sentado”, vale entendido, do batizado, pelo resto de seus dias...

Outra figura não menos importante, o padrinho.

A esse o afilhado devia toda a atenção e regras de obe-diência, e até bênção, caso o deparasse em roda de seus familiares, por ocasião de ir dormir.

Na Idade Média, vejo agora em oportunas consi-derações de Phillipe Ariés e Georges Duby sobre a história da vida privada desses remotíssimos dias, já vigorava o mesmo res-peito:

“O padrinho de batismo era candidato ao papel de padrinho de casamento, encarregado de sustentar sobre a cabeça do afilhado, que se casava, a coroa nupcial do ritual grego.”

A DEFESA DA CASA E DAS COISAS

Não se tinha em nossa casa, às paredes, aqueles pratinhos pro-duzidos sob influência americana, anunciando: “Minha casa, meu cas-telo”; “Deus está aqui” etc., etc. Mas havia a proteção divina, a permitida e a presumivelmente consentida, por trás das portas, no oratório de ce-dro, no baú da Raquel (a empregada), no bolso das criaturas e até mes-mo agarrada ao escapulário, aquele instrumento de ligação com Deus que as mulheres religiosas usavam pendentes ao pescoço, os chamados bentinhos, ou resumidamente atado à alça de combinação.

Desse modo, ninguém se amedrontava ao estrondear de trovões pelos dias de muita chuva, pois os de casa se consi-deravam protegidos por orações gravadas em pedaços de papel aplicados às portas, pelo lado interior dos cômodos, e cuja escrita se arrumava ao pé de tosca cruz negra a invocar proteção à queda de raios...

Por isso ríamos todos quando alguém contava que tio meu, certa-mente com incontrolável fobia, ao ouvir o tiroteio do céu (a Raquel dizia que era São Pedro arrumando os móveis...) ia mais que depressa meter-se embaixo da mesa da sala de jantar...

Mas nem tudo era tão "católico", entenda-se, recomendado pelos padres amigos como o Pe. Nini, pois animada pelos seus ancestrais africanos a Raquel tinha sempre à mão o alecrim, a goma, o óleo (de oliva, o chamado azeite doce?), erva cidreira, vassourinha, alfinetes e barbantes em seu "escritório" de malinações, de onde saíam as "ações", as "fórmulas" – se preferi-rem assim, – para esconjurar os "desgraçados" que intentavam fazer-nos mal. .

Minha mãe, tão santa como todas as boas mães, expro-brava enérgica quando a Raquel do alto de seus tamancos de atacas vermelhas e azuis, ameaçava:

– Não gosto da cara dessa vizinha que vem aqui. "Taco" logo "feitiço" nela.

Não "tacava". Mas corria a esconder o jarro de planta mais viçoso de minha mãe, como contei noutro lugar, logo que a criatura adentrava a casa. E se afastava murmurando em direção a cozinha, dizendo coisas de que não lembro ao certo, mas que falavam em "desfazer a maldade do olhar" etc., etc.

Há orações para essas situações, e em verdade posso até jurar, existem criaturas que vão olhando para a criancinha, e o coitado sem mais aquela vai logo amofinando... Planta, nem é bom falar, já amanhece murcha no outro dia... Desvive, morre mesmo.

Acabo de ver agora em livro do século passado curiosa oração proferida para evitar o ataque do mau olhado;

"Deus te fez,
Deus te criou,
Deus te desolhe
De quem mal te olhou:
Se é torto ou excomungado,
Deus te desolhe do seu mal olhado..."

Convenhamos, este "Deus te desolhe" é realmente precioso.

EM ESTADO DE GRAÇAS

Não só eu, mas os de minha geração, excetuados os de má índole, pelo menos dos nove aos dez anos nos achávamos todos quase sempre guardados pelas atenções cristãs.

O pai podia ir à mercearia, sob mil desculpas e mais para tomar um traguinho (como o fazia o João), que em casa a mãe continuava guardiã fervorosa das virtudes cristãs.

Pelos idos de trinta era assim na Rua do Imperador.

Minha mãe (e creio que todas as mães àqueles dias) podia ser definida fácil: não usava manga cavada, não dispensava a anágua (nem mesmo para estar dentro de casa), tinha oratório no quarto de casal; e não usava roupa transparente (das que em contraluz pode-se ver o recortado da intimidade do corpo); ia à missa todos os dias (assim o Padre Nini não estivesse doente), e não perdia as reuniões das Mães Cristãs, aos sábados, na Catedral – ainda a Sé, com o seu vetusto Cruzeiro, a exigir até dos mais ímpios o sinal da cruz à passagem.

Nessa moldura estive (ou estávamos todos) mais para anjos.

De se ver os preparativos para o exercício da Primeira Comunhão, não feita ainda como hoje com a abundância de chocolate e guloseimas, tudo a parecer mais arrumação de piquenique. Não, juntavam-se os primos, dois ou três, para esse aguardado exercício de fidelidade ao Senhor.

Vem ao caso lembrar por agora a minha Primeira Co-munhão, praticada na Igreja dos Remédios (muito longe, portanto, da Imperador) em razão de nas proximidades, no Pra-do, onde corriam cavalinhos e se jogava futebol aos domingos.

Lá em acolhedora casa, morava o meu primo Geraldo Oliveira, com quem fiz par – e vejam bem – fardado de marujo, com direito a gorro, vejam se podem também recordar, redondo gorro azul cintado por fitinha em que se podia ler: “Cruzador São Paulo”. E não era esse barco o maior orgulho de nossas tradições náuticas?

Até chegar a esse dia de unção religiosa, aprendidas as regras do Catecismo. Davam-se treinos na igreja, como se portar a criança na hora de receber a hóstia consagrada. Ia-se de jejum, com tamanho medo de sucumbir em alguma piloura, i.é, desmaiar a um repente, e nessa

circunstância a afligir mãe e tias, e a empregadas como a Raquel, que acudia a recomendar: “Faz ele cheirar álcool.”

Sucedia como em ritual de passagem. E passagem era mesmo, pois se vendia a idéia que o menino seria menos “menino”, a se tornar dali por diante mais consciente de seus atos, e por isso mesmo deixando de apelar para o Diabo, entidade que ao longo dos anos se metamorfoseou em outros personagens mais cruéis e mais corrosivos à natureza humana.

Criei-me assim, fundamente cristão, mas sem deixar de chamar pelo diabo. E como logo entraram em moda os retiros de cunho religioso, também fiz o meu.

Os meus, digo para melhor, que muitos foram, cada educandário arrebanhando os seus alunos em maior número de adesões, a aperfeiçoar duvidosas virtudes.

Estava mais crescido a essa altura, quando descobri as diferenças das coisas e dos homens.

Enquanto o Pe. Expedito Eduardo de Oliveira (depois Bispo), fumava discretamente o seu cigarrinho “Regência” (já morávamos no Alagadiço), o Pe. Arquimedes Bruno (meu com-fessor) fazia-me seu companheiro, e nós ambos, ele e eu, metidos em calção bebericávamos vivazes como só os de boa saúde e bemaventuradamente contentes com a vida, podem fazer, a des-frutar as boas águas de banho nas salinas dos Costas, em Cau-caia, então chamada Soure.

Por que relembro esses fatos? Sei não... Proust já es-creveu:

“O amor é o espaço e o tempo tornados sensíveis ao coração.” (in “A Prisioneira”).

O meu tempo e o meu espaço, principalmente do pas-sado, estão cheios de Deus

E me acode agora, para explicar e encerrar esta crônica, Balzac:

“Deus é um grande coração de mãe.”

MENINO DE RECADO

Nem todos, menores, e nem todos meninos de recados, mas uns e outros se alugavam às famílias pelos anos trinta, para comprar às bo-

degas, correr atrás de algum vendedor de rua cujo pregão de frutas passara despercebido...

Ou para ir à Praça do Ferreira (quando dizer "vou à praça" envolvia um mundo de propósitos não especificados), a recolher muitas vezes um ou outro boletim com anúncios de tecidos em "queima", tradicional liquidação de artigos das lojas, expediente compreendido quando os donos desses estabeleci-mentos pregavam às portas, ou faziam correr por diante delas, papéis recortados à imitação de bandeirinhas de quermesse, tudo em cordões que às vezes aconteciam de se entrelaçar por cima de fogueira de fingir, um ventilador atiçando, nela, umas tantas folhas de celofane encarnado.

E nesse cenário acrescentado, passeando sobre a calçada, a figura quixotesca, magra e alta, do perna-de-pau, esbofando-se em chamar a freguesia nem sempre bastante aquiescente, mas curiosa.

Continuando: serviam para tudo esses mensageiros de ganho, principalmente para levar e trazer recados. Meninotes todos? Nem sempre.

"Menino de recado" de oito a dez anos, muitos, mas a maioria tendia para a idade adulta, e nesse caso aproveitado também para partir lenha ("rachar lenha", como se falava) aproveitadas para o fogão, ou noutras circunstâncias, usado para puxar água à cacimba ao fundo do quintal, jogar fora (dizia-se "botar no mato"), os perturbadores gatos, libidinosos, incontroláveis, que se hospedavam pelos telhados a miar obscenos "rasga-diaaaabo!"...

Em nossa casa o menino de recado veio acompanhando o carneirinho que o filho querido da casa recebeu de presente. Chamava-se Raimundo, espichado nome pronunciado com ênfase incomum pela Raquel, a admitir no recinto apenas os diminutivos para a criança que continua vivendo em mim..

Mundinho? Mundico? Jamais!

Rai-mun-do! As sílabas bem colocadas, o que, depen-dendo da funcão exigida, o apelativo tinha variações das falas de comédia ou drama.

Se para ir comprar capim verde à Estação Central, onde toda manhã chegava o trem da Matafresca (Baú), trazendo forragem verde

para animais de carroceiros e vendedores ambu-lantes, a voz da empregada soava em tom de ordem unida em quartel. É que o carneiro, naturalmente chamado “Mimoso”, precisava alimentar-se bastante para agüentar o peso de seu já pesado cavaleiro.

Em outras ocasiões, transcorria um quer que seja de comprometimento e amizade, de camaradagem mesmo – não sei se o leitor pode entender –, então o alerta para a missão exigida ressoava com afabilidade, o nome do empregado principiando desanimado até, em crescendo, acentuar-se ao final como se “mundo” significasse tudo, e na verdade um apelido carinhoso.

Um dia, por caminhos misteriosos dos quais a vida não cessa de nutrir-se, “Mimoso” desapareceu. Só o carneiro? Não. Escafedeu-se também o Raimundo, o **Rai-mun-do** como cha-mava a Raquel, e quando o menino a se esgoelar, batendo com o pé no chão, exigia o “meu carneirinho”, de consolação urdia-se a menos provável explicação do mundo.

– O bichinho fugiu, *foi*, desapareceu... O Raimundo *está* procurando...

Ficou o vazio, aquela dor inominável de tudo aquilo que, desejado por nós, de repente resta excluído de nossa convi-vência. E para acudir, preenchendo o na verdade impreenchível, o João antecipou o presente de Natal, um velocípede vermelho, que agradou o menino mas o decepcionou

Espero que entendam. O velocípede não era humano, se humano podia ser aquele carneirinho branco...

Depois de muito tempo, acho que matei a charada do inesperado desaparecimento de ‘Mimoso”. O dono do carneiro era mesmo o Raimundo. Raimundo não, Rai-mun-do... Entrou em nossa casa, com ele; e se foi, de vez, em sua companhia...

A FINAL SERVENTIA DAS COISAS

Como dizer ou explicar da serventia das coisas consideradas em desuso? Ou do aproveitamento material de objetos que perderam a sua utilização própria?

Decida o leitor a vagar, que por hoje quero lembrar contando a sobretaxa de vida, melhor referir, a prolongada utilidade deparada em objetos que numa casa, como a nossa da Rua do Imperador pelos anos trinta, não obstante já perdida a função a que se destinavam, prosperavam úteis em inesperadas reinvenções de utilização.

Para começar vejamos o caso das lâmpadas de ilumi-nação elétrica. Quando não mais acendiam, uma a uma iam sendo reaproveitadas em outros acudimentos.

Minha mãe guardava a menos vulnerada pelo cocô das moscas, que a tinham encaliçado ao longo dos dias, para sua paciente atividade de cerzideira doméstica, ocupação que parecia (e na realidade sucedia) concorrer para melhorar o trabalho executado, a lâmpada intrometida no canudo da meia, procedimento que a tornava enlastecida, e desse modo visíveis os fios, o que facilitava em muito o preciso manejo da laçada da agulha carregando a linha de cor.

Já no setor de interesse do menino, lâmpada queimada (e excluída do uso doméstico) ficava de pronto despojada de seus filamentos internos, a se encher de água limpa e clara, providência que a transformava em rudimentar lente de au-mento.

E para quê? Primeiro para a contemplação fantasiosa e atraente do que se podia ver por esse improvisado óculo mágico, nessa licença de avaliação. Segundo, pelo diabólico aprovei-tamento da luz do so, que. passando pelo bojo da lâmpada, ia incidir em foco perverso sobre desprevenidas formigas.

Panelas inseriam-se em outros tipos de variáveis e até discutíveis serventias. Se furadas, das que já não mais sustentavam os remendos aplicados pelo consertador ambulante, de oficina à porta (de que cuidaremos adiante), e depois de suportarem o forte crepitar das chamas do fogão, daí por diante, disfarçadas em rodilhas de papel de seda das mais variadas cores, acabavam trepadas no parapeito da varanda da cozinha, atochadas de caládiuns, e de florzinhas miúdas tipo eu-e-tu...

Meu pai, pendurado em seu cigarro Acácia, seu consolador endêmico, em tom gaiato, troçava:

– Não demora alguém entrar aqui e na jardineira en-contrar um pinico velho com as plantinhas da Isabel...

Caixa de sapato vazia concorria para múltiplas aplica-ções, pois dependendo das necessidades, acolhiam botões, cadarços, latinhas vazias, fechos de abotoar chamados de pressão (nunca mais os vi), alfinetes, agulhas, carretéis de linha etc.

E guardavam principalmente retratos de parentes. Nesse caso reservava-se a mais robusta e bonita caixa de papelão só para fotos, em cujas entranhas transitava continuado odor da naftalina que concorria para evitar a ação da traça mas não a do esquecimento...

Espelho quebrado, de que se dizia dar "azar", "atrasar a vida do cristão", o menino aproveitava. E como! Horas a fio manejado por suas mãos transportava a luz do sol, refletida, para atormentar a gatos e lagartixas, e até pessoas idosas que, desprevenidas, passavam na calçada.

A CARIDADE, ONTEM

Sou do tempo em que se dava bolacha fogosa, de esmola, rotineiramente. Redonda era, e do tamanho do prato dito "de doce". Usada para sobremesa, estava à venda em padarias e mercearias, muito apreciadas para, reforçando, acompanhar, o café da manhã.

Pedintes percorriam a rua aos sábados, referencial que me proporcionava saber, de verdade, ser domingo o dia seguinte. Cedo, o peditório.

É que, por esses dias, ninguém dormia até depois das sete, em sendo o sábado, dia de trabalho como outro qualquer, a exigir horários e obrigações.

Pois bem, antes das sete já havia alguém à porta, batendo, e, a tanto, a irritar a Raquel, que daí por diante não parava de resmungar.

– Está começando cedo...

Já sabia como atender ao importunador. Assim dava de mão a uma bolacha ao saco dessas posto em canto da cozinha – seriam umas doze, por aí – e antes mesmo de minha mãe falar "*tem gente batendo na porta*", a empregada percorria o corredor da casa, mais irritada e talvez mais cruel do que nunca, para executar a tradicional caridade dos patrões.

Mal, mas muito mal mesmo, quando quem estava do lado de fora do prédio, pedia água. Aí então a Raquel tinha mil desculpas, umas, lembro por hoje, autênticas peças de matreirice na transferência de encargos: "Não sei mexer no filtro da mulher, é coisa da moda..." – "Peça na outra casa, lá tem gente pra atender" – "A copeira aqui está dormindo..."

Minha mãe percebia-lhe a má vontade e a admoestava do interior do quarto, na tregua de uma ave-maria e outra, que recitava:

– Deus te castiga, criatura! Quem nega água morre de lingua seca...

Indiferente a mulher fazia novo percurso pelo corredor, a murmurar, repetindo baixinho sua matemática de aborreci-mentos:

– Já é o terceiro que pede bolacha e água...

Nesse andar e por essas peripécias estabelecia-se à porta o fluxo de miseráveis, idosos quase todos, e cegos não de raros, movimento que às vezes tendia a diminuir até acabar de vez, depois das dez horas, quando o sol, dardejando, entrava cru-el a fustigar rigoroso a corrente humana de excluídos.

Esse quadro tornava-se mais dramático em épocas de insucessos climáticos, como em 1932, por exemplo, ocasião em que desfilavam famílias inteiras, caquéticas, a implorar. Por tais dias malsinados, justiça seja feita, a Raquel tinha abrandado o coração. Logo acudia à porta da rua, ao ouvir o vozear dos que se aproximavam. Tenho pra mim, passados tantos anos, que ela movia-se assim pressurosa, para saber se na grei dos retirantes não se metia algum parente vindo da Guaiúba, tangido pelo tempo cruel.

Às vezes, insegura, comentava:

– Aquela criatura é ver minha prima.

..

Não era, graças a Deus.

OFICINA À PORTA

A oficina vinha à porta; punha-se diante dela, ou impro-visada ao lado, no fio da calçada, eu querendo ver o que fazia o consertador de

panelas (paneleiro), o amolador de tesouras e facas de cozinha, o sapatateiro que, qual os demais, atraía atenções.

O último de maior freguezia..

Por horas a fio o homem ajustava meias-solas, substituía atacas dos tamancos por então em moda, e em todos os tamanhos, vendidos à porta por espertos tamanqueiros. Podiam ser comprados às mercearias.

E mais havia quem acudisse à rua e às casas, e mais: à intimidade do lar, gente contratada por "um dia de serviço" como se dizia, para aparar galhos murchos às fruteiras de quintais. Ainda intactas até hoje no meu museu do coração, a tirar folhas secas a jarros, lavar jarra da água de beber (antes do advento do filtro de vela), onde esfriava, decantando, a apregoada cor azul da puríssima água do Zuca Acióli. Havia mais alguém?

O funileiro, especialista em reparar as calhas de descida da água da chuva, aquelas, no telhado, aprecialíssimas pelos gatos amorosos, extremados em paixões de violências e carícias mediterrânicas... O exercicio desaçamado dos bichanos aturdia, incomodava.

Por isso a Raquel levantava cedo a reclamar: "D. Isabelzinha, chame o homem de pegar gato, que os desgraçados já não deixam ninguém dormir em paz..."

O consertador de panelas fazia milagres, fazia! Obturava furos que mais eram chaboques, usando solda capricha-damente aplicada em batidas de martelinho, teco-teco-teco, e qual a aperfeiçoar jóia, vez por outra afastava o utensílio para mais distante dos olhos, e o olhava a ver sua abrangente forma anatômica e de reservada higiene, a avaliar o efeito.

Não de raro desentranhar-se da segredoso silêncio do quarto de dormir o pinico, a que todos chamavam "capitão", "trono" etc.

O de nossa casa, de estimação, receptáculo de aparar tudo que de ruim excretassem as criaturas em começo ou fim de doença; tinha a bacia de ágata aconchegante (e até sensual), a se encaixar em nádegas já acostumadas a seu modelar feitio, que tudo na vida, até as coisas mais vulgares, sabem como agradar.

Pois bem, o pinico recebia também a solda mágica do paneleiro (mas sem batidas de martelo para não "estalar" a louça), o homem discreto em disfarçar a cola escura, que apli-cava com pingo de esmalte branco.

O amolador empurrava a máquina de serviço, espécie de carrinho de menino brincar. A roda maior supria-se por manivela que a fazia girar tangendo polia menor, a dita a desembestar-se zunindo, girando veloz, e a tanto esmerilhando as mil facas que pelas cozinhas já não aparavam mais, principalmente barbatana de peixe, dura de cortar.

A esse rol de oficiais ajunte-se o dono da funilaria.

Acudia às casas a orçar providências mais importantes, como de exemplo quando todo mundo se viu obrigado por postura municipal, a se desfazer dos jacarés da fachada do prédio, permutados por calha zincada, essa agora a descer embutida na alvenaria, a despachar a água do telhado, que, gorgolejando, ia levada para a rua por baixo do passeio... Grande vendedor, o homem! Ao passar por mim, vindo a nossa casa a chamado do João, perguntou:

– Você gosta de brincar de cata-vento? Faço uns pra menino como você. O vento bate nele, ele roda como os gran-dões, de ferro...

A Rachel de longe, a atrapalhar:

– O menino já tem os *brinquedo* dele...

Não só desses tive, para me distrair. Mas outros, bem simples, de se meter em ponta de cabo de vassoura, e em carreira, parte daqui, vai pra lá pela calçada, fazendo-os girar, zunindo, zunindo... Ah, barulhinho gostoso, volto agora a perceber! E você?

FAZENDO A BARBA

Passados tanto anos, e assim mesmo posso jurar que ainda ouço os passos do João se aproximando do parapeito da varanda interna, aquela já descrita por mim várias vezes e na qual a Isabel arrumava uns tantos valiosos (para ela, naturalmente) jarros de plantas e flores; e na verdade recipientes de argila não eram todos, pois havia de um tudo no aproveitamento dessa decoração improvisada: latas de banha cintadas de papel crepom, e mais outros vasilhames, duas ou três desgastadas bacias de ágata, o papel colorido também grudado nelas.

Caminhava, vinha andando vagaroso o João, e era sempre de manhã, quando toda a luz do dia, a clarear de todo, solenizava a vida naquele

sítio, ressaltando os muitos tons verdes das bananeiras, e entrando de casa a dentro, a animar em primeiro lugar a cozinha perto onde chiava a chaleira no fogo para o segundo ou terceiro café do chefe da família.

Cumpria-se então o ritual para o João fazer a barba. O espelho dependurava-se de um prego em posição ideal para nele estar visível a parte maior do rosto, a cara como se dizia, principalmente o queixo onde a barba se acumulava, crescida. Ao lado, em cima do parapeito de cimento liso queimado, arte caprichada de anônimo mestre pedreiro, a bacia com o sabão e o pincel. Quando esse não estava metido no aconchego da água e da espuma, eu me apropriava dele, e me divertia passando-o em minhas próprias faces, alegrado pela sensação de me figurar tocado por bicho.

O João ensaboava o rosto, vap-vap, e de repente se vi-rava para mim a modo de palhaço, abrindo a boca, fechando os olhos, e às vezes até querendo roçar-me a barba por fazer, mas já enlambuzada de sabão.

Ríamos os dois, cúmplices. A Rachel vinha trazer café, a xícara depositada no parapeito, o cigarro "Acácia" já aceso, esbraseado por vigorosa tragada que engolia a fumaça e a sacudia depois de volta pela boca e o nariz, outra demonstração circense.

Nem sempre o João se barbeava usando o aparelho gilete. Às vezes preferia, nem sei mencionar a razão, a amo-ladíssima navalha "Solingen" ao envés da pequena lâmina. Nessa hora, tinha de se ausentar de diante do espelho, ir até o portal do corredor, onde presa por fio de punho de rede, o aguardava correia de couro própria de amolar. Está dito o bastante? Qual, que ainda havia de suprimento à barbearia improvisada um apreciável bastão de pau branco utilizado com igual serventia para a afiação do gume do ferro, algo que depois de tanto friccionado, acabava escuro, empretecido. . Era isso – , dizia meu pai – , que concorria para deixar a navalha "cortando até papel"...

Ainda hoje ouço aqueles passos, o cheiro do cigarro, o toque sensível, gaiato, de seu rosto no meu, coberto de espuma.

OS TONS DA VOZ

Estava em moda cantar. Em meu caso pessoal, já se tinha ido a fase do tenor de banheiro, quando debaixo do chuveiro, na Rua do Im-

perador, pelos anos trinta, a me firmar no piso de cimento frio, eu tentava coordenar os sons de samba ou marchinha de ocasião.

Acrescento: já se fora também a voz de menino, depois de experimentado os vexames da chamada "mudança de voz" cansado de ouvir as pilhérias dos familiares e amigos, a Rachel me advertindo a não tomar água quente da torneira, pois a tanto corria sério risco de ficar falando a vida toda como "pato rouco".

Medo mesmo, eu tive, de ficar com a voz aflautada, emitindo aquele esquisito tom que por diante, ao longo da vida, fui encontrando não de raro em adultos, situação a me sugerir que nem todos acabavam falando grosso como meu pai.

Fazia sucesso no momento o tenor Vicente Celestino. De seu repertório a música mais cantada, "O Ébrio", êxito sempre escolhido por quantos participavam de espetáculos de variedades, de comum em teatrinhos improvisados, festas e quer-messes, e que costumeiramente à época arrebatavam aplausos à platéia.

Já rapaz, quando comecei a estudar no Educandário Santa Maria, ali deparei artista chamado Aldery, a encantar os moradores do Bemfica com as suas exibições no palco do teatro do colégio, e de tradição exigido a interpretar as canções de Vicente Celestino. "O Ébrio", à frente.

De memória, passados tantos anos, perseveram ainda minha lembranças os primeiros versos da letra :

"Tornei-me um ébrio,
na bebida busco esquecer
Aquela ingrata..."

Meu pai aborrecia-se ouvindo-me qual tenor de bote-quim, principalmente porque "O Ébrio" não era de molde, musicalmente, a agradar-lhe os sentimentos. O João vinha de longe, entranhava-se no drama sentimental de "A Pequenina Cruz do Teu Rosário", e quando sabia que as chuvas chegavam se despencando sobre os paudarcos da Serra da Aratanha, em Pacatuba, tornava-se vulnerável ao quinado Imperial e às lem-branças – que perto de morrer gostava de repetir – de banhos de rio, de caminhadas entre arbustos gotejantes, e do pé chap-chap deslizando ou atolando na terra encharcada...

E por então, sabem o que cantava? “A Casinha Branca da Serra”...

Meu Deus, aquele “ontem” de meu pai, aquele passado mais moderado que o meu, comportado como retrato de gente antiga em moldura de sala de visita, não podia ajustar-se aos clangores, se desse modo posso dizer, das músicas de Vicente Celestino.

O mesmo choque eu sentiria anos depois, já com-preendendo melhor a vida, quando meu filho Eduardo (contei antes, há anos) cantava os sucessos do iê-ê-ê, ásperos, chocantes mesmos, confrontados com os das músicas por então de meu agrado, quais “Desejo”. de Noel Rosa, “Amélia”, de Ataulfo Alves, de exemplo.

Ainda hoje, passado tantos anos, vez por outra, eu me imagino cantando “O Ébrio”...

VISITAS OU O DEVER DE VISITAR

Visitar, que vem a ser isso?

Dizer que significa, como querem os dicionaristas, ato de ir ver alguém “em casa ou em outro lugar”, por afeição ou cortesia, não esclarece a contento. Visitar tem mesmo uns quantos requisitos, ou pelo menos tinha antigamente, segre-dinhos e modos, a começar do estado de espírito que anima a pessoa desde a eleição do indumento, do vestido como no caso de minha mãe, pinçado do guarda-roupa com o objetivo de ela desobrigar-se socialmente, andando à roda a Rachel, intolerável testemunha a dar palpite como se na verdade entendesse de mo-da:

– Sei não, não ia “na” casa daquela mulher com esse vestido da flor murcha... Melhor, o casaco comprido, o de bolsinho trepado em cima. E mesmo... – Fazia-se reticente, para disparar fulminante – ... e mesmo a senhora já fez duas visitas com esse *vestidinho* triste....

Pelos anos trinta, a toda certeza, prosperava ainda o hábito das pessoas se visitarem a intuito simplesmente de apresentar cumprimentos por data ou evento especial, ou para agradecer alguma gentileza recebida, relacionamento que à época tornava mais efetiva as regras de cortesia.

Minha mãe parecia possuir agenda especial com o rol dos compromissos em favor da família, e eu imagino, se mais curioso à época,

ainda que de forma ficcional ter divisado no alto da página desse caderninho, na coluna “visitas a pagar”, as obrigações pretéritas, compromissos que ela exercitava sempre tendo-me a seu lado qual pagem, o que na verdade longe de me desagradar valia pela possibilidade de passear de bonde, e de nas casas freqüentadas, costumeiramente de tias (a suceder pelas tardes), poder brincar com primos e primas da mesma idade.

Treinavam-me para o ato de visitar, advertido de deixar no prato, quando servido, o “sobejo”, isto é, restos do que acabara de comer, demonstração pouco convincente, a meu ver, de que eu não era guloso ou esfaimado, circunstância que me levava a ser bastante admirado pela dona da casa;

– Isabelzinha, que menino bem educado! É um homem se servindo... Não come tudo! Tão comportado! Coma, filhinho, coma o restinho... Se quiser mais, a tia vai buscar...

Ia-se em visita por mais razões. Até para agradecer serviços profissionais ora de médico, ora de enfermeiro ou de religiosos. De certa vez além de remunerar o zelo médico com que se houve o Dr. Holanda, a me tratar com êxito de demorado e renitente paratifo, o João e a Isabel foram visitá-lo, os dois metidos em melhor roupa. Minha mãe chique, e meu pai de terno branco, a segurar, elegante, o inseparável chapéu do Chile, em moda.

Cortesia detestável! Para essa visita vestiram-me com abominável blusa de seda palha e me meteram em calça de gabardina, cujo tecido alfinetava-me todo. Horrível !

Na sala de visita do médico, o mundo todo pareceu reunir-se convocado para me ver, acudindo inclusive as empregadas. Creio que até as figuras dos retratos da sala (essa, uma história antiga, do tempo em que os mortos continuavam vivendo emoldurados...), desapearam das paredes para teste-munhar o milagre de minha recuperação.

Referiam todos muito entusiasmados:: “Meu Deus, nem parece que esteve perto de morrer! ” – “ Vai durar muito, Deus o “benza!”

Serviram café e bolo. O bolo veio até onde eu estava, mas passou por mim, e foi regalar a quem estava ao meu lado.. Nesse exato instante o médico, percebendo o meu olhar de glutão, do alto de sua respeitabilidade me confortou com hu-manidade:

– Logo mais o rapazinho vai começar a comer bolo...

ERA DIA DE ANO...

A véspera do primeiro dia do ano importava. Nada mais significativo do que a promitente alvorada dos dias que entra-vam, a um tempo (o que ora se recorda) em que as pessoas ainda vocacionalmente sertanejas se punham a avaliar as perspectivas de chuvas.

Cada qual a seu modo, no ir e vir da bandeja de café, tinha suas razões para decodificar as mutações da natureza, por então mais evidentes os torreões, aquelas nuvens ventrudas e plúmbeas, que, pela tarde, encastelavam-se em ares ainda virgens de satélites artificiais, e por uns tantos dias em que a verti-calidade de moradias não entaipava a majestosa visão do céu.

O menino se fazia folclorista já aí, e nem percebia. Aquietado ao pé do João, que dispensava o café da Rachel em favor do quinado "Imperial" sorvido discretamente, iniciava-se no "cursinho" prático da vida, inserindo-se na moldura de eternas antecipações dos odores da chuva pela madrugada, dos cheiros de mato verde e do ronco de rios descendo cheios, que por esses dias ver rio se empanturrando d'água, até engrossar o seu caudal, ainda era espetáculo para se ver com alegria.

Conto tudo? De certo que não, pois se vinha meter não de raro entre os homens ("seu" Victor, maquinista da RVC, "seu" Leão e outros mais quais o "seu" Cavalcanti, pai do Valté-rio (dono do café Valcan), e o respeitável Raul Braga, a se ligar à roda por conhecer o então ferroviário Arquimedes Campos, parente...) aquele cheiro acre de quem sofre as agruras das gran-des estiagens.

Ah, vinha passear na roda, não de raro, a ferocíssima visão dessa inquilina do desespero, a seca, e que por essa época, em 1932, vi passar pela rua nos andrajos e na miséria não disfarçada da procissão de pedintes arruinados.

Anote-se mais: não se ia à mesa, como na maioria das casas de hoje, para a ceia.

Mas o que lá estava, o perfumado e melento bolo Luís Felipe preparado pela Rachel, vinha à roda dos homens que resistiam ao sono, animados à conversa e ao desejo de con-templar essa coisa mágica que, por mais que se veja, nunca se enxerga corretamente: a passagem do ano.

Dava-se de assistir à queima de fogos pela meia-noite, os de artifício manifestados num ou noutro ponto da cidade. Alvoroçadas, falando alto, pessoas voltavam do "Parque da Liberdade", lugar onde corriam quermesses e de que se falava, desde cedo, andarem por lá uns marinheiros e paisanos valen-tões, em confrontos, intimidando uns aos outros com navalhas.

Dava-se balanço em tudo: ano de mais de vinte la-pinhas (sem contar com a minha, acesa no corredor); duas ou três exibições de fandangos em terreno baldio, perto. E longe, meninos de rua, acudiam a ajudar o coro do bumba-meu-boi em passeata, a lamparina acesa no chifre da armação táurea...

Mais café, mais quinado, mais guaraná para a Isabel que, saindo de seus cômodos, vinha "espiá a cara do novo ano"...

Ao outro dia, a vida repetida de sempre

Mesmice... O João levantado cedo, pendurado no cigarro "Acácia", preocupadíssimo com a cova das bananeiras, a exigir água.

Minha mãe aparecia rezando mentalmente, a correr os dedos nas contas do terço retido no bolso do quimono. A Rachel, havia tempo, preparara o café, e do alto de sua impertinência rural, apressava: – Vê se querem tomar o café, eu tenho muito o que fazer...

Dia de ano, para ela, dia como qualquer outro. Não fosse a mania do "seu" João mandar fazer café para aquele bando de desocupados", tinha ido dormir cedo...

Tinha mesmo.

O RITUAL DAS LÁGRIMAS

Deus que me perdoe, mas quando morreu minha tia Elvira, a bondosa senhora que me ofereceu de presente o primeiro livro a me chegar às mãos (circunstância que me animou aos prazeres da leitura), aprendi mais: a morte de parente querido por aqueles dias, os dos anos trinta, significavam mais que lágrimas, e o arrastar de sentimentos bastante magoados.

E mais, acudo acrescentando, a prelibada oportunida-de de depois da missa de sétimo dia, poder a Isabel receber em casa os da famí-

lia, gente que voltava do Cemitério São João Batista, não muito longe de nossa casa; caravana de mulheres soturnas em indumentos negros, e homens, de chapéu de palhinha ou de massa – os denominados ”do Chile”, com ostensiva fita preta, o *fumo.*

A Raquel, na cozinha, antes de os parentes chegarem, administrava a fervura de encorpado chocolate. Desse um adocicado odor de merenda se desentranhando da panela, a flutuar pela casa. E já na mesa, quando todos se sentavam, em bule especial de ágata (melhor esclarecer: em dois bules, e ambos protegidos por “abafadores”, algo produzido pelo artesanato doméstico de minha mãe, e usado para manter os alimentos quentes, principalmente leite, café ou chocolate).

Na bandeja, decorada de passarinhos alçando vôo, vi-nham à mesa, arrumados em quantidades separadas, uns tantos sequilhos, numerosas torradas de “pão de cruzado”, dormido, e mais bolinhos de goma, que a todos apeteciam, pois enquanto as lágrimas rareavam aos rostos, a gula não tinha freio.

Quem não me via há mais de ano, como o tio José Eduardo Espíndola (era diretor da Recebedoria do Estado), fin-gia admiração a deparar meu crescimento: “Isabelzinha, como esse menino botou corpo!”

E minha mãe esclarecia como se prestasse depoimento a uma televisão que não existia ainda: “É ver que é o Toddy, que ele anda tomando todas as manhãs... Cada copo! “

Os mortos, por esses dias, não desapareciam da con-vivência dos vivos tão depressa como agora. Na caixa de sapatos de guardar retratos arrumava-se a lembrança de quem partia, retratos repetidas vezes olhados e vistos, e ritual de exibição às visitas que nunca deixavam de querer saber “como era mesmo fulana antes de ir para o céu...”

Por morte em família adiava-se a comemoração de aniversário, pedido de casamento, e o próprio. O passamento, de pessoa querida atenuava também as emoções do Natal e do Ano Novo. E o luto era observado até mesmo na intimidade domés- tica. Em mulher, tinha de durar pelo menos seis meses, os primeiros três em “luto fechado”. Ai de quem não se vestisse de preto, que logo havia quem sentenciasse: “Desgraçado! Nem ligou o falecimento da mãe...”

Ninguém escapava à exteriorização da dor, marcada pela centimetragem da roupa em casimira escura, ou de vestido em tecido grosso, também negro.

Não só me contaram depois; tenho foto desses dias... O órfão de pai aos quatro meses, em Guaiúba, fotografado em lúgubre sungão. Ai, que dor! Quem olhava essa horrível lem-brança, não via o pasmo do menino, mas a aplaudida seriedade do luto que cumpria..

MENINO DOENTE

Mãe sabe quando o filho vai adoecer. Tem maneira especial de tomar-lhe a temperatura à testa, a mão nervosa encostando de leve duas ou mais vezes, enquanto a voz de mãe carinhosa (como a da Isabel), em crescente desconfiança, de repente se decide pelo diagnóstico mais conhecido da vida fa-miliar: "Este menino está com febre..."

Assim agia a Isabel de olhos azuis como contas de rosário de vidro; a segunda mãe que Deus me deu, logo, mais que logo a me submeter à aferição do termômetro, o objeto medidor sacudido energicamente pelo braço, e às vezes com tanta ênfase, que o instrumento tocava de bater em mesa ou espaldar de cadeira, partindo-se.

Mas para uso imediato, abaixada a coluna de mer-cúrio, lá se ia o bastonete para debaixo da minha axila, sob redobrada recomendação:

– "Não deixe a manga do casaco ficar roçando, que não marca..."

Mentalmente minha mãe avaliava o tempo – balbu-ciando um a um os segundos até chegar ao que considerava dois redondos minutos, ou às vezes ia vigiar o ponteiro dos segundos de antigo despertador, daqueles que tem campainha em cima da redoma das horas, e ativado por martelinho de vibrar estridências.

Sacando-o do meu sovaco, a Isabel se valia da clari-dade da janela, e mais que pressurosa, sem querer aceitar, avaliava assustada para afinal admitir:

– Meu Deus, mais de 37!

O menino ia para o quarto, em quarentena detestável. E logo acudia a Rachel a dar palpites, longo discurso a começar da possibilidade de que

eu estivesse apenas “de corpo quente”, e não era para menos, ia contando, que andava brabo o calor, e havia ficado um tempão na calçada pulando a “macaca”, nem viera em casa para beber água, tamanho o exagero...

E quando tudo isso falhava, pois a febre era febre mesmo, então a empregada invocava os seus amplos conhe-cimentos medicinais, quase sempre baseados em chás, vindo em primeiro lugar o de limão com eucalipto para “cortar a gripe, se resfriado fosse”, e por diante, chá de casca de laranja (“capaz de ser estômago!”), e por fim, de noite, antes de dormir, a banda da aspirina e chá de cidreira.

Nessas horas eu deixava de dormir em meu canto. Tinha de largar a rede para ir ocupar a cama, onde me deitava ao lado da Isabel, enquanto o João, muito sem jeito mas carinhoso, se dizendo expulso ia valer-se de rede armada no mesmo quarto, passada praticamente em cima da cama.

Ah, o abençoado desassossego de mão de mãe.

A todo instante eu sentia a suave pressão de seus dedos a me segurar o pulso, ou a demorar por alguns segundos na mi-nha testa, enquanto o João flutuava no espaço, agasalhado na rede branca a estremecer a casa com o seu roncado, algo que se truncava quando em momentos providenciais acudia-lhe a tosse característica de fumante inveterado.

De manhã, quando eu abria os olhos, a Isabel já estava por perto com a instrução irrecorrível: – “Se der vontade de fazer xixi, faça no pinico. O doutor vai querer ver “suas urinas...”

NATAL VEM CHEGANDO

Na classificação de meu tio Vicente Eduardo Espín-dola, duas as categorias de católicos: os que “entravam” na igreja e se punham tanto quanto possível estacionados nas proxi-midades do altar-mor, à vista de todo mundo. E os de segundo grupo, uns “desclassificados da fé” que permaneciam do lado de fora do templo rodando na mão o chapéu de massa, como meu pai, enquanto minha mãe, protegida de véu e abundante recato, sentava-se ao lado de outras senhoras cujos maridos (que se

proclamavam maçons, pífio pretexto para fugir de compromissos religiosos) demoravam no patamar, e nesse caso, da Igreja do Patrocínio.

Natal, como o de hoje, pressentido desde meados de novembro, com as lojas e demais firmas comerciais anunciando promoções, não existia.

Eu descobria a aproximação do grande dia do Nas-cimento do Menino, quando dando de começar o mês de outubro o "Tico-Tico" já trazia a modo de encarte as figuras da lapinha de armar, passatempo ou devoção, como de outras vezes antes referi para leitores saudosos e aquiecentes.

As matrizes desenhadas dos personagens do brinquedo (pessoas e bichos, e estrelas, e manjedoura etc., etc) iam arrumar-se, como se colocados em palco, em cima da mesa que servia, no corredor, de suporte de velha estante, um móvel (de legítimo cedro) que acolhia os três raros livros da família ("Guia Prático da Saúde", "Guia do Lavrador", "Dicionário de Gustavo Barroso"), e mais os utensílios próprios do aparelho de aplicar injeção, inclusive velho prato de beiradas roídas, onde se punha tudo a ferver. E por aí mais fios de amarrar, pedaços de cordões e caixas desocupadas para imprevisíveis serventias.

Pois bem, no meio da revista lá estava em página dupla a exibir a boa impressão em cores de pelo menos quatro ou cinco desenhos zoomorfos, e de figuras bíblicas, além de projeções, como sugeri atrás, da cenarização da gruta, do poço e de cercados, que, recortados com a tesoura "Rainha" (minha mãe alertando: "Cuidado, não deixe minha tesoura cair, que se quebra!") acabavam confluindo para formar o que se entendia por "paisagem" da lapinha.

O passo seguinte, desafiante, consistia em iluminar o brinquedo, isto é, obter a concordância da Isabel para que o vizinho, conhecido pelas habilidades de electricista, alongasse o pendente da lâmpada do corredor, providência que obteve "puxando o fio", como se dizia, a ponto de acender duas ou três lâmpadas, uma dessas destinada a clarear o bonequinho de celulóide que representava Jesus em seu humilde berço.

Os vizinhos, ainda cedo da noite (o que acontecia logo depois do jantar, servido em todas as casas pelas dezoito horas) vinham ver o que chamavam de "sabedoria do menino".

Sendo de adultos a maioria dos curiosos, nem sei se por isso, eram eles pouco receptíveis às iniciativas de crianças, e impensada-

mente argüiam como em refrão que “se fosse de **movimento** a lapinha, era mais bonita”.

Eu ficava emburrado, bastante sofrido por não ter aquele apoio (que em muitas ocasiões ainda hoje me falta), ato pelo menos de simpatia mas capaz de encorajar a quem realiza tarefa com boa intenção.

E desses dias de ingênuo Natal até hoje correram muitos anos, mas o menino que recortava figuras de armar, não desapareceu em mim. Aqui está, nessa hora de tanta saudade, como se ainda trabalhasse com a tesoura “Rainha” da rainha mãe.

LEITURAS EM FAMÍLIA

Via-me talqual o Chiquinho de “O Tico-Tico”, ou, emparelhado com Azeitona, Reco-reco e Bolão, personagens da revista, perseverando em aventuras**.** A tanto, a ansiar chegasse novembro, que, desse mês por diante começava a vir encartado n”O Tico-Tico”os moldes de recortar, umas tantas figuras de gente e coisas de lapinha. O brinquedo, armado no corredor, tinha direito a lago, nada mais que um pedaço de espelho ao redor do qual a areia da praia compunha a paisagem.

Contei...

Estou pelos meus dez anos e desde quando ganhei livro, presente de tia Elvira (“As Aventuras do Barão de Murchausen”), comecei a perceber a existência de todo um mundo cativo escondido nas páginas impressas, algo até então irrevelado para mim. Nesse caso, eu via como João se sentia motivado quando lia “A Velhice do Padre Eterno”, fã ardoroso de Guerra Junqueiro, e mais ainda de Gustavo Barroso, de quem sabia de cor um ou outra página de “O Tição do Inferno”.

A Isabel, “mãe cristã” assumnida, freqüentava aos sábados as reuniões paroquiais na Sé, eu seguro por sua mão carinhosa, caudal de proteção. E caminhava cheio de receios a medo das velas que a gente do povo punha acesas ao pé do Cruzeiro, um monumento sombrio, sombrio mas imponente, altanado diante da catedral

Em casa, em suas horas de devoção, a Isabel lia livros religiosos, a esses degustando tão vagarosamente, mas tão vagarosamente mesmo,

que, de certa feita, levou exatamente um ano para chegar à última página da biografia de Dom Bosco.

Quando já não existia mais a Sé, e desconfio que a catedral antiga não é referencial exato para marcar esse tempo ora recordado, eu já ia às livrarias qual a dos irmãos Gurgel situada nas proximidades da hoje sede da Associação Cearense de Imprensa. Era loja ampla e sombria, os livros por ali pendurados como se fossem frutas ou aves abatidas em açougue, obras em sua maioria usadas, aliviadas do pó pela ação obstinada do espanador de penas.

Estava em moda a coleção SIP, mas importavam muito mais, para meu gosto, as publicações da coleção Terra-mar-e-ar. Época em que travei conhecimento direto com Emilio Salgari, Fenimore Cooper, Júlio Verne, afora os livros de Sherlock Holmes e de aventuras escritos por autor alemão, que nem me lembro mais, como "Pelo Kurdistão Bravio".

Com certeza eram já os anos quarenta, ou perto. Ia bem distante meu tempo na escola da professora Maria de Jesus Melo, a fase de transição no Instituto São Luiz, onde convivi de perto com Menezes Pimentel, Octávio Farias e Boanerges Sabóia.Ah, ia esquecendo de mencionar: Raquel, a empregada que me ajudou a criar (em verdade se chamava Jaquelina, nome que rejeitava valentemente por aversão misteriosa), também lia. Não perdia a novela da televisão daqueles idos, o folhetim, literatura plebéia dividida em fascículos entregues à porta da nossa casa, a cada quinze dias...

De se ver a importância da mulata, no meio das outras empregadas, a recontar os lances da heroina perseguida pelo apaixonado, insolente impostor de bigodinho e cabelo alisado com brilhantina que só podia ser "Bandeira"

Esse, o nosso gabinete de leitura da Rua do Imperador.

FARNEL E VIAGEM

Era uma lata de banha, redonda, e de muitas serventias quando desocupada. Servia-me de tambor de desfile militar, o tampo do fundo voltado para cima, o dito de flandres reforçado, bom de receber panca-

da de dois pedaços de pau, a reboar, repercutindo, para desespero, imagino, dos vizinhos da rua.

Não digo tudo, pois vale acrescentar: vasilhame ideal para receber a farinha de ovos com frango desfiado, preparado pela Rachel, farnel indispensável para alguma viagem mais demorada em trem, qual a de destino a Aracoiaba ou Baturité, lugares que visitávamos pelo menos uma vez por outra. Mais frequente ficar a família em Aracoiaba, notadamente pelos dias e anos em que o Arquimedes Campos, parente, servira ali como agente ferroviário, a casa de morada grimpada em alto perto da estação, local que a correção de trilhos eliminaria depois.

Restrinjo a presente informação, nesse exemplo, à viagem com destino a Aracoiaba, a sede do município pelo menos a três quilômetros da estação do trem, aonde íamos às noites, de trole, depois de ver passar o derradeiro cargueiro.

Havia a ponte, o rio Aracoiaba, e muito peixe. Aí aprendi a nadar e a pescar, e a ser tratado com muito carinho pela família Paiva, gente boa que por anos a fio, até bem perto dos nossos dias ainda contribuía para perseverar na afeição e nas lembranças desse passado.

A viagem, até Aracoiaba, devia demorar de duas para três horas. Só comido o frango – ora frango! galinha desfiada –, depois da primeira hora, e em verdade já contentada a gula pelo que se podia comprar a vendedores às estações de trem.

Em Otávio Bonfim começava o “show” de guloseimas ofertadas em tabuleiros. Já apareciam as primeiras roscas, quais estranhas e apetecentes linguiças brancas metidas no braço do vendedor que as agitavam de modo inusitado a chamar atenção.. Pão quente havia, mas o forte mesmo era o pão doce a fingir peixe ou jacaré, e não raros uns arredondados e lascados ao meio.

Em Mondubim, pouco diversificado o mercado em tor-no do trem. Prosperava ai, como em nenhuma outra estação, a oferta de amendoim pôr descascar, e pouco o já preparado ao fogo, em ponto de estalar no dente. Mas assim mesmo melhor que em Parangaba, onde o viajante tinha apenas café e os vendedores de água fria. De longe, viam-se quartinhas, copos de alumínio, mas em maior número os bules de café.... Ah, dava gosto ver os abafadores, um certos arranjos de pano, fingindo

capacete de soldado do temnpo antigo, geralmente coloridos, a cobrir os utensílios, mantendo-os espertados.

Nada, mas nada mesmo, igual à parada do trem em Maracanaú. Sem dúvida estava aí o melhor pão-de-ló do mundo, apetitoso, aflorando em cestas, em tabuleiros, em fiteiros, e até em alguidares. .Por diante, Pacatuba. Ah, a banana-seca, as tais já acomodadas em pacotes, a fruta seca acondicionada duas a duas em folha seca de bananeira, uma delícia! Até hoje sonho com os pacotes de papel de seda encarnada, o pregão dos vendedores, saudade e sabor que jamais se perdem!

COMIDA OUTRA VEZ

Novidade, palavra que está a merecer estudo mais demorado de pessoa de melhor capacitação do que eu.

Novidade, vocábulo tantas vezes ouvido, a querer significar barriga de mulher vinda a qualquer tempo, assim como noutras ocasiões, ampliado o sentido, a lembrar notícia inusitada ("que novidade é essa?"), e. finalmente, em hora mais bem utilizada, como avisos de algo de gostoso para comer.

Faz bem ouvir de alguém a informação: "Hoje temos novidade na mesa..." "Novidade" que bem podia ser, se dito em nossa casa, ovas de curimatã, baião-de-dois, fritada de camarão, essa imperdível, posso dizer, a ressuscitar em minha memória a mesa posta dos domingos, exceção da mesmice culinária do dia-a-dia.

Pois bem, criei-me surpreendido por novidades de boa mesa, pelo menos sob meu entendimento. Mas dizer assim não é falar tudo, porque será necessário acrescentar: novidades esta-banadas. Aliás aprendi o significado de estabanado, vendo o que Mário de Andrade escreveu em seu livro "Os Filhos de Can-dinha", substanciosa crônica em que transitam os nomes de alguns pratos realmente contundentes, panelada, feijoada, todos de "violência estabanada".

Os "estabanados" da Rua do Imperador eram mais toleráveis, embora fossem agressivos ao organismo, caso exa-minados hoje à luz dos ensinamentos médicos.

Pois bem, para começar, em nossa casa era novidade pelo menos duas ou três vezes ao mês o prato de torresmo, arte de boa mesa que a Rachel desenvolvia com esmerado requinte, a partir do fatiamento do toucinho, pum-pum!, a faca batendo, cortando para valer, transformando a peça de gordura em pequenos e apetitosos nacos logo jogados à frigideira forrada de banha.

Por diante vinha a farinha, essa bem solta e sacudida sobre aquilo tudo, quando a comida principiava a cheirar, o odor a inundar a casa, a rua, o quiarteirão, o mundo. Esse delicioso prato deve ter arruinado milhões de vesículas por todo o Nordeste, mas quem lhe experimentou o sabor, jamais esquecerá a delicia de apertar no dente os nacos estorricados e de estalar, hoje se diz cróc, gostoso.

Tem mais. Valia a novidade do tutano. Era de corredor de boi, nem sei de qual parte anatômica animal vinha, só sei mesmo que aperfeiçoava o espetáculo, a cena que era a de se soltar do osso cozido, para diluir-se misturado no arroz, no feijão, na farinha, aquela gelatina levemente colorida. O próprio colesterol? Talvez, mas os desses dias têm morrido até de queda em calçada, mas poucos, muito poucos, se arruinaram de artérias enrijecidas.

A terceira novidade, o tutu de feijão. Pode ter coisa mais gostosa? Acho que Freud teria sido mais genial , se tivesse apertado entre as mãos, amolegando, aquela massa de feijão e farinha, e caldo, até virar essa coisa gostosa resumida a bolinhos e bolões, fáceis de mastigar.

Davam-se se problema de estômago? de intestino?

Importavam pouco, pois não faltava o chá de laranja... ou das folhas do olho da goiabeira.

ASSUNTOS DE FAMÍLIA

A vida no lar, na segredosa convivência familiar, aproveitava à discussão familiar aqueles temas naturais da quadra então vivida, a desses anos que relembro com tanto empenho, e se encarreiram de trinta até a metade da década de 1940 .

Desse modo minha mãe era mais de escutar o João, e jamais esquecia de falar sobre a Igreja do Patrocínio, assunto que confluía para referências mais demoradas às reuniões de natureza associativa, das irmandades, o assunto a acabar cen-trado na necessidade de eu assumir com mais religiosidade (nem sabia direito o que cobravam de mim), a frequência ao templo nos dias reservados aos "cruzadinhos" de fita encarnada (uns dois dedos de largura) atada ao pescoço.

Cansava de referir a isso? Não, e sempre, mas sempre mesmo, dava em recordar o que fora o último encontro da Associação das Mães Cristãs, que integrava, convocada uma vez por mês à Sé, a catedral de então, oportunidade em que podia ver de perto o Amado Pastor dos cearenses, D. Manoel da Silva Gomes, de quem meu pai, às vezes com incomedida irreverência chamava-o de "bolo enfeitado", apelido debocha-tivo, a circular na cidade entre ateus e maçons.

O João, dependendo das doses de quinado "Imperial" tomadas, elegia três de seus assuntos preferidos para animar a conversa : a) Viagem a São Paulo, em plena revolução, garantido por salvo-conduto, passaporte especial para quem se destinava à zona conflagrada;. b) Incursões pelos sertões do Ceará, como caixeiro-viajante de A. P. Bezerra, de que era sócio, numa dessas se hospedando em Aurora, no momento exato em que Lampião e seu bando ameaçavam chegar ali.

E onde entra a Rachel?

Não se interessava por irmandades nem tiros de ca-nhão disparados em São Paulo. Detestava o Bispo, maldizia os espíritas, e a seu ver me castigavam fazendo ajoelhar minutos na Igreja, como se já fosse grande e "entendesse Deus". Tinha assuntos? Tinha-os.

Dava conta da vida dos vizinhos, de quem comprava fiado à mercearia ou enganara o verdureiro...Vivia perguntando, quando faltava assunto na sala: "Quando é que aquelas parentas do "seu" João, vêm novamente aqui pra casa?"

Meu pai desconversava. Apreciava receber a parentes que vinham cumprir algum tratamento médico. Ninguém ocu-pava os outros, deixando o sertão, só para conhecer ou se divertir na Capital...

E quando os temas pareciam esgotados, a família vinha pôr-se entre todos, como enorme rosácea, e dessa fluía a conversa em inesperada transfusão de relembranças afetivas...

Rachel sumia nessas horas, consciente do lema defen-dido: “parente é dor de dente”. Meu pai calava, e minha mãe, já com sono, ia arrumar as suas flores no parapeito do alpendre. Ela também flor, e a essa hora cerrando as pétalas...

PINTANDO O CABELO

Faz sol, dia bem iluminado como convém a quem quer pintar o cabelo. Minha mãe sabe disso; não usa óculos, mas precisa de luz suficiente para ver por onde vai passar a mecha, algo qual boneca de envernizador. Não gosta que a olhem e a vejam nessa operação de rejuvenescimento. Diz para mim, que rondo perto:

– Saia de junto, pode pingar tinta.

Teimo. Quero ver aquela química misteriosa que dis-farça, engoda, faz sumir os cabelos brancos que, na Isabel, em verdade, não são muitos. É o que lhe digo, ela contesta:

– Mas assim mesmo tenho de “retocar”.

Não diz pintar, e talvez eu não perceba que toda aquela atividade de algodão embebido em tinta, vai cumprir,ou cumpre, tão só a missão de encobrir imperceptíveis cabelos encanecidos antes do tempo. Já adulto, a descobrir os meus primeiros fios brancos, explicam-me afinal: na família Eduardo a cabeça fica branca logo cedo...

Ah, pintar o cabelo...

A coisa não é tão simples, pelo menos àqueles dias. Tudo havia de começar com a compra da tintura. Sabem quem a vendia? “O Gabriel”, famosa loja da cidade por seus trinta e dois cadeados de cerrar as portas.

Aquilo, isto é, o vasilhame (latinha) da tintura vinha escamoteado em embrulho próprio, depois passado noutro papel, e o amarrado só desfeito em casa, às escondidas em quarto, a ficar tudo em segredo.

Depois, e isso já se dava na hora do tingimento pro-priamente dito, a Isabel se valia de velha toalha toda pintagalda de manchas, resultado de atividades anteriores.

Estou esquecendo alguma coisa?

Sim, o espelho. Esse de bom tamanho, bisotê, que assim se dizia por então, e diante dele, já protegida pela toalha para evitar salpicos, minha mãe dava inicio ao trabalho. Mas, outra vez, ainda que amenizando as palavras, me enxotava:

– Será que você não tem nada pra brincar?

– Quero só ver ... – Insistia.

– Mas me atrapalho, perco a concentração.

– Que é concentração?

Ela riu e explicou.

Nesse dia acho que a Isabel também teve vontade de passar a brocha improvisada em mim, me enlambuzando. Era o que a Raquel aconselhava:

– Dona Isabelzinha, tisne logo esse menino, que ele lhe deixa em paz.

Ainda hoje quando entro em sala de visita de casa antiga, das encompridadas, eu me vejo sentado ao chão olhando e vendo minha mãe pintar o cabelo.

Pintar, não, retocar.

ABENÇOADAS FRUTAS

Frutas, pelo menos antigamente (vamos dizer, pelos anos trinta), faziam parte – e de modo permanente – da vida familiar, marcando-a de acontecimentos que acabavam muitas vezes resultando em folclore do tipo: ”Fruta de manhã é ouro, de tarde é prata, de noite mata”. Quando em minha infância, na prosaica Rua do Imperador ensinavam-me muitas coisas a respeito, inclusive sobre sua sustância (a Raquel dizia sustança), e por conferirem vitalidade, bastante saúde.

Por isso, na safra do caju apeteciam os mais verme-lhinhos, assim recomendados para as grávidas e meninos como eu (a desmaiar fácil diante do altar-mor) tudo, sigo o raciocínio, a garantir a umas e outros ferro e fisionomia menos pálida. Metia-se também os frutos em

pedaços no feijão, a modo de tempero, e aí o resultado – como comentado – “vinha ligeiro”.

Acho mesmo que havia para cada mês uma ou duas qualidades de frutas à venda no mercado ou à porta das casas, além da banana e do mamão, que perseveravam o ano inteiro. Mas vale incluir nessa coleção o murici, cajás, pitombas e caja-ranas; e carambolas... e macaúbas...

Murici fazia presença, apanhado ao Pirambu, ou, quem sabe? às dunas da Volta da Jurema, onde abundavam perfu-mando o ar, quando por ali se erguiam poucas casas em sítios só freqüentados nos períodos de férias.

Comia-se bastante coco babão, mas a macaúba tinha lugar especial.

Remeto-me ao passado só em pensar, e me vejo atirando o coco da macaubeira ao cimento da calçada, tentando livrar da casca amarela, rígida, a sólida e espessa pasta, gosmenta mas saborosa, algo que em se desfazendo na boca, em ato de consumação, se mal comparo era qual açúcar de chiclete, que, sumido, ficava insípido...

Em maio, por diante, vinha a vez das atas. Podíamos apanhá-las às árvores ao fundo do quintal, onde prosperavam uns tantos frutos já lascados, premiados não de raro pela bicada de sanhaçus.

E mangas?

Menino sabe das coisas, mais perspicaz que adulto. Da-va para perceber o tempo delas, quando acudiam ao mercado, perfumando os balcões, olorosas, e avidamente cobiçadas. Jas-mins, as ditas; e mais outras alongadas, espadas; e umas tantas mais de se meter, inteiras, na boca, deliciosas manguitas.

Outro indicativo da safra: O João, proprietário da tor-refação do Café Peri, abespinhava-se. E de cedo punha-se a resmungar, sentindo-se prejudicado pela queda da venda do café em pó. “A manga já chegou me atrapalhando...

Em casa dos menos remediados a deliciosa fruta virava dádiva. Os mais idosos, excetuadas as crianças, permutavam a refeição de pão e café pela ingestão de mangas, providência que diminuía a demanda do chamado “pão de cruzado” acom-panhado da tigela (pobre não falava em xícara) de café ...

Depois dos cajus, o que se deve entender por diante do mês de setembro, minha mãe torcia para chegar dezembro, e a tanto poder o Zé

Caixeiro, caseiro do Sítio Estrela (no enfriado coração da Serra da Aratanha), despachar-lhe pelo trem os primeiros bacuparis...

Fruto delicioso o bacupari!

Maior que siriguela, redondo como pitomba bem car-nuda, mas senhor de polpa agridoce perversamente gostosa, e à qual se atribuíam resultados medicinais, principalmente o de aplacar os incômodos do estômago, de que se queixava a Isabel, a se dizer para si mesma:

–"Logo terei aqui os meus bacuparis, e adeus digestão difícil..."

Ainda hoje, todos os anos, fico aguardando também os sumarentos bacuparis da "Estrela". Mas nem tudo é como antes. . Falta minha mãe.

EMPINANDO RAIA

Em agosto, mês de desgosto (no plural também) segundo a filosofia doméstica do Ceará, inesquecível mês para quem é menino, pois assinala os dias de empinar papagaio (o mesmo que raia em vocabulário nordestino, e na verdade um artefato de papel de seda, caprichosamente elaborado). Pronto, e preso a uma linha de algodão (por hoje, náilon), vai de vôo pelo espaço a marcar inesperadamente o céu (o que acontece até setembro) com buliçosos pontos coloridos, esvoaçantes e desejados.

Mês tradicionalmente refrescado, quando o lençol pa-rece encolher, não cobrir os pés de quem dorme em rede; mês, repito, cujas manhãs se prolongam gostosas, deliciosamenmte enfriadas.

De ventos desaçamados é todo agosto, disparada ven-tania mexe nos retratos dentro das casas e, na rua, carrega cisco e envolve as pessoas. E se dá por impertinente, curiosa, e a tanto indo aos desvãos de descuidadas saias tipo godê, a despertar impaciência e resmungo às suas donas.

Mês sobretudo de soltar raia, e para tanto tendo de antes fazê-las com a ciência que ainda persiste hoje, já amo-finada, degradada e sem o mesmo entusiasmo dos dias da Rua do Imperador.

Pois bem, sou e estou menino.

A Raquel retornou da loja de “seu” Gambetá trazendo os carretéis de linha para minha mãe costurar a pedalar a máquina “Singer” (o móvel prossegue sob minha guarda, passados tantos anos). E não esqueceu a moça, àquele dia, de me trazer linha 40, as folhas de papel de seda, uma encarnada e outra branca.

E ao lado, no piso do corredor, também estão dis-poníveis as varetas (talos, também chamados palitos) da palha de coqueiro, e mais linha trinta para o atado das peças de figurar o esqueleto da raia, e, naturalmente para concluir, grude...

Ah! grude que só a empregada sabia fazer, aquela coisa capaz de colar tudo a ponto de não deixar romper nem rasgar, algo com um quer que fosse de ciência árabe, estou a imaginar, vagarosamte (melhor dizer sabiamente) preparado, a goma diluída em água morna, a gosma branca levada a fogo desalentado até dar o ponto, o que se ia suceder sem cozinhar de todo, obra de tantos e muitos segredos cuidadosamente zelados. De bom alvitre empurrar o dedo depois nessa massa amolentada, sensível à pressão, e soltar nela uns pingos de sumo de limão, dois pelo menos. Daí por diante estava a coisa feita, pronta para durar uma semana não obstante o detestável bolor amarelo, de fungo, que criava.

Enquanto isso, bem fornida vareta de fingir o esteio principal do brinquedo, varava pelo desenho da raia em trajeto de palmo e meio no máximo, circunstância que acabava por unir as duas travessas de palitos da armação (uma de tamanho maior, a outra um tantinho menor), ambas imbricadas por linha que as ajuntava simetricamente.

Para arrematar, vinha o chamado cabresto, amarrado reforçado, praticado na frente com a finalidade de sustentar a geometria do artefato na linha de tração em ato de puxar, e favorecer melhor ângulo para a sua elevação, quando empinado.

Essa estrutura ganhava um revestimento de papel de seda recortado conforme o molde, e o que sobrava depois de esticado até “os beiços”, tudo tomado e untado mesmo com aquele poderoso grude.

Entre os caládiuns de minha mãe e uns jarros de quebra-panela, eu pendurava o brinquedo para secar.

Daí por diante, só paciência, esperar o efeito da quen-tura do sol, mas a receio de que alguma lufada de vento, mais atrevida, desse com a raia ao chão. Aguardar não mais que dez minutos, mas que valia uma eternidade.

Nesse ponto mandava a regra bater a raia na testa, para ver se nela estava tudo esticado e teso como devia. E bom, mas bom deveras, ouvir o som desse choque na testa, algo incon-fundível, talqual piparote desferido em taça de cristal, a avaliar-lhe a qualidade pelo timbre.

Tinha-o por nave espacial? Qual, aquilo era mais pra balão de Júlio Verne.

A ESPINGARGA

Depois da baladeira praticada em forquilha de rijo pau de goia-beira, glória dos oito anos, a espingarda para passarinhar, atestado de maturidade a marcar, posso lembrar, biologicamente o despontar do adulto no menino venturoso.

Não era promoção efetivada sem protestos, que logo acudiam mãe e avó, intransigentes inimigas de arma de fogo, vozeando contra o seu uso. Demência paterna, diziam, que só os anos podiam corrigir, pois o mundo estava mesmo perdido.

Conto aqui e agora de espingarda das que hoje já não são de espoleta de estar ao ouvido, para disparar. As espoletas, em quantidade, vinham acomodadas em latinha fácil de abrir. Todas iguais, róseas, ten-do ao centro a concentração mais escu-ra, a pólvora, fulcro da ignição. O procedimento, para o disparo, simples. Com a varilha que se alojava imbricada por baixo do cano, socava-se a pólvora e mais a medida (de cova de mão) de chumbinhos tipo sete, que espalhavam tarrafeando a incauta caça.

De permeio, atochada sem muita pressão a bucha de raspas de marmeleiro esfarinhadas depois de ressequidas ao sol do meio-dia, e avaliadas ao côncavo da mão, artificio não consi-derado pelo Sistema Métrico Decimal.

Eram os anos finais de trinta. A rolinha caldo-de-feijão negrejava nos campos, vinha aos terreiros aproveitar a sobra das galinhas. Pela Pacatuba e Guaiúba à bebida desciam as chamadas rolas azuis, passeadoras em terno, circunstância que ajudava o caçador, a um só disparo, abatê-las em grupo.

Troando o estampido, calavam-se os pássaros, metia-se a mata – já desvestida de verdes – em inesperado silêncio. E haja demora, a aguardar se restabelecesse a vida. E se algo parecia mexer, farfalhando folhas e pauzinhos, ia-se ver não era ave se debatendo, a morrer, mas algum teiú atrevido.

Depois em casa o ritual da limpeza da atiradeira. A bacia, uns panos velhos, de certo o espólio de algum pijama. E vinagre, e mais chumaços de algodão, tudo sob a implicância doméstica, não de raro a mais cediça das advertências: "olha, isso pode atirar, fazer artes."

Emílio Rodrigues, caçador da estima de Tomaz de Figueiredo, sabia como poucos tratar suas espingarda de dois canos: "Prevenido com um rebento de oliveira, sarjava-o de topo e em cruz, da parte do pé. Então desencaixados os canos e ta-pados os ouvidos com espigas de feno, de que também no palheiro se prevenira, assentava o retaco num alguidar; enchia cano por cano, e para baixo e para cima, chule-chule com a varinha..." E "zoavam os canos", refere o grande escritor português em " A Toca do Lobo".

Foram-se esses dias. Eles estão sempre indo, meu bom Deus!, que inexorável o tempo vem em nosso rastro apagando o que não temos ânimo de preservar.

Vagamente acesa só essa saudade e o folclore que não se diluiu ainda de todo pelo tempo: "café como lavagem de espingarda", "espingarda de matar veado nas curvas...", "que-brou catolé" etc., etc.

Mas sei, há ainda alguém dentro de mim querendo sair por aí a passarinhar.

A RAQUEL E OS DENTES

A Raquel, aquela como já contei, que detestava o seu verdadeiro nome, tinha manias e ciências. Das manias o primeiro exemplo, e das

artes de estudo o exercício de bem preservada sabedoria, que a acompanhava desde Guaiúba, onde nascera, as sentenças qual esta, de sentido irrecorrível, dita do alto de seus tamancos:

“Parente é dor de dente!

Pelos meus verdes anos, eu não podia ainda dimen-sionar o acerto dessa avaliação, de geral aplicada por ela a propósito da parentela de meus pais. Mas sem a menor dúvida e por ter já sofrido na própria carne, compreendia e até sabia julgar quanto vexava a cárie em danação.

Claro que já me fazia taludinho, vencidos os oito anos, com a experiência da fase da primeira dentição, que essa, a passar para a subseqüente, exigia aos de minha idade todo um ritual folclórico em desuso hoje, vejo. Dessa maneira, tínhamos de ir até o quintal, para atirar ao telhado o dente descartado, ação ajudada por voz cadenciada e forte:

“Mourão, mourão,
pega meu dente podre,
me dá de volta o dente são.”

Ah... Por esses dias qualquer caricatura alusiva à sala de espera de consultório de dentista, vista em almanaque, havia de mostrar alguém, risível paciente, o lenço passado por baixo dos queixos para “segurar” inflamação e dor.

À própria Raquel, de certa vez, veio para diante de mim, com o rosto praticamente escondido em amarrado impro-visado a um velho pano de enxugar prato, e nesse, digo, no dito pano, repetidas pinceladas (enlambuzadas, mesmo) de azeite doce (óleo de oliva), cravo pisado, mastruço... e até picumã.

Claro que já existiam dentistas, e o de nossa casa, exce-lente criatura humana, Dr. Raimundo Santos. Mas chegar até o seu consultório, exigia aproveitado até não mais agüentar o exercício de pequenas práticas de magia e terapia popular, de especial prescritas pela Raquel, a preferir aproveitar os mais diversos recursos de sua fitoterapia de fundo de quintal. Dessa forma enquanto não abria “cacimba” no dente

infectado, a empregada ia à cura por intermédio de folhas pisadas, de chás, de sucessivas cauterizações, a começar das aplicações tópicas com algodão embebido em álcool. Por diante, a medicina doméstica ia crescendo em violência, até chegar hora do uso da cabeça de fósforo esmigalhada e atochada na cavidade dolorida. Não era tudo.

Persistindo a dor, nada como rebocar a cavidade doente com um pouco de pólvora de espingarda. Da preta. A branca, sem fumaça, era fuleiragem (a empregada dizia), não servia...

A Raquel detestava servir-se de dentifrícios de farmácia. A seu ver, funcionava melhor a raspa de juá (adquirida ao mercado), e fartamente utilizada na higiene bucal. Também para clarear os dentes nada mais recomendado que pó de carvão (apanhado ao ferro de engomar), e entrouxado (após bem batido a martelo), em formato do que se dava por "boneca", e esfregado várias vezes como em polimento.

Dentuça, quem levava salientes os dentes. Se a pare-ccia saltar para fora da boca a dentadura, a lembrar piano aberto em ponto de ser tocado, recebia denominação injuriosa: "tecla-do de piano".

Bofetadas faziam sofrer menos que dentadas de gente. Mordida, quando arranhava marcando a pele, quase sempre apostemava.

Muitos anos depois eu aprenderia (graças a Deus a Ra- quel não soube disso): nada mais conveniente do que esfregar cocô de galinha no lugar mordido. A informação, em trânsito por esses dias, é de que o autor da agressão, perdia os dentes...

EMPINANDO A RAIA – II

O vento era franco pelos dias de agosto, contei.

Não aos primeiros dias do mês. Então preparada a raia, antes de o sol esquentar a calçada, urgia ganhar o azado instante de inaugurar o brinquedo, feito no dia anterior, empinando-o na rua, após repetidas carreiras disparadas pela areia.

Antes, tinha-se de cumprir o ritual: "chamar o vento". Toda boca disponível começava a assobiar. E de repente não poucos os assobios, uns mofinos e breves, de meninos pequenos que se en-

costavam aos grandes para aprender. Mas em maioria soavam os alongados, encompridados mesmo, que só esses, no referir dos experimentados, sabiam tocar, trazendo de longe para perto, o vento ideal para erguer do chão o brinquedo de papel de seda e palitos de coqueiro.

Conto tudo pelo direito, ou me amiúdo nas informações?

Não, já me ia esquecendo de referir o rabo da raia, o cuidado de se lhe acrescentar uma ou duas lâminas de barbear, umas tais já sem serventia e aproveitadas às coisas do João.

Quando o brinquedo, puxado bravamente pela linha entesada, a agitar nervosamente a cauda, podia-se ver o cintilar das giletes, geralmente duas, refulgindo ao sol, ameaçadoras.

No ar, logo aparecia outra raia para competir, e cada um dos brincantes, ali postados, nesse difundido exercício lúdico, que tentasse rocegar a cauda de seu artefato ao fio condutor da raia do competidor, pretensão tentada em repetidos e inesperados movimentos de empenho belicoso, tudo acudido pelos circunstantes em calorosa torcida e apostas.

– Dou cinco botões de jogar, contra as tuas castanhas de “Pé de Castelo”.

– Topo a fivela dourada de cinto, contra o teu canivete “Corneta”...

Dia houve, dia de tirar prazer, em que na rua apareceu um sabidão, mais para homem do que para menino, e deitou considerações de verdade inquietadoras:

– Olhem, soltar raia faz mal, pois pega coisa ruim no ar...

– Como? Que coisa ruim? – falavam todos.

– É só tentar... O que sobe bom volta podre.

Ninguém queria saber disso, mas a curiosidade acabou sendo maior; exigia comprovação.

E lá se foi ao ar um naco de carne crua surrupiada de alguma cozinha, sofregamente atado ao rabo de um das raias, a de maior enevergadura. Embaixo a torcida, a discussão.

– É demorar e ver... Quando descer – insistia o desconhecido –, vocês vão dizer se minto.

E não é que a carne voltou tisnada, escura, quae empretecida?

Valeu? A experiência intimidou? Qual, na mesma hora ficou decidido ninguém contar nada em casa. E as adoradas raias de minha infância prosseguiram empinadas.

Ainda hoje, seguem subindo, subindo sempre, e eu, longe de deixar de ser menino, a perseverar em desejo de ir com elas em direção ao céu.

O ENTERRO DA PECADORA

Que mais e boas lembranças tenho de igrejas, pela minha infância e mocidade? – é como me pergunto à leitura do livro de Francisco de Andrade Barroso sobre os templos religiosos do Ceará, e que me incumbiram de paraninfar. Deparo em suas páginas irrepreensivelmente descrita a Matriz de Paca-tuba, e ao contemplá-la, de repente me remeto ao passado, à veneranda Casa de Deus ao pé da serra, e que permanece fixada de modo indelével em minha memória.

Nessa vetusta igreja assisti as primeiras Missas do Galo, mas sempre atraído pelos batentes do patamar, aonde ia ver subirem, quando podia, os foguetes de algum cristão que só entendia o nascimento do Menino festejado com fogos.

Pois bem, nesse mesmo templo sem torre mas de sinos de indescritível sonoridade, vejo-me pelos meus catorze anos, se tanto, a conduzir dali até o cemitério da cidade – postado a cavaleiro em cômoro próximo –, desventurada jovem sucumbida em pecado de amor.

Na ausência de quem a pranteasse, de quem a levasse ao Campo Santo, os que passavam para o banho na Bica do André, quais meus primos e eu, acudimos a prestar-lhe a ines-perada piedade cristã.

Querem saber o que houve?

Sem que nuvem alguma prometesse alterar o curso do tempo, o sol (e era sol de Bíblia), se escamoteou de repente, e logo, mais depressa que logo, começou a chover, enquanto a Serra da Aratanha já agora transformada em cenário de “Cem anos de solidão”, engrinaldou de roxo e amarelo a todos os paus-d’arcos enflorados a um só tempo, e, a tanto, ágeis colibris, vindos de longe, atropelando o espaço, passaram a romper as bátegas da água que caía, o que bastou para todos compre-

enderem: “esses que voam assim não são pássaros mas flechas do Cupido...”

Curiosamente, a morta que pesava – o pecado do amor, caros leitores, pesa demais nas pessoas – de repente ficou tão leve, mas tão leve, que se volatilizando prosperou em direção ao céu, seguida dos passarinhos, da chuva, do vento, das flores amarelas e roxas dos mais belos paus-d’arcos que jamais voltaram a florescer na Serra da Pacatuba.

EU E O TEMPO

O passado ressoa em mim com os sons de tambor tribal. Sinto-me entranhado de vivências, um quer que seja indefinível mas reconfortante que é um pouco de tudo por onde andei, fiz e experimentei na vida. Tudo, mas tudo mesmo, desse modo, com fragrâncias e sons inesquecíveis, porque estou vindo de tempo em que menino não se educava na rua.Os ensinamentos sobre os quais prosperei, foram-me ensinados na universidade do lar, sala de aula de gente da estirpe de D. Maria de Jesus Melo, mulher valorosa na arte de ensinar, e na intimidade respeitável das as-cristias. Ninguém falava em ecologia por esses idos mas a natureza entrava inteira, redonda e perfumada em nossa casa; vinha de descida, da Serra da Aratanha, pressurosa por chão mais quente (o de Pacatuba); enquanto se despencavam das árvores encarapitadas na montanha, a voar, folhas e flores, dessas de pajeú enflorado, a rodopiar quais beija-flores de alguma história de Trancoso.

A família era um só coração. E solidária nos mo- mentos de alegria e infortúnio.

E o tempo, entidade desafiadora, misteriosa, não se resumia às regras atuais da burocracia pública; – desconhecia regras científicas mas se anunciava pela voz dos bichos, pelo vôo dos besouros e baratas doidas disparadas do mato, sabe-se lá de onde, e que entravam na casa, minha mãe dizendo “aquilo trazia sorte”, e os vizinhos considerando sinal de inverno, o avizinhado das chuvas, a grande e desejada loteria do cearense.

No curso dos b-r-o-brós, até antes de adentrar setem-bro, já andavam todos preocupados com o “próximo ano.”

Os mais velhos, gente que vinha de longe, cansada de ver os dias ensolarados e de pouca água, adivinhava bons augú-rios até no desconforto do reumatismo.

Achaques, dores de calo, dente dando pontada sem ver para quê, friagem nos pés ou nas mãos, tudo isso dava recado, escrevia a pouca certeza do que estava por vir, ou, desa-lentando, decretava o pessimismo.

E de noite, quando saíam todos à calçada, o tempo, o chamado tempo meteorológico, amadurecia, inserido nos co-mentários de cada um.

E perseveravam previsões, cada qual com sua senten-ça, sua maneira de ver e decifrar, e daí por diante ninguém mais abandonava a idéia de consultar os poderes de Deus, a imensidão de céu ainda não globalizado, onde as nuvens e o posicionamento de estrelas – que não eram satélites artificiais – brilhavam mais que as de hoje.

Deus era cearense, e nesse caso pacatubano: por isso dividia os seus mistérios de fazer chover ou não com a ciência e o folclore de todos nós.

Éramos todos – preciso dizer estufando o peito – felizes e profetas.

A IMPORTÂNCIA DAS PESSOAS

O endereço de pessoas e casas de comércio, na Fortaleza dos anos trinta, imbricava-se em vocabulário de indicações bastante personalizadas.

Bodegas, ou sejam, os pontos de venda, de uma maneira em geral destacavam-se pelos nomes de seus pro-prietários, ainda que ostentassem sobre as portas de acesso do público, em tabuletas vistosas, o designativo oficial da loja e ramo de negócio.

Dessa forma ia-se comprar carretéis de linha (sem esquecer a linha 40, própria para “soltar” raia), e todo material aproveitado pela máquina “Singer” de minha mãe , à loja de “seu” Gambetá.

E se a urgência era dispor de frutas para o consumo doméstico, inevitável passar pela mercearia do Lopicínio (?), de quem se contava a impiedosa anedota de usura extrema desse comerciante, flagrado certa

vez em recusar uma barata, à feição de tira-gosto escatológico para decaído bêbado, sob inusitada alegação:

– "Essa bichinha não; é a comida do meu Cancão..."

Na esquina da Rua do Imperador com a Senador Alen-car, àqueles dias, podia-se diariamente beber leite mungido, a generosa espuma borbulhando rente à beirada, ou até subindo, da caneca de alumínio.

Para todos os efeitos não se bebia leite da vaca, mas "do Rego Lima", esse o nome do dono da vacaria, homem de corpo farto e descanado. Logo saía o ùltimo freguês, aparecia empregado a deitar água ao piso de cimento, em que se rasgavam canaletas próprias de tirar para a rua, despachadas assim as sujeiras das duas ou três vacas em lactação.

Prioritariamente e em conceituação humanística tudo se identificava com pessoas, vezo ancestral – posso imaginar –, e que a toda certeza vinha vindo de anos atrás, pois uma das mercearias mais afreguesadas do final do século ("Mercearia Arruda", fundada em 1887 e localizada na Rua Formosa, 43) em propaganda estampada no "Almanaque do Ceará" já sublinhava esse sentimento de identidade humana, cordial, em chamamento aos fregueses: "Ao Arruda! Ao Arruda!"

O nome da pessoa valia tanto que, já tendo transferido a outrem sua casa de comércio, ainda prevalecia. Ver este caso colhido ao jornal o "Sol", em 1862. Dono de loja na Praça da Municipalidade, em Fortaleza, anunciava louça azul e vinho português proclamando: que tudo se punha ao alcance do freguês em "estabelecimento que foi do Sr. Bernardo J. de Mello".

A numero indicativo das casas e lojas importava, mas valia mais o nome de seus moradores e proprietários. Dizia-se assim: "É no 80, lado de cá da casa do Dr. Nazareno Pires" (Era alguém procurando a residência do Dr. Holanda, médico). Por esse tom: "A casa que o senhor quer, fica olhando a casa dos Pinheiro..." Ou: é só dobrar a esquina do "seu" Cavalcante".

Ah, como nesse mundo, que se foi, as pessoas eram importantes!

A PRESENÇA DAS CARTAS

Vai-se ver no Aurélio: madame é senhora, patroa, dona de casa. Era não, pelo menos na Rua do Imperador, pelos anos dessa rememoração (trinta), pois o vocábulo soava qual palavrão, a significar dona de pensão de *quenga*, ou seja, de rapariga, ou sob outra interpretação, cartomante, dessas geral-mente gordas e que se anunciavam com artes de ler cartas, a deslindar o oculto destino das criaturas.

Meninote de nove anos, por aí (acho que contei linhas atrás) pela mão da Raquel, ia à Praça do Ferreira pelo carnaval, a ver o corso de exibição resumida ao quadrilátero desse logra-douro, passarela na qual trafegavam automóveis em fila, e caminhões, destacado o que corria atopetado de odaliscas (alvoroçadas e histéricas), em gritos e saracoteios, criaturas definidas pelas senhoras, com total azedume:

–"São as **fuampas** das **madames**..."

Cartomante recém-chegada, por muito tempo também se chamou madame: Madame. Desse modo madame Rosita, ma-dame Selma, e se anunciavam por meio de boletins, volantes de correr de mão e mão, ou largados por baixo das portas das casas, a modo de carta anônima. Nesses papeluchos mencionado sempre que a "conceituada madame, depois de visitar o sul do país onde estivera fazendo sucesso em Rio e São Paulo", a pedido estava "nesta encantadora cidade", apta a desvendar o futuro, a fazer previsões sobre fortuna, sorte grande e dinheiro de herança, sem esquecer os casos de amor, que "toda criatura tem sempre em andamento".

Anunciavam também a esperança para quem naufragava em crise de rejeição amorosa.

O baralho, como creio ter recordado, depois de bem manuseado em jogos familiares (burro, 21, bispa etc., etc) acabava aproveitado pela dona da casa, no caso minha mãe, que não obstante condenar veemente as orações do Livro de São Cipriano, regia-se pelos ensinamentos de cartomância (hauridos noutro manual da mesma coleção), o que fazia em causa própria ou para distrair as irmãs, minhas tias, mais curiosas que desventuradas.

Reuniam-se minhas tias e amigas no quarto de casal, o primeiro da casa, a portas fechadas, para a leitura das cartas na cama.

Não invento, acredite o leitor; tenho certeza de que, em certos momentos, ainda hoje, posso ouvir claramente a voz de minha mãe explicando:

"Vejo um homem chegando pela porta da rua; mas a dama de copas, que marquei como sendo você (dizia o nome de uma das minhas tias) está distante, na linha cruzada das cartas... E aqui há também outra pessoa, pode ser invejoso (o valete de paus), mas não figura maldade, graças a Deus, e comparece "guardado" pelo rei de paus..."

Ah os mistérios da vida! O baralho, depositado em monte sobre a cama, havia de ser "cortado", providência que a Isabel fazia em cruz. Só então armavam-se as cartas, uma empós outra, debaixo de costuradas explicações sobre a mudança de vida de cada um... Tudo isso criado a bem dizer sob tensão, ainda que temporã, mas em clima ficcional ali elaborado e argamassado pela realidade, e no mesmo ritmo transcorrente, por mais paradoxal que fosse, ante o oratório de minha mãe, onde as imagens de São José, Nossa Senhora, o Menino Jesus, e atrás a mais pudica de todas as santas, Santa Teresinha, também benta pelo Pe. Nini, permaneciam complacentes àquele ritual caba-lístico. **Tudo passou**.

"Madames", daquelas espevitadas, já não lotam apenas um caminhão carnavalesco, e as outras, as de ler cartas, agora são "professoras"...

ERA UMA VEZ...

Ando pelos meus oito ou nove anos. Mamãe me mostrou o caminho do banheiro, falando com autoridade: "Vá se lavar!" Não se dizia: vá tomar banho, ou: é hora do banho.

O conceito de lavar tinha ou tem algo místico, esoté-rico, sei lá!. Lavar a casa, lavar a roupa, lavar o corpo! Em verdade havia toda uma semântica, melhor dizer, todo um vocabulário de circunstâncias, frases ou palavras que pareciam abortadas àquele instante do Cândido Figueiredo.

Sou cobrado à saída do banho quanto a meu asseio Verificam-me as unhas, o por detrás das orelhas (permita-me o leitor dizer assim, a meu modo), o dedo de minha mãe ágil, mas firme, a percorrer-lhe em esfregado dilacerador. Mas dessa vez escapo à fricção da *Água de Colônia* embebida em algodão, vu-que-vuque, até restar tudo asseado como lembram ter de andar um rapazinho de família.

As horas nesse dia (dia antigo), custam a passar.

Mas afinal acontece o jantar, a sopa de feijão engros-sada com macarrão da "Padaria Palmeira", e por diante, pão sovado, bolacha e queijo – este aprovado depois que a Raquel fez o gato comer uma lasca da casca, a testar se não estava iscado...

Desde o dia anterior acertado "a noite de histórias", contos e aventuras contados pela Raquel e outras empregadas dos vizinhos, algumas bastante idosas.

Nada mais agradável do que esses instantes de tempo sem televisão, quando o rádio era apenas uma novidade em casa de curiosos ou ricos.

Por coincidência é noite de lua, e anda um sopro ou que outra designação possa ter de claridade revestindo a fachada dos prédios, algo fantasmagórico que, pensando bem, concorre para ajudar a armação do cenário de lendas e contos, territórios impossíveis por onde transitam reis e rainhas, e o mundo travesso de anjos assexuados.

"Era uma vez..."

Tudo que se ia dizer ali, na calçada, a meninos per-plexos, começava com essa frase de palavras mágicas. E para terminar a história, pronunciada a mesma frase retórica desses contos venturosos: "O senhor Rei mandou dizer que quem souber, conte outra."

Fascinante a aventura do Sargento Verde, do famige-rado Barba Azul, ao que se saiba apontando ao longe do caminho – devia ser alguma estrada para a Pacatuba – e se aproximando ágil para degolar (meu Deus, que crueldade!) mais uma de suas esposas! Entrava bem, me distraindo, a anedota do macaco – puro folclore –, que roubava doces a uma vendedora de rua, até vir o dia da revanche, a mulher a se vingar da vigarice, induzindo o animal a furtar o engodo preparado, e ele sem perceber a acabar enredado no boneco de cera, a se fingir de vendedor.

Outra a história de maior aceitação, a do cidadão (que cidadão qual nada, forasteiro!) que se torna pensionatário de casa mal-assombrada. De noite, navega no a voz misteriosa, do alto da cumeeira, a indagar:

– Eu caio?

E o lá de baixo, o forasteiro da anedota, respondendo: "Caia!" Novamente o de cima anunciando: "Caio um braço? " – "Caia", voltava a dizer o do chão. E tudo a se repetir: "Caio outro braço? – "Caia."; "Caio uma perna?" – "Caia" E assim, a pouco e pouco, o misterioso dono da voz etérea acabava em desabar por inteiro, formando vulto apavorante. Venceu ao do chão? Nem pensar!

O hóspede que dormia na casa, possuía surrão especial em que logo, debaixo de muita de lábia, meteu nele o desavisado fantasma, carregando-o dali em fora. Assim foi-se com a **coisa**, o bicho, sabe-se lá o que era a uivar, a espernear, a choramingar debaixo de muita pancada, o pau batendo no saco, moendo vento, a coisa, o bicho, e nosso pasmo infantil.

De noite, pequena a rede para o tamanho do medo. Não minto. Tinha receio de que, a um repente e do alto do forro da casa da Rua do Imperador – pintado de cal e borrado todos os anos pela goteira das chuvas do inverno – o monstro feiticeiro voltasse a anunciar:

– "Eu caio?"; "Caio um braço?"

O BOM DO CINEMA

Bom mesmo não era ir ao cinema, mas desfilar depois da sessão do Cine Diogo, a andar pela Guilherme Rocha (não contaminada ainda pelo apelido de Rua do Ouvidor); e juntar-se a homens e rapazes (também não faltavam os basbaques) postados pelas calçadas a modo de ficar livre o espaço do meio, passeio por onde passavam as senhoras, e mocinhas espevitadas em magotes, querendo namorar.

Não havia nada mais chique, mais social, que essa pa-rada de mulheres bem vestidas, discretas e graciosas, a um tempo em que ninguém se desnudava fácil.

E como o tráfego de veículos era modesto por então, nada desse intolerável fartum de gasolina evaporada, mas o tentador perfume de mil odores – cada colo feminino a vaporizar o ambiente com inebriantes fragrâncias –, e a gente, vamos dizer, no meu caso o rapaz (que já estava em mim não de todo tímido), tomando ao olfato sorrisos e tentadores perfumes.

Não durava o desfile mais que cinco ou dez minutos.

Depois algumas moças, acompanhadas de namorados ou possíveis noivos, dirigiam-se para o "Jangadeiro", a sorveteria da moda. Atento a tudo, o dono: Luiz Frota Passos (a ilustrar o reclame do estabelecimento com seu garboso retrato de cava-lheiro elegante, de gravata) desmanchava-se em gentilezas.

Aliás jornais e revistas, como o "Almanaque do Ceará", à época, primavam em divulgar a publicidade de comerciantes, médicos, advogados, odontólogos, exibindo-lhes os retratos, ca-prichados postais.

Nessa situação o Dr. Romildo Mendes, Dr. Fernando Leite (tinha consultório no Edifício Diogo, sala 11); o pediatra Carlos Pamplona, Dr. Edmilson Barros de Oliveira e o Dr. Sylvio Ideburque Leal, esse de bigode bem recortado e pose de artista.

Eram os primeiros anos dos anos quarenta. E "Baker" despontava como marca de novo cigarro lançado pela Manu-fatura Araken, ao tempo em que eu, como "speaker" da PRE-9, repetia enfático:

– "Erre na pronúncia mais acerte no cigarro."

O "Excelsior Hotel" deslumbrava com o seus 150 "con-fortáveis apartamentos, com luz e ventilação direta, água corrente e telefone." No alto, i. é., no topo do edifício, estava o "Americano Terraço", convite para os apreciadores de cerveja.

Ia-se lá, e freqüentei-o várias vezes, por ocasião dos preparativos da quadra momina, quando, salvo erro ou omissão de minha parte, o ambiente tomava outro nome: "Sétimo Céu".

Estava em moda os homens andarem vestidos de terno branco. Camisa, de preferência da mesma cor e... peito duro. E quem não tinha essa sorte – estou nesse caso por volta de 1942 – havia de contentar-se com terno amarelo pálido feito de caroá, graças à tesoura mágica do alfaiate dos funcionários da Ceará Rádio Clube, Mário Alves, oficial

adestrado e que fazia correr a tesoura hábil a ditar a moda, como convinha. Nos altos da loja Maranguape, a alfaiataria.

Creio que aí, nesse mesmo local, tinha consultório dentário o Dr. Eduino Barreira, ainda hoje, com mais de oitenta anos, perseverando em sua arte e sem pretender mas sendo exemplo para os que se aposentam antes de tempo...

Antes de ingressar na Faculdade de Direito, o que se deu em 1943, eu era balconista do Café Peri, o estabelecimento situado na Praça da Estação 471. Até que me esforçava em andar asseado, o cabelo "glostorado"...

No manuseio do café moído, em que me ocupava horas a fio, entranhava-se-me no corpo a cafeína, ou outra substância difícil de se desgrudar do corpo, da roupa. Desse modo, quando ia na melhor da conversa com a namorada, vinha a desastrada indagação: –"Meu Deus, que cheiro é esse?!" .

E dava para explicar? Dava ?

A PROTEÇÃO DA CASA E DAS COISAS – II

Contei em dia de mais vagar e me permito repetir agora: para ir à intimidade de nossa casa, na Rua do Imperador, indis-pensável passar por debaixo da bandeirola do corredor, a armação pintada de branco e desenho vazado, fixada sobre o vão da porta de acesso ao interior. Ao nosso lá dentro...

E em assim fazendo, tinha-se de caminhar por baixo das bênçãos do Coração de Jesus, que, em moldura ovalada e ressaltada por frisos dourados, lá estava, infinitamente miseri-cordioso, a desabar suas graças sobre nossas pobres cabeças de reincidentes pecadores.

Posso adiantar que a Raquel era a mais pecadora da casa, permanentemente carente do apoio celestial. Quando az empregada "aprontava", como se diz por hoje, passava sob a faixa divina como se por lá não existisse nada capaz de abençoa-la.

Desse modo acontecia em dias em que suas artes malignas, se posso mencionar desse jeito, dimensionavam-se para as orações de

catimbó, ou para outras tantas assemelhadas, naturalmente inspiradas ao “Livro de São Cipriano”, onde aprendera a arte de sonhar com a milhar do jogo do bicho..

Ela própria, a Raquel, nunca foi a lugar mais distante, nem mesmo a alguma ponta de rua “nas areias”, para recitar, por exemplo, a “Oração da Cabra Preta”, mas chegou certa vez, sob veemente repreensão de minha mãe, a contratar em parceria com colega de trabalho, os “serviços” de conhecida “comadre” que se dispôs a ir até a rua Tijubana, nas proximidades do Cemitério São João Batista, invocar o demônio ou outro anjo danador, para a iniciação cabalística da sorte.

Por essas horas, minha mãe comentava :

“Só quero ver, Raquel, a tua coragem depois disso, de passar debaixo do “Coração de Jesus”... Olha os castigos de Deus!”

Nem sempre tamanha fortaleza religiosa de minha mãe, resistia. Principalmente caso fosse eu o enfermo, e estivesse a sofrer de persistente “dor de lado” (a tal “dor de veado” chamada dor esplênica), ou de circunstancial inflamação em consequência de estrepada em pé, algo que parecia zombar da terapia de fun-do de quintal, ou da aplicação de improvisadas pomadas.

Por então a empregada dizia: – “O menino vai ficar sofrendo por culpa da senhora... Eu tenho o “jeito”...

Tinha.

Não custava trazer à nossa casa, em hora de meu pai ausente, a rezadeira (de quem não recordo o nome), capaz de operar milagres com a “surra”, o sapecado que prometia e dava no espírito tinhoso, danador de tudo.

Vejo-me sentado, a perna da calça do pijama arregaçada, o pé puxado, perna e pé, até encostar, em caimento normal, na saia larga, larga e suja da curandeira, muito atenta à sua fulminante sessão de cura, a me consagrar estranha “reza” de palavras codificadas, umas tantas coisas propostas em tom sussurrado (e não esclarecedor), a voz trêmula, anasalada, qual de outra pessoa fosse.

Meio assustado eu me encapsulava em mim mesmo, mas às vezes tinha vontade de rir com as cócegas do ramo verde (espécie de

vassourinha, da que secada ao sol compunha a vassoura de limpar o quintal...), que a criatura ora arrastava pelo meu corpo, ora sacudia cortando o ar e as mazelas. Depois, refestelada numa cadeira, qual rainha, ela demorava um tanto sonolenta para depois ir guardar os "instrumentos" de trabalho, tudo embrulhado em pano que, mal comparado, era igual ao de passar, para limpar, o chão da casa.

E não é que depois eu me sentia melhor?

SEGUNDA PARTE

MEMORIAL DE AFEIÇÃO

SUBSÍDIOS NÃO CONVENCIONAIS (MAS CURIOSOS) À HISTÓRIA DA ODONTOLOGIA

A história da odontologia – melhor dizer, sua pré-his-tória – começa com a valorização da mastigação e avança com o aproveitamento dos recursos ígneos, sem dúvida alguma fun-damental à elaboração de alimentos. Mais por ignorância que por desasseio, juntam-se às refeições uns tantos resíduos minerais – e sem eufemismo, fragmentos de terra e sílica – , e não demoram efetivar-se as primeiras cáries, e, em conseqüência, sob estranhas influências misteriosas – as também primeiras dores de dentes.

Em livro premiado, E. Salles Cunha ("História da Odon-tologia no Brasil") menciona que a "cárie e as paradonpatias eram excepcionais então. E somente quando essas afecções se tornaram mais freqüentes, é que o homem teve a necessidade de procurar os recursos de uma arte dentária instintiva, para aliviar os seus males." (1).

Outro estudioso da matéria, Sr. Lycurgo Santos Filho, admite: no Brasil a "odontologia, nos tempos passados, foi o apanágio dos cirurgiões e barbeiros, e resumia-se na extração ou aplicação de remédios nos dentes cariados." (2).

Fica definido: o barbeiro que tosava cabelos e fazia a barba às pessoas, além da tesoura e pente apropriados a esse mister, dispunha de ferramentas para o avulsamento de dentes. Atendia em sua tenda, ou ia à casa dos pacientes.

Concediam-se por esses dias as chamadas "cartas de ofício" para os que se exercitavam como dentistas, a suceder em 1792, p. exemplo, mas tais autorizações, como de possível referir, não aludem, quer Salles Cunha, "aos barbeiros, sangra-dores ou pessoas que **tirassem os dentes".** (grifado no original).

Com a chegada da Corte ao Rio de Janeiro, o que ocorreu em 1808, o cirurgião-mor dá início (e acreditamos de modo oficial), ao processo de licenciamento de profissionais da Corte, "estendendo depois a fiscalização" a todo o reino. (3).

Com isso exultaram os sangradores e barbeiros. Na pequena divulgada por Salles Cunha, oriunda de pesquisa em que perseverou, vê-se que os novos licenciados para o exercício da odontologia, à exceção do cirurgião Antônio Vieira da Silva, presumível homem branco, todos em número de cinco são pretos forros ou escravos. Há até na relação um certo barbeiro chamado "Francisco, de nação Angola, escravo do Reverendo Alexandre Bernardino Gonçalves Reis." (4).

Pela metade do século passado, europeus (esses em maior ênfase) e americanos já estavam operando no Brasil. Leduar de Assis Rocha anotou que "Paulo Gaigneaux, dentista francês, recém-chegado" a Recife, oferecia "seus préstimos ao público, para todos os misteres de sua profissão, quer extraindo, quer limpando, quer desobstruindo os dentes naturais, quer substituindo-os por outros artificiais, para o que tem os melhores aparelhos." (5).

Na mesma época Mr. e Madame Arthyiot – igualmente na capital pernambucana –, avisavam pelos jornais dispor de "grande sortimento de dentes incorruptíveis." (6). E outro profissional, o dentista D.W. Baynon, comparecia às páginas do "Diário de Pernambuco", anunciando chumbar "dentes com ouro e prata." (7).

A avulsão de dentes podia custar até 6$ (seis mil réis), pois essa "escandalosa importância" o clínico francês Dr. Breton cobrou os seus cuidados "pelo dente que arrancou a Olivier, criado de Mr. Barrere, Cônsul da França em Pernambuco." (8).

Em Fortaleza, em 1864 – onde exercia a profissão o dentista Ignácio –, às páginas do jornal "A Liberdade" avisava aos leitores estar apto a continuar a "plantar dente pelos sistemas conhecidos, assim como pelo mais novo Volcanyt (Vulcanite), sistema que tem tido a maior aceitação em todos os lugares a que tem chegado o seu conhecimento, ainda mais por não se fazer necessária a extração das raízes (como acontece sendo o talão de ouro); é de longa duração, não acumula sujo e nem prejudica a saúde." (9).

Fortaleza esteve sempre, como fácil deduzir, à frente das inovações do exercício da odontologia, vocábulo, posso presumir, cunhada em 1873. Na capital cearense clinicava cirurgião den-tista de grande notoriedade, "notável sob todos os pontos de vista" – esclarece Salles

Cunha –, o culto Aderson Ferro, estudioso profissional que sabia analisar em que situação técnica se exercitava a odontologia pelo interior do Estado, onde ao expirar do século ainda existiam barbeiros acumulando as "funções de cortar cabelo, barbear, sangrar, aplicar bixas e ventosas, arrancar dentes..."

Sabem como andava adiantado ao seu tempo o dentista Aderson Ferro? Em 1885 pelas páginas dos jornais estava em condições de anunciar para sua clientela prover-se o próprio "gabinete dentário da afamada **cocaína** (grifado na nota)", cuja ação anestésica causava no mundo "completa revolução. " (10).

Passando do primeiro quartel deste século, obstado de entrar na Faculdade de Direito do Ceará, como almejava, Cícero Van den Brule, afilhado do Pe. Cícero Romão Batista e da Beata Mocinha, acabaria se proclamando felizardo por ter ingressado na Faculdade de Farmácia e Odontologia, da Capital, estabe-lecimento de ensino já respeitado, e desse modo, como afirma em carta, tendo a oportunidade de estudar em outra escola superior, era ela a preferida para o seu aprendizado.

O estudante tinha lá suas razões, e as disse em carta ao Pe. Cícero:

"1° Porque sempre tive inclinações para ela (carreira).

2° Porque é uma carreira que depois de formado não depende de fortuna para fazer a vida, ao passo que Farmácia precisa de um bom capital para iniciar a carreira. e por fim, Odontologia, no país, é uma das carreiras que deixa mais resultado." (11).

Tanto quanto a medicina, a odontologia sempre atraiu a "doutores" e "dentistas" improvisados, o que não ocorria apenas na área geográfica do Nordeste, o Norte daqueles idos.

Quando o escritor Jack London dispôs-se a construir um barco, batizado de "Snark", para empreender grande aventura marítima, logo pensou em se preparar para a bordo exercer as funções de dentista. Conta:

"Eu não sabia nada sobre odontologia, mas um amigo me deu um boticão e outras armas semelhantes. Depois, em Hono-lulu, comprei um livro sobre dentes. Naquela mesma cidade me apropriei de uma caveira, da qual extraí todos os dentes...e sem dor. Assim equipado, eu estava pronto, mas não ansioso, para arrancar qualquer dente que se atravessasse no meu caminho." (12).

Como dentista prático, improvisado, o grande viajante e escritor extraiu o primeiro dente a um chinês, e a coisa sucedeu de modo tão rápido, que o fotógrafo da expedição, chamado Martim, perdeu o flagrante, obrigando o "dentista" a repetir a encenação, para obter a foto que aparece no livro "**A Travessia do Snark**". (13).

A boca, na configuração essencial do corpo humano, tem considerável importância. Para Diógenes (14), e sei que é ir muito longe para citar, é "o orifício da verdade e do sentido, apesar do silêncio exigido para qualquer operação gastro-nômica."

Daí a boca – bem nutrida de bons dentes – ser a mais constante preocupação da vida em família, circunstância a não correr despercebida à inteligência de um inovador na pedagogia, como J. J. Rousseau, que ao escrever sua obra prima, "Emílio ou da Educação", sugeriu:

"Portanto, eu faria com que (as crianças) mastigassem frutas secas, cascas. Dar-lhes-ia para brincarem bastãozinhos de pão duro ou de biscoitos semelhantes ao pão de Piemonte, que na região são chamados de "grissa". De tanto amolecerem esse pão na boca, acabariam engolindo um pouco, seus dentes nas-ceriam e elas se veriam desmamadas antes que se percebesse." (15).

A boca há de estar sempre limpa, principalmente nas mulheres, das quais se há de exigir dentes brilhantes, cuidado que José Carlos Rodrigues, autor de curiosa obra de antropologia social – "Tabu do Corpo"– ensina deste modo:

"É preciso expulsar a sujeira; expulsá-la das profundi-dades, pois ela se infiltra; os sabonetes são "penetrantes", os cremes "limpam profundamente"; os microrganismos "penetram" nas pessoas – no que talvez encontremos uma das razões de ser a boca um dos mais poluíveis pontos do corpo, pois leva diretamente às "profundezas"– profundezas que são tocas onde se trama uma destruição e que se ligam também à intimidade física pessoal, e um domínio onde operam poderosas forças naturais." (16).

Os dentes, naturalmente, são órgãos de grande valor para o homem, que, em todo o percurso de sua existência – exceção feita aos desidiosos, sem dúvida alguma – "persevera em conservá-los sãos".

Universal esse zelo e até mesmo comum a aborígines quais os índios bororos que em “cada resguardo vexam-se ao temor de “gastar os dentes se alguém come com as mãos e mastiga alimentos dentro do período das restrições.” (17).

O cuidado pelos dentes prospera em todos os manuais de ensinamentos de interesse das famílias, como se vai deparar em “O Lar Doméstico”, da Sra. Vera A. Cleser, livro que em 1917 estava em sua quinta edição, e no qual observado:“Dentes: – nada mais encantador que uma boca fresca, cujos lábios deixam de quando em quando perceber dentes alvos e pequeninos.” E adiante: “Nem todo mundo pode possuir dentes pequenos e dispostos com regularidade, mas todo mundo pode, à força de cuidados diários, tê-los alvos e sãos.” (18). No mesmo lugar, aconselhado o uso do Elixir dentifrício (a pasta de dentes estava por vir, imaginamos), resultado de fórmula que reunia em volume de quase um litro de álcool cravo girofle, pilado; canela, erva doce e camomila, respectivamente em porções de 8,8, 30 e 10 gramas, respectivamente.” (19).

Não faltam livros com ensinamentos pertinentes ao que se pode definir por asseio e defesa do corpo humano. Em famosa obra dedicada aos jovens, D.Antônio de Macedo Costa, Bispo do Pará, em 1879, reserva capítulo, o de número cinco, para os ensinamentos à atenção dos cuidados da boca, aconselhando aos jovens:

“A maior parte dos meninos estragam a dentadura, ou não a limpando, ou esfregando-a com escovas duras e outras matérias que lhe fazem perder o belo esmalte, ou comendo coisas que podem denegrir os dentes.” (20).

Sempre a prosperar também a preocupação pelo trata-mento de dentes, propósito que anima até mesmo as camadas mais iletradas da comunidade. Desse modo o tradicional catim-bozeiro Dudu, recomendava cuidados realmente estapafúrdios:

“Raspar o suadouro dum chapéu de couro e colocar no dente; esquentar uma lâmina de aço, limpá-la num algodão e aplicar. Erguer um sapo cururu com a mão correspondente ao dente que dói; cera de ouvido; colocar os intestinos (?) duma mosca, sem dizer ao doente a espécie do remédio. Fumar raspas de cumaru em cachimbo de cereja...” (21).

Curiosas as simpatias, como se vai ver nesta interessante receita recenseada no interior de São Paulo por Marina Maluf e explicada no livro "Ruídos da Memória":

"Logo que vos doer um dente (era conselho de baronesa paulista, do interior), tomai um pedacinho de zinco de tamanho de uma moeda de 100 réis, e uma moeda de 500 réis; pondo estes dois metais um sobre o outro, aplicai-vos sobre o dente que vos doer. Se a dor for nervosa, ela vos deixará com este simples remédio..." (22).

As prescrições, preferimos mencionar meizinhas, de grande trânsito no meio do povo, são práticas de ressonância universal. Em Portugal, a propósito conta a Sra. Sarah P. Kalley em seu delicioso livro: "A alegria da Casa ou Raios de Luz Sobre a Vida Familiar":

"Algumas pessoas dizem que se limpam melhor os dentes areando-os com um "pouco de sal fino". Outros, empregam "giz refinado" para o mesmo fim. Outros esfregam-nos com "sabão" antes de escová-los. Todos esses meios são muito simples. e podem ser experimentados." (23).

Pelos meus verdes anos, a me queixar de dor de dente, mais que depressa acudia a Raquel (empregada de confiança de meus pais) com a sua receita preferida e desta forma lembrada em pressentida frustração:

" -Ah um dente de jacaré! Em dois minutos este menino ia deixar de chorar..."

Vê-se, assim, remotíssima, essa terapia popular; e falha, totalmente equivocada apresso-me em esclarecer, pois só muito por diante, a me tornar homem feito (como de comum men-cionado em linguagem coloquial), acabaria sabendo (a me enfronhar nas pesquisas folclóricas) que o providencial e miraculoso dente de jacaré, vendido nas feiras, e dado por "recebido diretamente do Amazonas", não passa de vulgaríssimo dente de porco...

Desse modo, na ausência de tão providencial meizinha, da qual se devia extrair raspas para atochar na cavidade do dente dolorido, o jeito apelar, de exemplo, para as aplicações diretas na cárie com

chumaços de algodão, ou, debaixo de outra versão mais enérgica e imediata, com sumo de limão e pólvora preta...

Inúmeros os remédios despropositados que conheci uti-lizados para aplacar a dor de dente, a começar da apropriação de urina (do próprio doente), tomada à boca em repetidos boche-chos em seu estado natural, i. é., saída da uretra.

Anotaram a respeito, em múltiplas referências, Oswaldo Orico, Mário de Andrade e tantos outros estudiosos, como costumeiro o aproveitamento de fumaçadas de cachimbo, o tabaco substituído por excremento seco de porco... ou por raspas do caroço do pinhão-bravo, noutras circunstâncias. Apesar de parecer nojenta, por ser mais difícil de encontrar, prevalecia a primeira receita nitidamente escatológica.

Nem mesmo o recorridíssimo Chernoviz, tantas vezes por nós apropriado em nossos estudos, chegava a ajudar nessas horas.

Vi recomendado nesse famoso formulário médico do século passado o uso do álcool ou de aguardente na "escavação do dente cariado", aí aplicado com algodão. Água de Colônia, também servia, assim como pedacinhos de Cânfora. Mas certo mesmo a aplicação do "óleo essencial de Cravo da Índia", substância extraída do "botão floral do craveiro" e a exibir o formato de um cravo de ferradura.

Meu Deus, ainda por hoje não posso ver pé-de-moleque nem doce de coco temperado com cravo da Índia, pois logo me sinto empurrado para o passado, quando o tratamento pre-liminar de cáries, em todos os consultórios, obedecia sistema-ticamente a aplicações daquele indefectível óleo essencial...

Por isso reagia sempre, e com valentia, toda vez que minha mãe me queria levar ao consultório do Dr. Raimundo Santos.

Desde a sala de espera até o instante de sentar na cadeira do amável e dedicado profissional, eu salivava só em pensar naquele esquisito sabor que por diante me obrigaria a cuspir repetidas vezes, e, com toda certeza, a provocar o incômodo de náuseas que me afetavam o estômago.

A dor de dente é episódio desagradável até mesmo na existência dos nobres.

Devia de dar bastante vexame a freqüente odontalgia de que padecia a Princesa D. Leopoldina, pois a Condessa de Bar-ral, em carta dirigida à Imperatriz do Brasil, em outubro de 1859, enfatizava:

"Ela (a Princesa) tem sofrido dele (do dente), e pode a cárie passar para outros." E categórica: "... cuido que não haverá remédio senão arrancar o dente..." (24).

Os dentes chamados de leite eram tradicionalmente com-servados de lembrança. A encantadora e eficiente Barral narra também em sua correspondência, de apreciável importância his-tórica, este episódio da família real:

"... me mandaram vir o dentista (Henrique Lemali, profis-sional estabelecido na Bahia) e que ele arrancou o dente mole da Princesa Isabel, chumbou e limou outro, e limpou-lhe a boca. Que chumbou um queixal, que assim creio que de dentes estão Suas Altezas correntes por algum tempo." (25).

E o dente de leite, que incomodava à época a Princesa D. Leopoldina, foi extraído – a princesa demonstrando, como está conta-do, grande valentia – "e meu marido lá leva (a Portugal) o dentinho como troféu." (26).

Em nota de pé de página ao livro de cartas da Condessa, Hélio Viana esclarece: "Muito comum colocar-se dente encas-toado em ouro, para enfeite, nas correntes de relógio ou ao pescoço."

Guardar dentes como recordação, troféu ou magia, não será providência só de príncipes e princesinhas. Os índios Arikênes, como descrito por Rondon e lembrado pelo Sr. Roquete Pinto, no exercí-cio do chamado culto do "pufico", conservavam "os dentes postos numa cestinha (em língua deles chamada **chipano-ita**) suspensa do tecto."(27).

Verdade: a boa dentadura, principalmente em mulher, é funda-mental para a valorização de seus encantos pessoais, pois sucedendo o contrário, ficando mal constituída ou desfalcada de seus elementos na-turais, inevitável a depreciação física que acaba por conferir aspecto pouco desejável às criaturas. Desse modo a mulher má, a bruxa, em generalizada conceituação popular, a exibir-se de boca murcha, e sain-do desta, muito saliente e macabro, um único dente, ícone de maldade,

cuja história de sua criação, no fabulário universal, perde-se na antiguidade dos tempos.

Não ter dentes, estar ou ficar sem eles, e dessa forma desdentado em razão da ação vingativa de outrem, é algo infamante e amplamente documentado no folclore.

"Quebro-lhe os dentes", diz-se em arenga, e isso é tão ofensivo como est'outra sentença – "quebro-lhe a cara". Por esse motivo, Josué Romano, intentando irritar o seu adversário em cantoria, blasonou:

"Tirei, dum cantor, dente por dente,
Bofe, fígado, garganta e coração..." (28).

Outro violeiro, Lourival Batista, a defrontar em desafio um colega de cantoria, atacou:

"O Pinto já está tão velho
Que não possui mais um dente..."

Mais ladino do que o seu contendor, o cantador Pinto deu o troco na mesma hora, a resposta atrevida e sábia:

"Mas essa história de dente,
Para mim nada adianta;
Eu não preciso de dente;
Eu quero é peito e garganta;
Pois sabiá não tem dente
É quem mais bonito canta." (29).

Maneiras de dizer, sentenças, expressões populares são muitas a evocar os órgãos de mastigação, assim como pensa-mentos em sua maioria dicionarizados: "Afiar os dentes", "aguçar os dentes", "dar os dentes", "mostrar os dentes", "meter os dentes", "dente por dente", "custar os dentes da boca", "trazer entre os dentes", "apanhar o dente", "com unhas e dentes", "falar entre os dentes", "cova do dente", "meter o dente". etc., etc. Nem os grandes autores escapam ao uso dessas expres-

sões. Pierre Loti, hoje um tanto esquecido, em livro clássico – "**O Deserto**"–, descreve: "São dois soldados turcos com uniformes, **armados até os dentes**, com a espingarda de repetição ao ombro, a cintura carregada de revólveres e cartuchos..." (30) Referências desse tipo não são raras em obras literárias, e lembradas também nas brincadeiras de crianças, como nesta adivinhação: "Tem dente, mas não tem boca; tem barba, mas não tem queixo..." (alho).

A sabedoria popular não esquece o dente. Raquel, interiorana de Guaiúba – e que em casa de meus pais ajudou na minha criação – tinha sentença funesta para definir os da família: "Parente" – repetia com desdém – "é dor de dente."

A imagem do desdentado, em particular de quem enve-lhece ficando às vezes com apenas um único dente, a sugerir dentre outras a idéia de senectude irremediável e até oprobiosa, não passa apenas pela inventiva popular.

Está em dramas eruditos, principalmente comédias.

Na peça de Aristófanes, "Plutos", personagem aí nomea-do de Rapaz, convida a seu parceiro de diálogo, a Velha da trama, para ambos se exercitarem jogando. Desconfiada, a anciã quer-se esclarecida quanto ao desafio proposto.

Daí a cena de "Plutos":

"O Rapaz – *Adivinhar o número dos teus dentes*.

Crémilo – *Eu também sou capaz de adivinhar. Ela (a mulher) tem três, ou talvez quatro...*

O Rapaz – *Perdeste; não tem senão um grande.*" (31).

Mas perder os dentes não significa apenas o resultado da negligência a asseio bucal. Os dentes, para o pensamento de muitos povos, "são a imagem dos anos e da vida neste mundo." Se se vão, perdidos um a um, a desfalcar a arcada dentária. ao longo do tempo acabam significando velhice, proximidade do fim da existência.

Portanto "quando um homem vê em sonho que seus dentes caíram e que não tem mais nada dentro da boca, isso quer dizer que sua vida vai acabar e que os anos que dispõe a viver não chegará até ele."

(32) Do mesmo modo “quando alguns dentes desapareceram e outros ficaram, deve preparar-se para ver sua vida abreviada...” (33)

Por isso mesmo sempre têm andado as criaturas preo-cupadas com os avisos, os sinais, tudo que a esse respeito é sugerido mesmo em sonhos, a advertir:

“...quando um homem sonha que um de seus dentes molares caiu, deve enxergar nisso o anúncio da morte de um inimigo, conforme a expressão popular: “Fulano é um dente molar para Sicrano.” (34).

De Michel Onfray a sentença: “A boca é o local da his-tória e a história é apenas um perpétuo recomeçar.” (35). Assim como a inteligência precisa estar sempre disponível para pesquisar, a reelaborar o quotidiano, a vida a que se pode chamar de história, os dentes por sua vez devem manter-se afiados, preparados para o exercício de sua função repetitiva e necessária à existência das pessoas. Aliás não me expresso bem em tentar explicar de modo conveniente, quando digo “afiar”, que trans-formar os dentes em serrilhas tem sido preocupação de vários povos, a partir dos que vivem no extremo Oriente, em África ou mesmo nas Américas. (36).

“A limagem das arestas cortantes dos dentes”– informa ainda Calvin Wells – “é de todos os métodos o mais empregado, encontrando-se muitas variantes, com predomínio do simples entalhe em firma de V, ou “aresta de serra”. (37).

Muitos escravos no Ceará, pela metade do século pas-sado, tinham prazer em exibir a própria dentadura bem cuidada (talvez certo mencionar: deformada) graças à ação da limagem, ato que tornava os caninos bastante agressivos a fingir o recorte de um serrote. Dessa maneira o escravo Luís, fugido da casa de Manuel da Penha Carvalho, em 1856, tinha os “olhos arre-galados”, “signais de panos brancos pela cara e pescoço, espadaúdo, pernas finas e alguma coisa cambada para fora, pés grandes, **dentes limados**...”

O jornal “Cearense”, de 4 de dezembro de 1869, dava conta aos leitores de que o escravo Inocêncio, fugido aos seus donos da freguesia de Cachoeira (Riacho do Sangue), era “mulato claro”, de “altura regular, pouco cabelo e pouca barba, pescoço curto e bastante grosso, **dentes limados**...”

Ciezar León – a informação é de Calvin Wells – esteve no Equador , e pelo que viu, afirma “categoricamente que a mutilação dos dentes era ali praticada pelos caciques e pelos nobres”

Os dentes, por outra maneira de ver, não cumprem somente a óbvia função mastigatória. O cordão umbilical é cortado com os dentes em muitas comunidades interioranas ainda hoje, e, de modo particular, pelos índios.

Desse modo anotou Roquette Pinto (38). Inusitada serventia da atividade dos dentes? Nem tanto, pois o historiador, Dr. Richard Gordon, conta que o cirurgião Robert Liston (1794-1847) “segurava o bisturi ensangüentado com os dentes” (...) “para ficar com as mãos vazias.” (39).

Vimos até aqui o dente como troféu; o dente a significar aviso, ou utilizado como apreensor, objeto de sustentação... Po-díamos até acrescentar, o que fazemos já: o dente como arma de defesa, bstante usado pelas mulheres...

Mas isso não é dizer tudo, pois falta o episódio verídico de soldado português, herói anônimo, ocupado em defender valentemente um dos baluartes em Diu, quando ali todos os seus companheiros já restavam mortos. Pois bem, de repente a lhe faltarem as esferas de chumbo para o que seria o derradeiro tiro de mosquete contra os turcos, que defrontava, desesperado mas decidido arrancou um dos dentes para municiar a arma e efe-tuar o último disparo.

O fato causou tamanha impressão, e foi registrado em li-vro pelo cronista holandês Phillipus Baldaeus, em 1671. Canelhas, pintor lusitano, documentou para os pósteros a inusitada decisão do seu compatriota, a municiar a arma com o próprio dente. A tela (quadro) tem o extenso título explicando a atitude brava desse lusitano: “*O soldado português que não tendo bala arrancou um dente, carregou o mosquete e disparou contra o inimigo.”* (40).

O guerreiro do além-mar confirmava apenas a tradição da utilização do dente como instrumento de trabalho. Segundo Calvin Wells, mais uma vez citado por nós, “muitos homens primitivos empregavam os dentes como ferramentas.”

E na proximidade do assunto convém saber que a odontologia dos egípcios apesar de boa, não competia com a dos etruscos que praticavam “magnificas pontes de ouro para segurar os dentes soltos no maxilar ou repor algum que tivesse sido extraído.” (41). “Coroas e pontes de ouro” já eram usadas em Roma 450 a.C. (42).

A que preço? Não tenho como informar. Mas no século passado, no Brasil, mais precisamente em Recife, segundo o pesquisador Leduar de Assis Rocha era esta a tabela de serviços executados

‘Tirar delicadamente um dente
pela raiz 4$ 2$ 1$ Apartar perfeitamente os 4
dentes incisivos do queixo
superior 10$ 8$ 6$
Idem,queixo inferior 10$ 5$ 6$

Chumbar um dente com
qualquer metal branco 4$ 1$
Idem, de ouro, sendo
preciso 5$ 5$ 5$

A primeira coluna representava os preços cobrados em Recife e Boa Vista; bairro próximo; os da segunda, em Santo Antônio; a terceira, por trabalhos feitos em domicílio. (43).

Em 1909 no Ceará, mais precisamente em Crateús – e me valho das informações de Raimundo Raul Correia de Lima , – eram estes os preços:

“Obturação a ouro, 20$000; obturações em platina, 5$000; restaurações a ouro, 30$000; em platina, 7$000; obturações em massa granito (cimento),5$000; restaurações em platina, 70$000; em alumínio, 20$000; em porcelana ou pivô, 20$000.” (44).

Para nomear determinadas situações quanto ao estado de saúde dos dentes ou de serviços nesses executados, existe termi-nologia toda especial adotada pelo povo. O escritor Gilson Nascimento anotou em livro “Retalhos de Verão”, de sua autoria:

“Borboleta”– incrustação a ouro em dentes anteriores vizinhos, o que dá idéia de duas asas de borboleta; “Aterrar”, obturar à amálgama dentes, molares em geral, com cáries de grandes proporções; “Dente crescido”, dente que é inflamado, dá-nos a impressão de estar crescendo, i.é., sendo expulso do alvéolo; “Caixa do dente”, alvéolo dentário.(e o que é o alvéolo senão uma espécie de caixa onde o dente se aloja?) “Cacimba”, dente cuja coroa, destruída na parte central, dá-nos a impressão de uma cacimba, um poço. Havia alguns clientes que usavam a expressão **chumbar** o dente, aludindo a uma obturação à amál-gama material obturador cuja cor se assemelha à do chumbo.” (45).

O grande odontólogo cearense”, Aderson Ferro, em seu trabalho pioneiro – “Higiene da Boca”– publicado no último quartel do século passado, fez anotações sobremodo curiosas a respeito de dentições tardias e precoces, e outras curiosidades.

Conta aí, às páginas 73, 74 e 75, que, por exemplo, Luiz XIV nasceu com “todos os dentes”; mas em compensação alude a pessoa que só aos 19 anos viu nascer-lhe o primeiro. Em Paris o dentista cearense conheceu colega de profissão, de 18 anos, que nunca lhe nascera dente. Nas mesmas circunstâncias conheceu um cavalheiro de cinqüenta anos que nunca teve dentes, e, nessa mesma condição, uma senhora de setenta anos, com a particularidade: só depois dos setenta anos os dentes começavam a aparecer com os “mesmos sintomas da dentição da infância”.

Esse formidável dentista cearense aplicava anestesia em Fortaleza, como já esclarecemos antes, em 1885, narrando o acontecimento desta forma:

“Assim é que, sem dor absolutamente alguma, procedi ontem no Senhor Nabor de Albion Chagas, digno proprietário da casa de modas “Notre Dama de Paris” a avulsão do segundo grosso molar inferior, aplicando uma pequena camada de algodão embebida numa solução de

cloridrato de cocaína, e injetando, ao longo da gengiva que o costurava ao alvéolo, algumas gotas da referida solução.” (46).

Linhas atrás referi que já se executavam coroas e pontes mais de quatro séculos antes de Cristo. E em Seu tempo? Os dentes eram bem cuidados? Que medidas de higiene transcorriam a respeito?

Em verdade os perfumes por esses recuados dias eram usados à larga. Há fragrâncias de todos os tipos, principalmente os oriundos da mirra, do bálsamo e da canela. Maria Madalena – conta Henri Daniel-Rops – “ungiu os pés de Jesus” com nardo, que provinha da Índia.”

Mas para nós vai bastar informação de que infelizmente não existiam escovas, principalmente para o asseio de dentes. Por isso mesmo, para purificar o hálito – segue contando Daniel Rops – de comum o “uso da “pimenta de cheiro”, sem dúvida “uma espécie de anis.” (47).

Os dentes na Bíblia não ganham muitas referências, mas em Ez 18,2 pode-se aprender: “Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram.”

Em Jó 19.20: “Os meus ossos se apegam à minha pele e à minha carne, e salvei-me só com a pele dos meus dentes.”

Noutra passagem, em Dt 19.21: “Não o olharás com pie-dade: vida por vida, olho por olho, dente por dente.” O mesmo pensamento, que sem maior análise nos parece rebarbativo, está repetido em Ex 21.24: “Olho por olho, dente por dente.” E noutro lugar, em Ct 4.2, esta mensagem de sensibilidade román-tica: “São os teus dentes como o rebanho das ovelhas recém-tosquiadas”.

Ë para concluir essas observações a esse tema, que se já vai encompridando em demasia, vale ouvir atentamente, como fecho, a descrição da terceira idade (metafórica, sem dúvida) como sugerida no Eclesiastes:

> “No dia em que os guardas da casa (**os braços**) tremem
> E os homens fortes (**as pernas**) se curvam
> e aqueles que moem (**os dentes**), um a um
> parar de moer, cai a escuridão sobre os que
> olham pelas janelas...” (48).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1 – Cunha, E.Salles – “História da Odontologia no Brasil – 1500-900”, 3 ª edição, Editora Científica, Rio, MCMLXIII, p. 19.
2 – Idem, p. 82.
3 – Idem, p. 87.
4 – Idem, ibidem.
5 – Rocha, Leduar de Assis – “Velhos Médicos,Velha Medicina” Recife, 1953, p. 120.
6 – Idem, p. 123.
7 – Idem, p. 117.
8 – Idem, p. 115.
9 – “A Liberdade”, ano II, nº 111, de 5 de outubro de 1864.
10 – Cunha, E. Salles – o c., pp. 201, 202 e 228. 11 – Silva, Antenor de Andrade – Padre Cícero, Mais Docs. para sua História”, Escolas Profissionais Salesianos, Salvador, 1989, p. 255.
12 – London, Jack – “A Travessia do Snark”, Editora Best Seller, Circulo do Livro Ltda., São Paulo, 1996, p. 304.
13 – Idem, p. 306.
14 – Onfray,Michel – “O Ventre dos Filósofos”, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1889, p. 38.
15 – Rosseau, J.J. – “Emílio ou Da Educação”, Editora Fontes, São Paulo, 1995, p. 58.
16 – Rodrigues, José Carlos – “Tabu do Corpo”, Achimé. 2ª edição, Rio, 1980, p. 119.
17 – Bastos, Abiguar – “A Pantofagia ou as estranhas práticas alimentares da selva”, Brasiliana, v. 381, Cia. Editora Nacional, S. Paulo, p. 110.
10 – Cleses, Vera – “O Lar Doméstico”, 5ª edição, Francisco Al- . Ves & Cia, Rio, 1917.
19 – Idem, p. 127.
20 – Costa, D. Antônio de Macedo – “Compêndio de Civilidade . Cristã”, edição (?) Liv. Francisco Alves, Rio, 1932.
21 – Cascudo, Luís da Câmara – “Novos Estudos Brasileiros”, Cia. Civilização Brasileira S.A., Rio, 1937, p. 117.

22 – Maluf, Mirna – “Ruídos da Memória”, Editora Siciliano, S. Paulo, 1995, p. 226.
23 – Kalley, Sarah P. – “A Alegria da Casa ou Raios de Luz sobre a Vida Família”, Liv. Evangélica, Lisboa, 9ª edição, 1916, p. 43.
24 – Condessa de Barral – “Cartas a suas Majestades – 1859/ 1870”, Min. da Justiça, Arquivo Nacional, Rio, 1977, p. 28.
25 – Idem, p. 28.
26 – Idem, ibidem.
27 – Pinto, E. Roquette – “Rondônia”, 5ª série, Brasiliana, CEN, São Paulo, 1938, p. 286.
28 – Cantoria com Serrador (Manuel Leopoldino de Mendonça) em S.José do Egito, in “Antologia dos Cantadores”, de Francisco Linhares e Otacílio Batista, UFC, 1976, p. 187.
29 – Idem,o c., pp 355, 356.
30 – Loti, Pierre –”O Deserto”, Casas Editora Hispano – Americana, Paris, s.d., p. 166.
31 – Aristófanes – “Plutos”, 9ª edição, trad. de A. Lobo Vilela, Seára Nova, Lisboa, 1940, p. 75.
32 – Najzawi, Muhammad – “Os Campos Perfumados”, Martins Fontes Editora, São Paulo, 1994, p. 120
33 – Idem, ibidem.
34 – Ibidem.
35 – Onfray, Michel – o. c. p. 118.
36 – Wells, Calvin – “Ossos, Corpos e Doenças”, Editorial Ver- bo, Lis boa, 1971. P. 178.
37 – Idem, ibidem.
38 – Pinto, Roquette, o.c., p. 251.
39 – Gordon, Richard – “A Assustadora História da Medicina”, Ediouro, São Paulo, 1996, 6ª edição, Rio, p. 73.
40 – Baldeus, Phillips – “Baldaeus Reisen”,Amsterdam, 1671, 2; **in** “Homens, Espadas e Tomates”, Rainer Daehardt, Nova Acrópole , Porto, 1996, p.159.
41 – Wells, Calvin – o.c.
42 – Idem, ibidem.
43 – Rocha, Leduar de Assis – o.c., ibidem.

44 – Lima, Raimundo Raul Carneiro de – “Crateús (dos índios Cratiús ao Homem Civilizado) “, Fortaleza, 1995, p. 126.
45 – Nascimento, Gilson – “Retalhos de Verão”, Z M F Editora e Promoções Culturais Ltda., Rio, 1996, p.94.
46 – Cunha, E. Salles – o.c., ibidem.
47 – Daniel-Rops, Henri – “Vida Diária de Jesus”, Ed. Vida Nova. São Paulo, 1961, pp. 196,198.
48 – Chouraqui, André – “Os Homens da Bíblia”, Companhia de Letras, São Paulo, 1990, p. 192.

.

OS HOLANDESES, A IGREJA REFORMADA E O SEU PREDICANTE NO CEARÁ (SÉCULO XVI)

O mais temido e ousado *vrybuster* (Zumthon, 1969, p. 340), qualificação a significar flibusteiro, o holandês Klaes Caapann, cognominado o "terror dos mares", ao embarcar para sortida náutica pelos inícios do século XVII, atirou "por cima da amurada a Bíblia, o Saltério e o Diário de bordo", a fim de poder agir desembaraçadamente, sem as limitações quer espirituais quer profissionais.

Como calvinista sabia que a Bíblia prendia o homem a seus deveres e à Fé.

Dito assim seja mencionado: conquanto não separadas ainda da Espanha, em 1579, a Holanda e seis províncias em assembléia se concertavam alinhadas. Era o resultado do Tratado de Ultrecht, pelo qual se consideravam perseverando súditas da coroa espanhola mas reivindicando "o direito de dar culto a Deus e de se governarem segundo o seu modo de ver." (Lindsay, s.d., p. 132).

Pelos dois anos à frente a Holanda estaria desvencilhada da Espanha, proclamando a independência. Seguir-se-iam dias tormentosos e aos quais não faltará nem mesmo a ação, por exemplo, de "fanático católico" prostrando a tiro Guilherme de Orange. Em clima de instabilidade política, dão-se confrontos à mão armada. Vem a guerra. E em decorrência, estabelece-se clima de insegurança que transita ate o ano de 1604. (idem, p. 123).

Prospera no entanto a nova fé ancorada nas proposições da Reforma, repassadas às comunidades, nos Países Baixos, "por teólogos franceses, educados ao calvinismo". (idem, ibidem).

T.M.Lindsay, doutor em Teologia e professor de História Eclesiástica, ressalta duas "particularidades do presbiterianismo" neerlandês: as sessões da igreja contavam com a atuação "de mi-nistros e presbíteros, de certo número de congregações" qual se fosse um presbitério. E só em raras oportunidades "podia deliberar como igreja" em razão, em parte", do clima de ciúme experimentado pelo "Estado protestante" e

também em de-corrência da própria constituição das Províncias Unidas. (idem, p. 1350).

A essas informações cabe-nos ajuntar a idéia, ainda que breve, de como eram as gentes da Holanda em seu quotidiano e como, de modo inusitado, a religião alcançava as próprias rela-ções e comportamento familiares.

Inspiravam-se todos para o caminho da salvação, o que lhes ia pelos ensinamentos do catecismo de Heidelberg, e cujos resumos manuscritados é que supriam os fiéis, concorrendo para o incremento das chamadas "discussões ociosas" que a propósito de tudo se davam, até acontecendo em sala de aula das escolas dominicais a ingênua indagação se Eva havia comido maçã ou pera... (Zumthon, p. 108).

Enquanto por então o exercício do culto católico apelava para os sentidos, a "liturgia calvinista" agia exclusivamente através da inteligência", o que se deve entender pelo acerto da pregação. Em verdade, na Igreja reformada, a prédica tinha grande importância, acontecendo de os sermões se encom-pridarem, muito alongados, a demorar às vezes de duas a três horas... (idem, p. 110).

Os predicantes dessa época, basta rever os relatos dos observadores, faziam-se conscientemente exigentes. Não permi-tiam, hajam vista, os "cabelos compridos dos homens", nem tampouco os detalhes de ostentação, excluídas como adereços nos indumentos as jóias. E pasmem, até os pães em forma de figurinhas de bichos ou pessoas, estavam proibidos à mesa, assim como interditado o uso do café e do tabaco.

Os católicos a seu turno não deviam exercer cargos públicos importantes, vistos por indesejáveis os que os ocu-pavam. Os pecadores, quando submetidos à correção da Igreja, eram duramente penalizados. Querem exemplo? Em Amsterdam, Spinoza, o grande pensador, acabou sendo cortado da mesa da comunhão. E em virtude de "ter vivido maritalmente com sua criada, depois de viúvo, outra personalidade artística da época, (nada menos que Rembrandt), aparece citado perante o Conselho da Igreja e a amante proibida de comungar.(Idem, p. 116 e ss).

Como andavam as pessoas? Todos, mas todos mesmo, caminhavam sobre tamancos. Raros os sapatos, a ponto de em Longe Dik, aldeia

holandesa (conta Paul Sumthom), por esses dias só existirem “três pares de sapatos”.

Eram recitadas orações antes e depois das refeições. E a toque de sino e a som do “tambor da guarda” a população recolhia-se diariamente às dez horas da noite. O teatro, conde-nado pelos pregadores; e os casais que se hostilizavam em casa, punidos com rigor. Se cabia culpa ao marido, ele é quem pagava a multa no “valor de um presunto”; acontecendo de ser a mulher a transgressora da boa regra do conviver em família, entrava para os cofres da igreja com o valor de dois presuntos.

O culpado condenado por homossexualismo recebia penalidade realmente cruel: “costurado dentro de um saco” ia jo-gado “ao mar”, que mar é que não faltava por ali. E de outra forma, em pena aparentemente mais leve, ganhava “reclusão perpétua”.

Mesmo diante dessas apenações ferozes, as mulheres da-vam-se ao vício da bebida até mais que os homens. E prati-cavam o adultério, envolvendo às vezes a figura dos próprios predicantes.

E nos lares? O marido fazia tudo para não parecer frágil. Presidia à mesa das refeições. Lia salmos e orava em voz grave e pesada para a família que abrangia, nesse conceito, os empregados domésticos.

Sob análise religiosa, em rigor o “calvinista ou o luterano não pertence apenas a uma família em cujo seio desabrocha sua piedade pessoal; pertence também a uma paróquia onde se realizam os exercícios coletivos dos fiéis e o consistório controla sua conduta”. (Debrun, tomo 1, p. 103).

Portanto, é imprescindível a participação direta do pastor (predicante), assim como do mestre-escola, do concurso do consistório dos anciãos (integrado pelas pessoas idosas de mais destaque), de consoladores de enfermos, além de encarregados (ao menos um indivíduo em cada templo) para controlar o silêncio. A comunhão efetiva-se quatro vezes ao ano. E como ainda esclarece Lebrun, “antes de comungar, cada fiel entrega a um ancião uma espécie de ficha pessoal” com a qual é possivel evidenciar a sua identidade. (idem, p. 106).

Entende o protestante ser “eleito de Deus”, e “viver segundo a lei, gratuitamente, e sem contrapartida.” No fundo mesmo, fácil reconhecer é “ele um irrecuperável individualista”. Por essa razão Claudel

dissse a seu respeito – “reza sozinho, mas o católico reza na comunhão da igreja” – (idem, p. 111).

Entretanto, no tocante a empreendimentos financeiros e comerciais os holandeses não prosperavam senão com a colabo-ração de muitos. Desse modo sucederia com a “primeira frota das especiarias das Índias Orientais”, em 1599. Outro consórcio não demoraria acontecer: o que constituiria a Companhia Unida das Índias Orientais, com o objetivo de “eliminar a competição destrutiva entre holandeses e reunir recursos para estabelecer o monopólio do comércio marítimo das especiarias e de todas as outras mercadorias.” (“Poderes da Coroa, 1600-1700”, p.120).

Nítida proposta de expansão de negócios e conquistas, algo tutelado pela política nacional, com os empregados (não seria melhor dizer funcionários?) “autorizados a travar guerra, concluir tratados de paz, construir fortes e recrutar pessoal civil, militar e naval, todos presos por um voto de fidelidade à Com-panhia.” (Idem, p. 121).

Sob tamanho espírito de afirmação comercial, política e religiosa, os holandeses não tardariam, mais à frente, alcançar o Brasil, depois de terem pisado a América do Sul, nas Guianas, em 1616.

Por diante, ao que nos interesse mais de perto, contar-se-á por miúdo...

*

Era um sábado de desespero, suor e lágrimas. E ódios. O mundo e o Brasil andavam pelo meio dia “pouco mais ou menos”, como narra um cronista desses feitos, e o calendário marcava o l1 de fevereiro de 1631. Enquanto o valoroso Gen. Matias de Albuquerque com sua gente, e “por os caminhos que achavam mais acomodados, se retiraram para o sertão, e para os engenhos, e fazendas, os holandeses se senhoreavam da vila de Olinda e arredores.” (Calado, 1 Vol., p. 45, 1945).

Na oportunidade e a entusiasmo maléfico da vitória (po-der-se-á referir desse modo?) os flamengos pareciam ter desembarcado na terra que acabam de conquistar com o espírito que animou aquele Klass Compaan: aliviados da Bíblia, do Saltério, do Diário de bordo.... e da própria Fé...

Ah, a intransigência religiosa persevera por esses tempos. E agrava o ânimo guerreiro de cada um em todo e qualquer cenário da conquista.

A Bíblia, acode a lembrar Simon Schama (1992, p.102), é tanto "fonte de analogias para a história" desses dias "quanto talismã inspirador no campo de batalha." Sob o mesmo ra-ciocínio: "se os inimigos eram tão perversos que se fazia neces-sário seu extermínio, tornavam-se os amalecitas, aos quais era proibido poupar..." (...) "Se o chefe era simples general, tornava-se Josué; se os reforços eram escassos, acostumava-se a invacar Gedeão..." (idem, ibidem)

Esse por assim dizer o clima incontrolável a animar os homens em guerra àqueles tempos, momentos de intensa exa-cerbação religiosa, circunstância de que não se livraram os que deparavam cidades e soldados vencidos. Mesmo clima que se testemunhou por ocasião da expulsão dos franceses, do Brasil, em 1567, e que a história registrou: "Quando cessaram os pelouros e as bombardas, começou a sangue frio a execução dos vencidos." (Ribeiro, 1953, p. 122). Não restou naquele con-fronto um tamoio com vida e os franceses, à morte, "na hora do extermínio, foram pendurados em paus..." (Idem, ibidem). Du-plamente inimigos, porque calvinistas....

No campo religioso as ações exprobáveis eram genera-lizadas

Na invasão do Maranhão, de exemplo, a 25 de novembro de 1641, os holandeses *hereges* (assim referidos pelo histo-riador) "despedaçaram a imagem de Nossa Senhora do Des-terro" e no exercício da pilhagem não escaparam nem mesmo os "religiosos de São Francisco, em cujo convento também fizeram em pedaços a imagem de Santo Antônio." (Marques, 1970, p.407).

E em anos antes, em Recife?

Na efetivação do saque os invasores ocuparam as resi-dências, as casas de negócios, e "enterraram por as igrejas, de-pois de lhe roubarem os ricos, e custosos ornamentos, e fazerem em tiras muitos deles, quebravam em pedaços as imágens de Cristo, e da Virgem Maria e dos outros santos, e os pisavam com os pés com tanta coragem, e desaforo, como que se com isto lhe parecesse que extinguiam a fé Católica Romana..." (Calado I, 1945, p. 45).

Já pelo ano de 1636 a igreja reformada, no Brasil, seguia organizada como se pode ver entre outros documentos pelas atas das classes

religiosas, apostilas, assembléias etc., conforme pes-quisas procedidas em 1911, na Holanda, pelo dr. Pedro Souto Maior (in Crespian, 1917, p. 89). Estava começando aí a fase de maior progresso e estabilidade da ocupação de Pernambuco.

Davam-se casamentos notadamente de batavos e lusos, mas deviam de existir – lembra Frans Leonard Schallwijk – "casamentos legítimos entre os holandeses e africanos como sugere o livro de batismos da igreja reformada em Recife". Não raros, pode-se ainda acrescentar, "casamentos entre holandeses e moças indígenas batizadas." (Schalkwijk, 1986, pp. 76,77).

Os "mais conhecidos desses casamentos" – está men-cionado no mesmo lugar – "foram daqueles que trabalharam durante algum tempo como "diretores dos índios". Quanto ao Ceará, no tocante surgiram vários problemas "relacionados com esses enlaces, tendo em vista que o clã indígena era muito hermético e zeloso, e que levou o governo a proibir catego-ricamente tais casamentos." Sobre dito assunto o reverendo Kemp (vê-se no original a que nos atemos), que atuou a serviço religioso no Ceará, em 1651, não considerou *aptos* para casar com os holandeses os seus índios, fato que – sob o pensamento de Schalkwijk – parece confirmar o problema local já tratado de modo oficial. (Idem, p.76).

Não apenas por esse motivo mas em função do trabalho religioso exercitado por missionários protestantes no Nordeste – e em rigor mais atenuado no Ceará – encorajo-me à idéia de que realmente não foram raros os casamentos celebrados na região envolvendo tanto a portugueses como membros da nação indígena, situação de que cuidaremos como fecho destas linhas, e antes tratando – pela curiosidade dos episódios – do desem-penho da igreja reformada entre nós, certamente ligada ao Esta-do. (idem, p. 36).

Pelas pessoas presentes e assuntos discutidos nas sessões de classe da igreja, aprende-se que o corpo de cooperadores (que representavam a liderança religiosa), compunha-se de predican-tes, anciãos, consoladores de enfermos, mestres-escolas e um responsável pela manutenção do silêncio nas proximidades do templo, o curioso "batedor de cães".

Em uma segunda sessão, pela tarde, no ano dce 1637, em razão de convir que os predicantes se interessem na catequeses dos índios,

portugueses e negros, aprovaram-se algumas iniciativas como a de "estabelecer mestres-escolas" tanto holandeses como 'ndios, e, sendo possível, nas próprias aldeias. (Crespin, 1917, p.94).

Na oportunidade sugerida a manutenção de "índios no Recife à custa da Companhia", para se instruirem na doutrina assim como o preparo de "resumido catecismo em língua espanhola, com algumas orações". (idem, ibidem).

Decorrem preocupações quanto ao batismo de índios e negros, restando acertado noutra sessão, a oitava, na mesma data referida, que "os filhos de pais não batizados não poderão receber o batismo, antes que os pais sejam instruídos na verdadeira religião e depois batizados." Mas se já batizados, reconhecendo a Jesus Cristo, podiam receber o batismo. (idem, p. 98).

A Assembléia daquela data cuidou ainda de **gravamino geraes** que eram a liberdade com que se praticava o papismo; idem, dos judeus na realização de seus cultos divinos; a desor-dem da religião entre os negros que não freqüentavam a igreja; o problema dos casais vendidos separados; atos de adultério e prostituição sem punições, e, por último, o pecado de os ditos negros trabalharem aos domingos. (idem, p. 14).

Reduzido o número de consoladores de enfermos, fato deplorado em Assembléia. No acampamento se achavam três de origem holandesa, inglesa e francesa; no forte das Cinco Pontas, um; outro "no forte Ernesto, um em Goiana, um no forte Orange, Serinhaém; um no *Ceará* (grifamos), e mais alguns para preencher as vagas..."(idem, p. 103).

Em 1636, D.Thomas Kempius, religioso inglês, subme-teu-se a um exame do consistório para tornar-se proponente. Desse modo a dissertar "sobre o Evangelho de São João Batista, 16, que agradou ao auditório."

Funcionou de examinador, tomando o exame em latim, D. Samuel Batiler. Os demais irmãos diante das respostas dadas por Thomas Kempius, concederam-lhe a aprovação para seu desempenho na igreja como proponente, em inglês.

Em 1638 Thomas Kempius obteve licença para viajar a Metrópole, inclusive com a aprovação do Supremo Conselho. (idem, pp. 89,90 e ss).

Ao regressar da Holanda, Kempius apresentou-se aos seus superiores na intenção de cooperar como proponente. Por conhecer a língua

portuguesa, a Igreja considerou-o apto a prestar instruções a índios. (idem, p.112), autorizando-o a se exercitar como mestre-escola.

A 21 de novembro de 1640, o pregador Doorenslaer "demonstrou a conveniência de promover D. Kemp, atual mestre escola dos índios a predicante", o que só acabou acontecendo algum tempo depois.

Lendo-se as atas das sessões da igreja reformada, de Pernambuco, fica a idéia de que, por inveja ou outra qualquer razão, os religiosos não tínham a esperada boa vontade pelas postulações do pregador inglês, sempre, acuda-se a esclarecer, ajudado insistentemente por Doorensalaer, que acabou conse-guindo ver o seu protegido na condição de predicante.

Não desvalioso o trabalho do mestre escola Kempius, a ponto de o próprio Doorensalaer registrar em ata o "progresso dos índios na religião", fato que o fez lhes administrar a Páscoa. (idem, pp. 132,141).

Admissível a presença de um consolador de enfermos, fato que se depreende pela informação de que, para o Ceará, "tomado em dezembro de 1637", já em janeiro de 1638 "procu-rou-se um consolador para a fortaleza ali existente". (Schalhwijk, 1989, p. 101).

Mas sem a menor dúvida cabe a Thomas Kempius mar-cante atuação da doutrina protestante desde o instante em que fundeou a 3 de abril de 1649, no Mucuripe, a frotilha comandada por Matias Beck.

Repetidas vezes Thomas Kempius é citado no diário do valoroso comandante batavo, pelo que se pode ajuizar o grau de consideração em que o tinham. A presença de Kempius está lem-brada desde o momento em que se incorpora, na Paraíba, à missão ao Ceará, o que sucederia a 23 de março de 1624.

Já no Ceará, conforme anotado no "Diário de Matias Be-ck", em contacto com os do lugar os índios "mostraram-se igualmente muito alegres com a vinda do min. Kempius, por-quanto tinham muitas crianças para batizar e adultos para casar, que até agora viviam juntos ilegitimamente por falta de ministro para os casar." (Beck, Diário in "Três Documentos", 1967, p. 232).

Pelas atas do Sínodo e Classes a que vimos referindo, percebe-se que na moldura de transgressões religiosas parece na realidade inserir-se considerável parte de fiéis. De verdade neces-sário entender a exis-

tência de exageros dos que aceitam e discu-tem os problemas, tal a estreiteza de avaliação do trabalho e circunstâncias em que operavam os predicantes à época.

Na **Gravamina Geraes** a que nos reportamos antes, a Classe entende "que os pecados de prostituição e adultério são cometidos em tão grande escala, e por tantos, que não causaria surpresa que a cólera de Deus abrangesse a toda essa terra." (Crespin, in apêndice, p. 105). Em face da ação dos judeus, que se tornam cada vez mais dominadores, na Sessão quinta da Clas-se, do ano de 1640, é aprovada representação dirigida a "S. Exa. e ao Supremo Conselho" denunciando servirem-se os judeus dos cristãos "para creados em suas casas e de cristãs para suas concubinas" etc., etc. (idem, p. 137).

Em Sessão de Classe, ocorrida em dia do mês de julho de 1644, tratadas várias questões conjugais. Ainda aí, nessa ocasião, deram-se algumas curiosas comunicações: "Em primeiro lugar, que um índio, que abandonou a esposa, tem relações com a madrasta, que é mantida por um português. Em segundo lugar, que um outro índio tem 2 mulheres. Em terceiro lugar, que um homem cuja mulher tem vida desonesta, vive em concubinagem com outra mulher." (idem, p. 151).

Para Pierre Moreau e Roulox Baro, por esses dias "ju-deus, cristãos, portugueses, holandeses, ingleses, franceses, ale-mães, negros, brasilianos, tapuias, mulatos, mamelucos e criou-los, coabtavam promiscuamente." (Moreau, Roulox, 1979, p. 320).

Ainda que descontado algum exagero, fica a idéia de que as relações entre sexos nem sempre se faziam sob aceitáveis preceitos cristãos ou morais porventura ensinados à época. Assim, por ligações as mais diversas (das quais nem todas justificadas pela ética do tempo) concertaram-se essas gentes em suas mais diversas conjunções, duradouras ou não, das quais resultaria em muitos casos uma prole com acentuada presença de sangue nórdico.

Tal pensamento adotado por estudiosos em nossa região (Nordeste) é negado pela opinião de expressivos historiadores que cuidaram do assunto, à frente, sem dúvida, Luís da Câmara Cascudo. Este tem raciocínio que começa com a afirmação que não elimina de todo a possibilidade da existência do fato que se menciona.

Desse modo escreve o aludido autor:

"O domínio holandês teve influência étnica bem de escassa importância (grifamos). A explicação dos olhos azuis e cabelos louros como persistência do tipo batavo no sertão (que eles ignoravam) é apenas esquecimento do observador aos variadíssimos braquicéfalos e dolicocéfalos louros, olhos azuis, comuns na região do Entre Douro e Minho e nas Beiras, fontes para o Brasil, especialmente para o Norte." (Cascudo, 1956, p. 48).

Continuando...

Na "História do Rio Grande do Norte" Cascudo registra (de modo parcimonioso, lembre-se) que os "calvinistas faziam vir um **Kankentrosten**, fazendo pregação e visitando enfermos..."
(idem, pp. 87, 88).
Não vai por aí...

Na ata da classe reunida em Recife, a 17 de outubro de 1641, está mencionado: "D. Cornelius Leomnus, Predicante (pastor, portanto) no Rio Grande e D. Joahannes Ungenade, Predicante no Rio São Francisco, foram dispensados (de fre-qüência **por causa da grande distância das suas residências."** (o destaque é nosso). (Crispin, 1917, apêndice, p. 139).

O primeiro culto, depois da conquista do Rio Grande do Norte pelos holandeses, em 1633, teve lugar no Forte Reis Ma-gos. E aí (antes Forte Ceulen) "funcionando a igreja reformada." (Schakwijk, 1989, pp. 100, 101, 102).

Quanto a possíveis mestiços – vem a tempo repetir o que Capistrano de Abreu anotou para o Nordeste, no tocante, dando-os como decorrentes de "possança da mestiçagem, brasílico-galicana" – , desenvolvo agora o pensamento de José Antônio Gonsalves de Mello, ilustre autor de "Tempo dos Flamengos, que considera não ter o episódio ora comentado "favorecido ou mesmo visto com bons olhos pelo poderoso flamengo". O Supremo Conselho (predicantes etc., etc.) sempre desauto-

rizaram as uniões e mancebias da sua gente com as índias. (Gosalves de Mello, 1979, p. 210).

Mas aconteciam, e como!

No Ceará, sabe-se por intermédio de Kempius, que, de certa feita, três das gentes holandesas "estavam desejosos de casar com mulheres brasilianas, desejo também partilhado por diversos outros (**versheyden anderen)** em serviço na mina e na fortaleza." (idem, p.211).

A seu turno escreve Schalkwijk, sucediam casamentos **entre holandeses e moças indígenas** (destacamos), continuando a praxe dos franceses refornados na Baía de Guanabara do século XVI"

Desses matrimônios foram os mais conhecidos aqueles que "trabalhavam durante algum tempo como "diretores dos índios". A exemplo "Willien Donckers, Jacb Kint, Jacob Rabi. Roelox Baro e Pieter Peersyn." (Schalkwijk, 1989, p.76).

Estudiosos, recentemente, têm concorrido para ajudar a entender essa situação, mas longe ainda de incidirem em aquies-cência unânime.

Sob a compreensão de Gustavo Barroso, "quem viaja pelos sertòes, malgrado o domínio holandês ter sido quase exclu-sivamente praieiro, encontra homens do tipo acentuadamente flamengo, fortes, membrudos, alourados, de olhos estranhamente azuis.

De sua parte tem esta impressão o historiador Tomás Pompeu Sobrinho: "Os flamengos concorreram de modo não tão desprezível para o cadinho com que se fundia o povo nordestino. Percorreram mais ou menos demoradamente a costa e por toda a parte deixaram vestígios de sua passagem quer na cultura quer na ordem étnica." E adiante: "Ainda se encontram nos sertões nordestinos tipos que, por atavismo, lembram a constituição somática, a cor da pele, dos olhos e do cabelo etc., etc., dos fla-mengos." (Studart Filho, in "Revista da Academia Cearense de Letras", 1956, p. 31).

Mas o próprio Carlos Studart Filho discorda, dizendo: "A verdade é, porém, que os flamengos pouca talvez nenhuma interferência tiveram na formação étnica dos sertanejos nordes-tinos".

No tocante vale transcrever, de Marcos Antônio Fil-gueira, as oportunas considerações a nosso interesse por agora: "A família Gracisman (descendência de Joris Gartsman Van Werve) perpetuou

“gens” do famoso “commander” no Ceará e Rio Grande do Norte. Foi das primeiras-famílias a se fixar na Ribeira de Jaguaribe, no lugar que hoje se chama Gracismões, nas proximidades do Rio Quixeré. Ao que parece foi fundada nessa região pelo comissário Teodósio de Gracisman, neto de Joris Garstman, que, a 4 de novembro de 1707, comprou curral do córrego das canavieiras, do tenente-coronel Francisco Bar-bosa Colaço. No Rio Grande do Norte há os Gracismões Galvão.”

Mais para a frente: “Theodósio de Gracisman e Joana Barbosa são tronco de várias famílias do Baixo Jaguaribe (Aracati, Russas etc) como sejam os Costa Lima, os Ferreira da Costa e Porto, dentre outras.” (Filgueira, 1988, pp. 19,20).

O mesmo autor em curioso e elucidativo estudo (“Na-poleão e o Nordeste do Brasil & Outros ensaios”) oferta-nos mais “algumas pistas” sobre possíveis descedentes batavos. Des-sa maneira anota:

“O historiador e geanologista Francisco Fausto de Souza registra a tradição sobre a descendência holandesa do Alferes Manuel Nogueira de Lucena, fundador da família Camboa de Mossoró: “pelo nome, vê-se que o alfares Manoel Nogueira de Lucena, descendia de portugueses, mas os sinais característicos, segundo a tradição, denunciavam a ascendência holandesa igualmente.” (idem, ibidem).

*

Em livro publicado em 1993 o prof. Vinícius Barros Leal alinha-se com os que (não são raros), julgam imerecentes as atividades dos flamengos no Ceará pelo século XVI. Em seu modo de ver as coisas eram assim: “...apesar de alguns argu-mentarem que eles (os holandeses) trouxeram pregadores e abriram capelas da religião luterana”, os seus próprios “diários, as crônicas e relatórios” apontam que mais “serviam esses reverendos de **enfermeiros** (destacamos) que de evangelizadores. Na língua deles eram chamados de “consolador”, pois apenas aliviavam as lágrimas dos emborrascados soldados após as correções de seus sargentos.” (Leal, 1993, p. 53).

O comentário desse modo feito repete, data vênia, a desinformação sobre o exercício religioso da igreja reformada, assunto que só mais

próximo de nós passou a ser estudado e melhor esclarecido. O consolador, na comunidade presbiteriana, pelo menos àqueles dias, sem dúvida alguma era *meio* pregador.

Em verdade o consolador cuidava de enfermos, pois segundo Shalkwijk – em quem nos arrimamos preferencialmente – , "havia muitos doentes no Brasil holandês", diante dos casos freqüêntes de "escorbuto, disenteria, malária e varíola, doenças venéreas e outros tipos de enfermidades, cabendo nessas circunstâcias a assistência das autoridades, o que se fazia por intermédio dos "curadores", designação que quer significar a presença de três holandeses, quatro portugueses e a igreja reformada." (Schalkwijk, 1989, p. 192).

Mas prosseguindo nesse raciocínio, o trabalho do "conso-lador" abria abrangente leque, a concorrer tambem para o preparo de "testamentos e assistindo a condenados", assim como cuidar no repasse de ensinamentos religiosos nas "igrejas sem pastor local", atividade que alcançava o interesse dos próprios indígenas. (idem, p. 193).

No mesmo lugar o mesmo escritor esclarece: "o nome de "consolador" tinha como sinônimo a palavra "admoestador" ou "leitor" ("veermaner"ou "voorlezer"). A denominação mais usada era de "consolador de enfermos" ("ziekentroostar" ou "vertrooster"), a significar obreiro pastoral "leigo", cuja função seria, por exemplo, denominada por agora de "evangelista". (idem, p.194).

Para investir-se na função de consolador, precisava o religioso provar sua capacidade de "ler corretamente a Bíblia em voz alta e cantar, sem erros, os 150 Salmos de Davi, metri-ficados." (idem, ibidem).

D. Thomas Kempius nada mais foi, a inícios de seu mi-nistério, que modesto cnsolador de enfermos. Para subir hierarquicamente teve de se submeter (vimos linhas atrás) aos dirigentes da Igreja, examinado por comissão de pastores, oportunidade em que dissertou sobre tema inspirado em São João, 16.

Por que São João? Por ter o apostolo João definido (naquele lugar) a identidade do consolador, dando-o por advo-gado de pecadores enfermos (enfermados também pelo pecado) diante do império das leis divinas.

Consolador, ensina John D. Davis, é vocábulo decorrente do grego (**Parákletos**) e "segundo S. João 14-16, se revela como advogado

dos pecadores, conselheiro.” (Davis, 1983, p. 124). Ou como quer, à sua vez, o dicionarista Aurélio: “Defensor, protetor, mentor.” (Aurélio, 1975, p. 1032).

Podemos imaginar (sem exagero, acrediamos) que necessariamente no século XVI o consolador não tinha por obrigação cuidar apenas de doentes e soldados penalizados nos quartéis, mas acudir diretamente ao coração dos desidiosos ao cum-primento dos Mandamentos de Deus.

Resumindo, em hora de conclusão: damo-nos por con-vencidos de que sem maiores pretensões acabamos de acres-centar ao capítulo da presença dos holandeses no Ceará (pelo menos aí) algumas idéias que precisam estar agendadas, pois são indescartáveis na necessidade de chegar a uma definição mais exequível do exercicio da Igreja Reformada em sua obstinada estrutura organizacional.

E em decorrência, pela proximidade desse tema, apro-veitar alguns curiosos subsídios que, a toda certeza, identificam em seus contornos mais definidos a invulgar figura do pregador inglês D. Thomas Kempius, falecido no Ceará, e referido sim-plesmente nos estudos da maioria dos pesquisadores por Kemp ou Kempis.

Por último, considerarmos que a pouco e pouco vai-se robustecendo a idéia (e algumas razões) de que o “gens” fla-mengo realmente imprimiu-nos a sua marca.

Nota : Estava concluído o presente estudo, quando Rita Krommen – despojada de espírito clerical – publicou valioso livro : “Mathias Bekc e a Cia. Das Índias Ocidentais”, edição da Casa de José de Alencar (UFC), Fortaleza, 1997, no qual deparamos informações que se compatibilizam com as que exprimimos no curso do nosso pensamento. Desse modo, a autora mencionada registra dados que confirmam a importância do trabalho missionário desenvolvido pelos holandeses no Ceará. Na obra (em trans-crição) ficou expresso com bastante ênfase : “Está evidente assim que a influência flamenga no setor religioso foi especialmente grande e que também ainda se manifestou por alguns anos depois da rendição. Isso pode-se explicar, de um lado, pelo zelo religioso e habilidade de Thomas Kempins...” (o.*c., p.114; ver também as pp. 76,77).*

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CALADO, Frei Manuel, 1945 – "O Valeroso Lucideno", Tomo 1.II e III Livros, 2ª edição, Edições Cultura, S. Paulo.
CRESPIN, Jean, 1917 – "A Tragédia de Guanabara ou História dos Protomártires do Cristianismo noBrasil", c. apêndice contendo Atas e Classes do Brasil, Tip. Pimenta, Rio.
CASCUDO, Luís da Câmara, 1956 – "História do Rio Grande do Norte", Ministério da Educação e Saúde, Rio.
DAVIS, John D., 1983 – "Dicionário da Bíblia", JUERP, São Paulo.
FILGEUIRA, Marcos Antônio, 1988 – "Napoleão e o Nordeste do Brasil & Outros Ensaios", Col. Mossoroense, série C., Vol. CDXXXVII.
LEAL, Vinícius Barros, 1993 – "Colonização Portuguesa no Ceará", Casa José de Alencar, UFC, Fortaleza.
LEBRUN, François, 1989 – "As Reformas: Devoções Comunitáriass e Piedade Pessoal"in "Hist. Da Vida Privada", C. de Letras, São Paulo.
LINDSAY, T.M., s.d. – "A Reforma", Liv. Evangélica, Lisboa.
MARQUES, César, 1970 – "Dic . Hist. Geográfico da Prov. Do Maranhão", 3ª edição, Liv. São José, Rio.
MOREAU, Pierre – BARO, Roulox, 1974 – "História das Últimas Lutas no Brasil entre Holandeses e Portugueses", Editora Itatiaia, São Paulo.
RIBEIRO, João, 1953 – "História do Barsil", 14ª edição, Livraria São José, Rio.
SCHAMA, Simon, 1872 – "O Descobrimento da Riqueza (A Cultura Holandesa na Época de Ouro) ", Cia. de Letras, São Paulo.
SCHALKWIJK, Frans Leonard, 1989 – "Igreja e Estado no Brasil Holandês, 1630 – 1654", Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, São Paulo.
ZUMTHOR, Paul, 1989 – "A Holanda no Tempo de Rembrandt" , Cia. De Letras, São Paulo.
NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, 1975, Nova Fronteira, Rio.
PODERES DA COROA – 1600-1700, in Coleção Hist. em Revista, Abril Livros Ltda., 1992.
REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, 1992, Fortaleza.
TRÊS DOCUMENTOS DO CEARÁ, 1967, IOCE, Fortaleza.